



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**SAMUEL BERNARDO DA TRINDADE**

**ASPECTOS DA INTERDISCURSIVIDADE DOS ENUNCIADOS  
POLÊMICO-RELIGIOSOS EM TORNO DAS SEXUALIDADES E IDENTIDADES  
DE GÊNEROS DISSIDENTES**

Salvador  
2018

**SAMUEL BERNARDO DA TRINDADE**

**ASPECTOS DA INTERDISCURSIVIDADE DOS ENUNCIADOS  
POLÊMICO-RELIGIOSOS EM TORNO DAS SEXUALIDADES E  
IDENTIDADES DE GÊNEROS DISSIDENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Língua e Cultura.

Linha de Pesquisa: Linguagem, Cognição e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Elmo José dos Santos.

Salvador  
2018

**SAMUEL BERNARDO DA TRINDADE**

**ASPECTOS DA INTERDISCURSIVIDADE DOS ENUNCIADOS  
POLÊMICO-RELIGIOSOS EM TORNO DAS SEXUALIDADES E IDENTIDADES  
DE GÊNEROS DISSIDENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Língua e Cultura.

Data de aprovação:

Salvador, 14 de janeiro de 2019.

Componentes da Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Elmo José dos Santos (PPGLinC/UFBA)  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Nilton Milanez (PPGEL/UEFS)  
(Membro)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Iracema Luiza de Souza. (PPGLinC/UFBA)  
(Membro)

Dedico este trabalho a:

Jeferson, meu companheiro e amigo presente em todas as horas. Pelo grande incentivo no dia a dia para que eu atingisse esse objetivo;  
D. Nancy e S. José Mesquita, meus pais (*in memoriam*) que torcem sempre por tudo que eu faço;  
Todos que veem na religião o caminho da igualdade, da fé e do amor do Deus que não faz distinção de pessoas.

## AGRADECIMENTOS

Ao *Eternulo* por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

À UFBA/PPGLinC, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram desenvolver meus conhecimentos e crescimento acadêmico.

Aos meus pais, *in memoriam*, Nancy e José Mesquita pelo amor, incentivo e apoio incondicionais.

A meus irmãos, por mostrarem sempre o seu incentivo e apoio.

Ao meu orientador Prof. Dr. José Elmo dos Santos que com paciência doou seu tempo na tarefa de auxiliar-me para produzir um este trabalho, pela motivação fundamental de cada encontro e pelo incentivo na pesquisa da Análise do Discurso.

À professora Dr<sup>a</sup> Palmira Virginia Alvarez (PPGLinC/UFBA) e ao professor Dr. Arivaldo Sacramento de Souza (PPGLitCult/UFBA) que deram contribuições relevantes na qualificação deste trabalho.

Aos colegas da turma de 2014, todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

À equipe da Secretaria do PPGLinC que sempre foi solícita no atendimento para além de suas funções laborais.

*Deus não faz acepção de pessoas.*

Atos 10.34 (NT)

*Um só Senhor, uma só fé, um só batismo;*

*Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós.*

Efésios 4.4-6 (NT)

[...] o desejo de viver a mensagem de Jesus de forma a incluir, e não excluir; curar, e não ferir; pacificar, e não guerrear; encorajar, e não desanimar; libertar, e não aprisionar; incentivar a liberdade e a criatividade de pensamento.

***Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo***

TRINDADE, Samuel Bernardo da. **Aspectos da interdiscursividade dos enunciados polêmico-religiosos em torno das sexualidades e identidades de gêneros dissidentes**. 158 f. il. 2018. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

## RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo apresentar alguns aspectos da análise interdiscursiva que constitui e atravessa dois posicionamentos discursivos em torno das sexualidades dissidentes e identidades de gêneros dissidentes. Buscou-se analisar, pelo viés da Análise do Discurso de orientação francesa, conforme os conceitos postulados por Dominique Maingueneau, principalmente, nas teorizações apresentadas em suas obras *Sémantique de la Polémique* (1983), *Gênese dos Discursos* (2008), *Discursos Constituintes* (2000) e *Novas Tendências na Análise do Discurso* (1997), os posicionamentos discursivos das igrejas cristãs fundamentalistas e das igreja cristãs inclusivas frente à fé dos sujeitos da população LGBT. A análise dos enunciados polêmico-religiosos fundamentalista e inclusivos coletados em algumas materialidades discursivas referentes às sexualidades dissidentes, não pretendemos abordar linearmente, mas analisar os dois discursos, mas a partir dos conceitos de polêmica e interincompreensão constitutivo do discurso. procuramos verificar como se constitui o espaço de trocas (interdiscurso) que antecede a gênese dos dois discursos: o Discurso Excludente e o Discurso Inclusivo. Como constituição do arquivo e banco de dados, buscou-se material disponibilizado na internet sobre os dois posicionamento discursivos que constituem um discurso religioso na mídia: Jornal Folha Universal (Edição 1.134 de 29/12/13 a 04/01/14, matéria de capa com o título “Alguém Acreditou Neles”, Edição 998 de 22 a 18/05/11, matéria de capa com o título “Você Aprova?”). Programa De Frente com Gabi, SBT, no dia 03/02/2013, Programa Superpop da Luciana Gimenez, Rede TV, no dia 15-04-13 que entrevistaram o Pr. Silas Malafaia, Sites da Igreja da Comunidade Metropolitana, uma igreja inclusiva e o Documentário, O Mesmo Amor, produzido pela Igreja Para Todos, uma igreja inclusiva. A análise dos enunciados polêmico-religiosos se dá a partir de traduções e elaborações de simulacros do Outro que são evocados como registros negativos, o discurso do Outro no discurso do Mesmo, o que caracteriza um procedimento fundado na interincompreensão. Os resultados das análises revelam que os dois posicionamentos discursivos analisados o Discurso Excludente e o Discurso Inclusivo, apesar de partilharem de um mesmo espaço discursivo e compartilharem semânticas globais semelhantes estão em relação polêmica por buscarem sua legitimidade enquanto voz de Deus. A presente dissertação, embora não esgote as problematizações acerca da natureza da polêmica estabelecida nesses discursos, lança um novo olhar sobre a questão, em especial, no que diz respeito ao estudos da polêmica em defesa de que o procedimento encontra seu fundamento na interincompreensão.

**Palavras-chave:** Polêmica como Interincompreensão; Discurso Religioso; População LGBT.

TRINDADE, Samuel Bernardo da. **Aspects of the interdiscursivity of controversial-religious statements around dissident sexualities and gender identities.** 158 f. 2018. Dissertation (Master degree) - Institute of Letters, Federal University of Bahia (UFBA), Salvador, 2018

### ABSTRACT

The present dissertation aims to present some aspects of the interdiscursive analysis that constitutes and crosses two discursive positions around the dissident sexualities and identities of dissenting genres. It was sought to analyze, through the French Discourse Analysis bias, according to the concepts postulated by Dominique Maingueneau, mainly in the theories presented in his works *Sémantique de la Polémique* (1983), *Genesis of Discourses* (2008), *Discursos Constituyentes* (2000) and *New Trends in Discourse Analysis* (1997), the discursive positions of fundamentalist Christian churches and inclusive Christian churches in the face of the faith of the subjects of the LGBT population. The analysis of the fundamentalist and inclusive polemical-religious statements collected in some discursive materialities referring to dissident sexualities, we do not intend to approach linearly, but to analyze the two discourses, but from the concepts of controversy and constitutive interincomprehension of discourse. (interdiscourse) that precedes the genesis of the two discourses: the Exclusive Discourse and the Inclusive Discourse. As a constitution of the archive and database, we searched for material made available on the Internet about the two discursive positions that constitute a religious discourse in the media: *Folha Universal* (Edition 1.134 from 12/29/13 to 04/01/14, issue of cover with the title "Someone Believed in them", Issue 998 of 22 to 18/05/11, cover story with the title "You approve?"). *Program Front with Gabi*, SBT, on 03/02/2013, *Luciana Gimenez's Superpop Program*, Rede TV, on April 15-13, which interviewed Fr Silas Malafaia, *Metropolitan Community Church Sites*, an inclusive church and the *Documentary, The Same Love*, produced by the Church For All, an inclusive church. The analysis of the polemical-religious statements is based on translations and elaborations of simulacra of the Other that are evoked as negative records, the Discourse of the Other in the discourse of the Same, which characterizes a procedure based on inter-comprehension. The results of the analyzes reveal that the two discursive positions analyzed in the Exclusive Discourse and the Inclusive Discourse, although sharing the same discursive space and sharing similar global semantics, are in controversial relation because they seek their legitimacy as a voice of God. The present dissertation, although it does not exhaust the problematizations about the nature of the controversy established in these discourses, throws a new look on the question, especially, with respect to the studies of the polemic in defense that the procedure finds its foundation in the interincomprehension.

**Keywords:** Controversy as Interincomprehension; Religious Discourse; LGBT population.



## LISTA DE ABREVIATURAS

AC - Análise de Conteúdo

AD - Análise do Discurso

AIE – Aparelho Ideológico do Estado

ARE – Aparelho Repressivo do Estado

CD - Campo Discursivo

CID - Código Internacional de Doenças

ED - Espaço Discursivo

FD - Formação Discursiva

FS - Formação Social

ICM - Igreja da Comunidade Metropolitana

IPT - Igreja Para Todos

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

OMS - Organização Mundial da Saúde

TI - Teologia Inclusiva

TQ - Teologia Queer

UD - Universo Discursivo

## SUMÁRIO

|          |  |            |
|----------|--|------------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b>  | <b>11</b>  |
| <b>2</b> | <b>INTERDISCURSO E POLÊMICA COMO INTERINCOMPREENSÃO</b>  | <b>16</b>  |
| 2.1      | Discurso em Perspectiva  | 16         |
| 2.1.1    | Discursos Constituintes  | 26         |
| 2.2      | Diálogos com Foucault  | 32         |
| 2.3      | O Primado do Interdiscurso   | 36         |
| 2.4      | Relações Interdisciplinares  | 45         |
| 2.5      | O Discurso Polêmico  | 49         |
| <b>3</b> | <b>O DISCURSO RELIGIOSO EM PERSPECTIVAS</b>  | <b>59</b>  |
| 3.1      | Uma Visão da AD Francesa e de Dominique Maingueneau  | 59         |
| 3.2      | Igreja, Linguagem e Ideologia  | 63         |
| 3.3      | Discurso Religioso e Ideologias  | 65         |
| 3.3.1    | A Atualidade das Ideologias  | 72         |
| 3.4      | De uma Hermenêutica Fundamentalista à uma Análise Discursiva da Bíblia   | 74         |
| 3.5      | O Discurso Religioso Cristão na Perspectiva Fundamentalista  | 77         |
| <b>4</b> | <b>A IGREJA E A SEXUALIDADE</b>  | <b>81</b>  |
| 4.1      | Interdiscursos Fundadores  | 81         |
| 4.2      | Uma Perspectiva da Teoria Queer  | 86         |
| 4.3      | Sexualidades e Identidades de Gêneros Dissidentes  | 91         |
| 4.4      | Práticas Discursivas de Igrejas Cristãs Fundamentalistas e de Igrejas Cristãs Inclusivas                       | 94         |
| <b>5</b> | <b>ANÁLISE DOS ENUNCIADOS POLÊMICO-RELIGIOSOS</b>  | <b>103</b> |
| 5.1      | A Formação do Arquivo e <i>Corpora</i>   | 104        |
| 5.2      | Categorias de Análises e Discussões  | 106        |
| 5.3      | Aspectos do Funcionamento do Discurso Religioso sobre as Sexualidades e das Identidades de Gêneros Dissidentes | 108        |
| 5.3.1    | Documentário: O Mesmo Amor   | 112        |
| 5.3.2    | Folha Universal I/II e Entrevistas com Silas Malafaia (Superpop e De Frente com Gabi)                          | 120        |
| 5.3.3    | Sites das Igrejas da Comunidade Metropolitana  | 133        |
| <b>6</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  | <b>145</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS</b>   | <b>148</b> |
|          | <b>ANEXOS</b>  | <b>152</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo proceder a um estudo acerca da polêmica como interincompreensão, a partir de uma perspectiva interdiscursiva, apresentada por Dominique Maingueneau (1983, 1997, 2000, 2008) em seus trabalhos nos estudos da Análise do Discurso, como *corpora* de pesquisa, enunciados de algumas materialidades linguísticas divulgados na mídia que têm como temática o posicionamento discursivos de igrejas cristãs fundamentalistas e de igrejas cristãs inclusivas frente à fé dos sujeitos da população LGBT<sup>1</sup>.

Nasce de uma necessidade de entender como os sujeitos de Deus, sujeitos pertencentes à população LGBT que são privados de direitos, e mais especificamente, do direito de pertencer uma religião definidamente que os inclua e bem como, de vivenciá-la. Assim, se pergunta sobre o lugar desse sujeito quer professar sua fé e não sendo aceito; mas se aceito, é visto como pecador, desprezível ao olhos de Deus.

Assim, nosso objetivo geral, se deu em torno da análise de enunciados de dois posicionamentos discursivos que se opõem mutuamente, apesar de dialogar os mesmos "semas", considerando sua semântica global, dos discursos religiosos cristãos de igrejas fundamentalistas e de igrejas inclusivas no mesmo espaço discursivo em relação polêmica.

Para tal fim, elegemos como objetivos específicos: a) selecionar os enunciados de materialidades diversificadas na mídia, a partir de análise intersemiótica referentes aos dois posicionamentos discursivos em destaque, o Discurso Fundamentalista (DF) e Discurso Inclusivo (DI) que estão em relação polêmica; b) classificar os posicionamentos discursivos religiosos, em funções de análise da pesquisa, no campo discursivo, considerando a especificidade dos discursos religiosos de matriz judaico-cristã, em especial, na perspectiva católico-protestante. Para isso, elegemos um espaço discursivo em que pelo menos há dois discursos em relação polêmica; e c) elaborar quadro dos "semas" que compartilham uma rede interdiscursiva, caracterizada pela semântica global, demonstrando a relação de polêmica como interincompreensão compartilhadas nos enunciados que formam esses dois discursos que se opõem mutuamente.

---

<sup>1</sup> Sigla é o nome dado ao conjunto de letras iniciais dos vocábulos (normalmente os principais) que compõem o nome de uma organização, uma instituição, um programa, um tratado, entre outros. A sigla funciona como um substantivo/nome que nomeia os seres no mundo. Neste caso, apresenta-se em forma de uma sigla que funciona como um substantivo coletivo de indivíduos não cis, não hétero, mas sim, de categorias de *sujeitos da população LGBT*.

Conforme apresenta Maingueneau (1997, 2008) em seus estudos em que a polêmica se estabelece entre o discurso inclusivo das igrejas cristãs inclusivas parte, justamente, da oposição entre esses dois filtros ou, como afirma Maingueneau (2008, p. 52) esses dois operadores de individuação. No discurso polêmico, o próprio enunciado do Outro traduzido pelo enunciado do Mesmo já deem provas implícitas que trata-se de discursos que se antagonizam, se repelem, numa determinada cadeia discursiva.

Para o Discurso Inclusivo ser cristão é, acima de qualquer coisa, agir em favor dos sujeitos da população LGBT a fim de incluí-los, não os vendo como pecadores. Do outro lado, está o Discurso Fundamentalista que determina como principal característica a heteronormatividade e a cisnormatividade como sãs para a vida cristã. É nesse debate polêmico que os dois posicionamentos discursivos entrecruzamento, dialogam os semas que se percebe o Discurso inclusivo e o Discurso Fundamentalistas num verdadeiro embate em busca da legitimação e da hegemonia dentro do espaço discursivo.

Relação com as ideologias apresentadas por Louis Althusser (1985), em os *Aparelhos Ideológicos do Estado*, quando discorre sobre a funcionamento das ideologias na linguagem e nos discursos religiosos. Ao analisarmos os discursos religiosos, remete-nos às suas ideologias materializadas na linguagem. Assim, o direito privilegiado da Igreja, representante de Deus, de sua voz. Vê-se que Igrejas inclusivas, entendem que, assim como as igrejas fundamentalistas, elas também, têm a legitimidade de falar em nome de Deus. Mesmo reconhecendo que não é Deus, mas portadora dessa voz e com credenciais de porta-voz, contra os silenciamentos, violências simbólicas e ideológicas de diversas formas aos sujeitos da população LGBT.

Nos diálogos com Michel Foucault (1996, 2008, 2009), inicialmente, abordamos os conceitos relacionados aos estudos do discurso, nos quais os estudos dos discurso de linha francesa. Dentre eles, *A Ordem do Discurso*, mais especificamente sobre as formações discursivas e o reconhecimento das sociedades do discurso. No segundo momento, ao debruçarmos sobre as sexualidades, buscamos em *História da Sexualidade I: A vontade de saber* que trazem relevantes contribuições históricas e de conceitos relevantes aos estudos sobre a sexualidade humana. Em busca de entender mais sobre a sexualidade e a identidade dissidentes, trazemos os estudos de Guacira Louro (1997, 2013) dos estudos recentes da Teoria Queer no Brasil e de Musskopf (2003, 2008) que em seus estudos traça relações relevantes entre as igrejas cristãs e os estudos queer.

Um dos conceitos relevantes na construção da dissertação é o de discursos constituintes, por se tratar não de um discurso fundado, mas do caráter de um discurso fundador como apresenta Maingueneau (2000). Logo, nas análises, conceitos de semas, nos quais se tomam compartilham praticamente a grade semântica dos dois posicionamentos discursivos e o conceito de polêmica como interincompreensão são relevantes nesta pesquisa por apresentarem caminhos para realização de uma análise interdiscursiva do discurso religioso.

Assim, selecionamos o espaço discursivo, ou seja, estabelecemos os subconjuntos de formações discursivas, considerado rede de interação semântica em que define um processo de interincompreensão generalizada, pois julgamos pertinente como procedimento de análise. "No modelo, isso se manifesta no fato que cada discurso é delimitado por uma grade semântica, que em um mesmo movimento funda o desentendimento recíproco." Maingueneau (2008, p. 99). Logo, tendo em vista sua necessidade de seleção de enunciados a fim de estabelecer um espaço discursivo no qual traçamos comparações através da Polêmica como Interincompreensão no discurso inclusivo e no discurso fundamentalista.

O discurso religioso já conhecido como um discurso ideológico, como um discurso fundador, pois dele nascem tantos outros discursos que remetem ao texto bíblico em relação intertextual. Os discursos aqui apresentados, tanto o discurso fundamentalista, caracterizado com excludente e o discurso inclusivo, são ideológicos e, enquanto discurso religioso tem suas características ideológicas, estão em embates por buscarem sua legitimidade.

Assim, o discurso inclusivo desqualifica o discurso fundamentalista e este desqualifica o outro. Cada posicionamento discursivo, sustenta sua autoridade e legitimidade enquanto igreja, de falar em nome de Deus. O discurso inclusivo, destacando que tanto Deus quanto sua Igreja são inclusivos, e portanto, se legitima em falar em seu nome e de falar de seus filhos: os sujeitos de sexualidades e identidades de gêneros dissidentes.

Considerando, a diversidade, a multiplicidade e a dinamicidade das identidades de gênero e das expressões afetivo-sexuais são próprias dos processos de construção de sujeitos e identidades nas sociedades contemporâneas e, também, por isso, devem ser tratadas como direitos de todas as pessoas, isso não apenas nos direitos humanos e civis, mas também, com relação ao seu direito de ter fé, de vivenciar sua fé. Assim, vê-se a necessidade de descaracterização das atribuições dos corpos dos sujeitos da população LGBT. Isso implica em conceitos como o imago Dei, Soteriologia, Infalibilidade da Bíblia etc.

A presente dissertação, não pretende esgotar as problematizações acerca da polêmica como interincompreensão, no espaço discursivo, mas, busca lançar um olhar sobre a problemática, em especial, no que diz tange aos enunciados de dois posicionamentos discursivos em embates polêmicos, além de pretender alcançar avanços nas análises dos mesmos.

Após, iniciarmos o primeiro capítulo, apresentamos uma breve a introdução, destacando uma visão geral deste trabalho. No capítulo seguinte, destacamos os conceitos de interdiscurso e de polêmica como interincompreensão, enfatizamos o caráter do primado do interdiscurso que é o de “uma heterogeneidade constitutiva no qual amarra uma relação inextrincável, o Mesmo do discurso e seu Outro.” Maingueneau (2008, p. 31). Na sequência, apresentamos alguns conceitos que mantêm relações interdisciplinares com a Análise do Discurso. E discorreremos sobre o conceito de discurso polêmico, categoria base para o nosso estudo.

No capítulo três, traçamos considerações sobre o discurso religioso, elencando as perspectivas fundamentalista e inclusiva. Uma visão da Análise do Discurso Francesa, ancorada nas teorizações e abordagens Dominique Maingueneau, para falar da relação igreja, linguagem e ideologia. Enfatizamos o discurso religioso como aquele no qual se materializam as ideologias e ao mesmo tempo, a atualidade dessas ideologias. Concluindo o capítulo, tecemos considerações da hermenêutica fundamentalista e literalista com relação à uma análise discursiva da bíblia no discurso religioso cristão na perspectiva fundamentalista.

Na sequência, apresentamos o capítulo três sobre a igreja e a sexualidade por se tratar de uma relação de onde surgem os embates polêmicos. Dessa forma, encontramos em Maingueneau (2000), conceitos relevantes sobre os interdiscursos fundadores de onde emergem outros discursos. E, como caminho para análise e entendimento do discurso inclusivo, discorreremos sobre a perspectiva dos estudos da teoria queer para falar das sexualidades e identidades de gêneros dissidentes, e perceber os aspectos das práticas discursivas de igrejas cristãs fundamentalistas e de igrejas inclusivas. Enfim, dos enunciados polêmico-religiosos.

E, no último capítulo, a análise dos enunciados polêmico-religiosos em torno das sexualidades dissidentes e identidades de gêneros dissidentes que serão apresentados alguns aspectos dessa análise. Na sequência, trazemos informações sobre a formação do arquivo e da *corpora*, além das categorias de análises e discussões, bem como os aspectos do

funcionamento do discurso religioso sobre as sexualidades e das identidades de gêneros dissidentes. Neste capítulo, passamos ao processo de de análise dos enunciados polêmico-religiosos com a qual se buscar identificar alguns aspectos do funcionamento da polêmica como interincompreensão a partir de uma perspectiva interdiscursiva.

Na sequência, trazemos as referências que foram necessárias na realização desta pesquisa. E por fim, as considerações finais onde estão apresentados os principais resultados da pesquisa fundamentados em dados; e apresentamos os limites dessa pesquisa bem como sugestões para novas e futuras pesquisas.

## 2. INTERDISCURSO E POLÊMICA COMO INTERINCOMPREENSÃO

No campo específico da linguagem, interessa-nos algumas reflexões sobre o discurso e a troca polêmica, a partir das teorizações de Dominique Maingueneau. Para tal fim, buscamos a definição de discurso nas obras como das *Novas tendências em Análise do Discurso* (1997) e, posteriormente, avançamos para os discursos fundadores a partir da obra *Gênese do discurso* (2008), *Sémantique de la polémique* (1983) e de seu trabalho em *Cenas da Enunciação* (2006), mais especificamente, quando discute e teoriza os Discursos Constituintes, além de outros escritos do linguista francês.

A presente dissertação tem como objetivo o estudo dos discursos religiosos de duas formações discursivas, o Discurso Religioso Cristão Fundamentalista e o Discurso Religioso Cristão Inclusivo em relação polêmica que abordam questões relativas às sexualidades e identidades de gêneros dissidentes conforme os conceitos da Teoria Queer, em especial àqueles percorridos por Louro (2013, 2014). Assim pretende-se analisar, pelo viés da Análise do Discurso de orientação francesa, de acordo com os conceitos postulados por Dominique Maingueneau (1983, 1997, 2008) os discursos que possuem posições enunciativas distintas com relação sexualidade e identidades de gêneros dissidentes. Para isso, analisar-se-á o modo de como esses discursos relacionam-se polemicamente dentro do Espaço Discursivo no interior do interdiscurso.

### 2.1 Discurso em Perspectiva

Neste capítulo buscamos traçar questões relativas à Língua, Linguagem e o Discurso, bem como, abordar questões que envolvem a subjetividade dos sujeitos da população LGBT que estão no centro da discussão da polêmica religiosa, que se estabelece no interdiscurso, a partir de embate polêmico em um determinado campo discursivo.

Por se tratar de um tipo de discurso no qual funda outros discursos, o discurso religioso, no qual também, já se sabe de suas ideologias inerentes, também faremos considerações relevantes sobre a atualização das ideologias, de como eles se mantêm e se ressignificam.

É muito difícil atribuir um começo à ciência linguística, porque tudo depende do caráter que se considere mais importante para definir a cientificidade de um saber. Uma coisa



é certa, a reflexão gramatical surgiu depois da invenção da escrita, que permitiu dispor a palavra no espaço, constituir listas, quadros etc. Observa-se que o “uso do termo gramática, palavra oriunda do grego, (γραμματική, γραμμή - grammê), designando o seu caráter escrito” (MAINGUENEAU, 1997, p. 13).

Sobre os primórdios dos estudos da linguagem, Maingueneau (1997a, p. 13), nos informa que a probabilidade mais antiga é a reflexão gramatical rigorosa dos textos indianos, em particular a de Panini, no século V a. C. que analisavam o sânscrito<sup>2</sup> para garantir a estabilidade dos *textos sagrados do veda*<sup>3</sup>. Desde tempos mais remotos, o interesse em resguardar informações sobre religião e fé, estão presentes em épocas bem peculiar ao surgimento dos estudos da linguagem.

Ainda sobre o reconhecimento da linguística como uma ciência autônoma, a partir de postulados de Ferdinand de Saussure, registrados no Curso de Linguística Geral. Evidenciou-se o objetivismo abstrato positivista em que os estudos linguísticos estiveram centrados em si mesma, pois entendia que a língua dava conta dela mesma, considerados aí, uma linguística homogênea.

Os estudos da Enunciação do linguista Émile Benveniste, introduz o estudo da enunciação baseado no raciocínio subjetivista idealista, apresentados em Problemas em Linguística Geral (1989) que destaca o funcionamento do aparelho formal da enunciação. Surge a partir de seus conceitos sobre o funcionamento linguístico a necessidade de ver a língua por outro viés.

A linguística passar a considerar os atos da fala, isto é, a sua enunciação, vendo a relevância da subjetividade na língua. O estudo de uma linguística que vê sua relevância que será um despertar para o estudo do discurso dentro do campo dos estudos linguísticos. Já surgindo, a partir da linguística enunciativa/discursiva, e mais tarde, abrindo caminho para os estudos da Análise do Discurso. Pode-se dizer que foi a partir dos estudos de Zellig Harris, que buscava entender o sentido além da unidade que um sujeito dá ao seu texto, que segundo Malidier:

Harris era o linguista necessário a Michel Pêcheux para analisar os ‘efeitos de sentido’, determinado, como ele estava, a perseguir a formação do sentido para além

---

<sup>2</sup> O Sânscrito é uma língua antiga que faz parte de grupo de línguas e dialetos indo-árícos antigos do Norte da Índia, sendo o *védico* e o *sânscrito clássico* os mais conhecidos. Ferdinand de Saussure realizou estudos nessa língua.

<sup>3</sup> É interessante perceber o quanto as questões religiosas, mais especificamente, relacionadas à língua falada e a escrita estão presentes desde os primórdios dos estudos da língua e sua relação com a religião.

da unidade que um sujeito dá ao seu texto, na derrota da discursividade. (MALDIDIER, 2003, p. 24).

Assim, via na estrutura da língua e na estrutura da sociedade certa relação, e é entendida por Benveniste (1989, p. 93) como um assunto importante nos estudos da linguagem, pois se tratava de apenas de examinar entre duas importantes entidades, mas alude à necessidade de que a linguagem seja tomada com relação com a sociedade, pois:

A linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Consequentemente, exige e pressupõe o outro. A partir desse momento, a sociedade é dada com a linguagem. Por sua vez só se sustenta pelo uso comum de signos de comunicação. A partir deste momento, a linguagem é dada com a sociedade. (BENVENISTE, 1989, p. 93).

Tendo em vista que a linguagem é o meio que o homem atinge o outro, e que nesta relação há o elemento sociedade, logo, a subjetividade da linguagem e dos sujeitos na relação eu-tu vê-se o caráter subjetivo da linguagem e a consequente subjetividade dos sujeitos.

Ao traçar uma visão panorâmica histórica da linguística Moderna, Marcuschi (2005, p.21), explica que, a partir das dicotomias saussureanas, vão surgindo *tendências hifenizadas*. Dentre elas, surgem as denominações disciplinares como a linguística Textual, Análise do Discurso, Análise de Conversação, Sociolinguística, Psicolinguística, Etnografia da Comunicação, Etnometodologia etc:

a percepção e a identificação da variação social, a perspectiva sócio-interativa e a visão discursiva trazem grande quantidade de novos elementos e uma real oxigenação à linguística como a Sociolinguística, a Etnografia da Comunicação, a Análise do Discurso, a linguística de Texto, a Análise de Conversação, a Psicolinguística e uma série de outras perspectivas em que se nota a presença da interdisciplinaridade e na observação da linguagem em funcionamento; era uma tentativa de ir além da pragmática filosófica (MARCUSCHI, 2005, p.22).

Um aspecto muito importante é a questão da relação da língua com o discurso, no qual, Maingueneau (1997 p. 19) destaca o debate da autonomia da linguística e também de sua heterogeneidade sobre a compreensão da homogeneidade.

No entanto, tornou-se lugar-comum dizer que o léxico de uma língua não pode ser considerado independentemente das ideologias que circulam no interior de uma sociedade, das posições de seus usuários, mas não é nele que encontrará todos os elementos que lhe são necessários para apreender o valor de uma palavra em uma formação discursiva determinada.

(MAINGUENEAU, 1997, p. 151). A respeito dessa materialidade linguística e sua de exterioridade:

A língua, definida como sistema compartilhado pelos membros de uma comunidade linguística, opõe-se ao discurso, considerando como restrito desse sistema. Pode tratar-se: 1. De um posicionamento num campo discursivo (o discurso comunista, o discurso surrealista...). (MAINGUENEAU, 1998, p. 44).

Segundo Possenti (2009, p. 65), é a inspiração foucaultiana que conduz Maingueneau a elaborar uma semântica discursiva que, em tese, pode se destacar da linguística. Tal semântica discursiva, comanda as superfícies discursivas e a materialização textual nas quais são relevantes, diferentemente do que ocorre nas análises foucaultianas.

Na relação entre linguística e a Análise do Discurso, Possenti (2009, p. 65), apresenta três pontos quanto à compreensão Maingueneau (1997, 2008). O primeiro, explicita uma concepção de linguagem, concebida como radicalmente dual, “a um só tempo integralmente formal e integralmente atravessado pelos embates subjetivos e sociais”. O segundo, que a AD analisa textos e não ideias, temas etc. Isto é, os objetos linguísticos. E o terceiro, que um discurso não privilegia um de seus aspectos (léxico, sintaxe etc), mas se materializados, sobretudo, em todos eles, ou seja, na materialidade linguística (POSSENTI, 2009, p. 65).

A questão que envolve a relação da língua com o discurso, para Possenti (2009, p. 61), tal destacou Pêcheux, diferencia-se de outras teorias do texto e da leitura pelo fato de considerar a relevância/importância do linguístico. E discorre que:

a noção de ordem própria da língua explicada por Paul Henry, funcionava durante bom tempo como matriz para os analistas do discurso. Ela significa, ao mesmo tempo, que a AD reconhece a língua como uma estrutura com regras próprias, e que é a esse título que ela é o lugar em que o discurso se materializa. (POSSENTI, 2009, p. 69).

Assim, Maingueneau (1998, p. 14), diz que a AD privilegia a língua como elemento indispensável em suas bases teóricas a fim de realizar análise discursiva e isso se deve porque ela se encontrar no entrecruzamento das ciências humanas. Por isso, desde os primeiros momentos da teoria dos discursos, e até no momento atual, ela é submetida a uma grande instabilidade, permitindo várias abordagens teórico-metodológicas.

Assim, há analistas do discurso que enfatizam mais a sociologia, outros mais linguistas, outros psicólogos. A essas abordagens acrescentam-se divergências entre múltiplas correntes.

Sabe-se que nos Estados Unidos, a análise do discurso é bem marcada pela antropologia, ao passo que na França, desenvolveu-se, nos anos 1960, uma análise do discurso de orientação mais linguística e marcada pelo marxismo e pela psicanálise (MAINGUENEAU, 1998, p. 14).

Os estudos do discurso, como nos diz Maingueneau (1997, p. 151) da primeira geração, nos fins dos anos 60, procurava essencialmente colocar em evidência as particularidades de formações discursivas (FD), mais especificamente do discurso político, selecionava o *corpus* de discursos impressos e privilegiava o discurso político de esquerda (marxista). Nas FD como espaços relativamente auto-suficientes, apreendidos a partir de seu vocabulário. Na AD de segunda geração que privilegiava as teorias enunciativas, esta precedeu à sistemática da fase anterior.

Os estudos dessa disciplina, conforme apresenta Maingueneau (1997b, p. 9-10), “no interior de uma certa tradição, como o encontro de uma conjuntura intelectual e de uma prática escolar”, sendo a conjuntura intelectual, a dos anos 60 que, “sob a égide do estruturalismo. Articulando-as em torno de uma reflexão na textualidade a partir da escritura: a linguística, o marxismo e a psicanálise. Além da prática escolar, aquela da “explicação de textos”.

Esclarecendo sobre essa prática de explicação de texto, Maingueneau 1997b, p. 11) alude a Pêcheux, segundo o qual [...] a análise de discurso não pretende se instituir como o único viés para interpretação, mas busca construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito [...] (MAINGUENEAU, 1997b, p. 11)

Ainda sobre o discurso, segundo Malidier (2003, p. 96), referindo-se ao campo francês, destaca que foi Michel Pêcheux quem representou uma forma de resistência intelectual ao conceito da pragmática. Para além da linguística, afirma que Pêcheux “permitiu a abertura de novas pistas na história, em sociologia, em psicologia, por todo lugar onde se tem a ver com textos, onde se produz o encontro da língua com o sujeito.” (MALDIDIER, 2003, p. 96). Logo,

O texto é, em um sentido, a reescrita de todos os textos precedentes; ele traz marcas de retornos reflexivos, de remanejamentos e de retificações, de atualizações ou de apreensões, os estigmas de inquietação. (MALDIDIER, 2003, p. 38).

Essas retificações, atualizações, de sua inquietação, demonstra a necessidade de ver nos estudos linguísticos, em especial na Análise do Discurso a relevância pelos analistas em que sejam considerados não apenas as questões internas da língua, mas também, a sua exterioridade que ressalta a constituição do sujeito construído num contexto histórico social.

Maingueneau (1997b, p. 9-10), discorre que a função está em construir interpretações através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre o discurso, seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal. Pêcheux (1972, p. 12, apud MAINGUENEAU, 1997b, p. 11).

Ao referir-se ao uso da expressão análise do discurso, Maingueneau (1997b p. 11), esclarece que essa situação provém da organização do campo da linguística que opõe um núcleo rígido que prioriza as propriedades formais. No área periférica, de propriedades instáveis estão em contato com as disciplinas vizinhas como a sociologia, a psicologia, a história, a filosofia etc.

Assim, é interessante se situar no lugar em que vêm se articular um funcionamento discursivo e sua inscrição histórica, como nos diz (MAINGUENEAU, 2008, 17), procurando pensar as condições de uma “enunciabilidade” passível de ser historicamente circunscrita. como

Em *Novas tendências em Análise do Discurso*, Maingueneau (1997), abre espaço para as novas questões no campo de estudos da Análise do Discurso. Enfatiza que a AD é interpretada no interior de uma certa tradição, como o encontro da conjuntura intelectual do seu surgimento, na metade da década de 60, com uma prática escolar de explicação de textos em várias formas na escola francesa.

De acordo com Maingueneau (1997b, p. 12), entre as duas formas de ler a oposição campo linguístico, destaca que a primeira revela uma hierarquia entre o que depende plenamente do campo da linguística [...] e a segunda, a dualidade radical da linguagem, a um só tempo, integralmente formal e integralmente atravessada pelos embates subjetivos e sociais.

Segundo Maingueneau (1997b, p. 12), o conteúdo das múltiplas “análises do discurso” varia em função das disciplinas vizinhas em que se apóia. Nesse sentido, referindo-se à escola

francesa de análise do discurso, “mais especificamente, menciona a necessidade de se precisar melhor o trabalho que realiza na disciplina, tendo em vista a expansão de seu campo” (MAINGUENEAU, 1997b, p. 13).

Assim, Maingueneau, considerando que todas as ciências sociais estão, inevitavelmente, situadas e que a Análise do Discurso não escapa à regra, justifica a inscrição dessa disciplina no espaço linguístico, observando, entretanto, que a posição da AD, na relação com a linguística, é delicada. Com J. J. Courtine, afirma que “por um lado, a discursividade define “uma ordem própria, diversa da materialidade da língua” e, por outro, esta ordem ‘se realiza na língua’” Maingueneau (1997b, p. 15 e 17).

Enfatiza que o emprego de um certo número de conceitos com vistas a uma elaboração materialista do discurso, Maingueneau (1997b, p. 94), diz que há um esquema de produção-transformação do discurso, no qual interviriam, a título de condições, quatro bases: ideológica, linguística, analítica, textual:

Chamamos base a estrutura própria a um momento dado, a um sujeito da enunciação dado, resultado da relação de sua história na formação social à economia dos processos inconscientes, à estrutura da língua, ou à existência de um campo discursivo (textual). Estas quatro bases constituem uma base geral de representações; sobre esta base geral se exercem diferentes tipos de trabalho (em especial o trabalho do significante), para produzir um discurso (texto), o qual tem diferentes funções que agem de volta sobre as condições de produção. (MAINGUENEAU, 1997b, p. 95).

O discurso não é susceptível de plural, como dispõe Maingueneau (1998, p. 43), por supor a articulação da linguagem sobre parâmetros de ordem não linguística, o discurso não pode ser o objeto de uma abordagem puramente linguística. Salaria que o termo discurso entra igualmente em uma série de oposições em que ele toma valores mais precisos.

Por isso, ao tomar o conceito de discurso e língua, (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 168), compreende a língua como sistema de valores virtuais que opõe-se ao discurso, ao uso da língua em um contexto particular, que filtra esses valores e pode suscitar-lhes novos. Assim, distingue da oposição língua/fala: “A distinção entre fala ou discurso e língua, proposta pela primeira vez por Saussure e precisada por mim mesmo”, diz Gardiner (1932/1989:285), apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU (2004, p. 168).

Para Charaudeau; Maingueneau (2004, p. 168), o discurso já estava em uso na filosofia clássica, na qual, ao conhecimento *discursivo*, por encadeamento de razões, opunha-se o conhecimento intuitivo. Para fazer uma delimitação melhor, que este termo é

utilizado em inúmeras circunstâncias e com significados diferentes, neste trabalho, tomaremos da linguística e definiremos o termo em quatro oposições consideradas clássicas: discurso e frase; discurso e língua; discurso e texto e discurso e enunciado, este o último será tomado como referência nesta dissertação.

Pode-se orientar “discurso” mais para a dimensão social ou para a dimensão mental, toma-se a primeira como opção, pois o discurso é a “utilização, entre homens, de signos sonoros articulados, para comunicar seus desejos e opiniões sobre coisas” Gardiner (1932/1989:24, apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 168). Guillaume opta pela segunda: “No discurso [...], o físico que a fala em si, apresenta-se efetivo, materializado, e, então, no que lhe concerne, livre da condição psíquica de partida. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 168).

Assim, pode-se dizer que a noção de discurso já estava em uso na filosofia clássica, na qual ao conhecimento discursivo, por encadeamento de razões, opunha-se o conhecimento intuitivo. Seu valor era, então, bastante próximo ao do logos grego conforme nos diz Charaudeau; Maingueneau (2004, p. 168). “Em Linguística, essa noção, proposta por Guillaume, conheceu um impulso fulgurante com o declínio do estruturalismo e o crescimento das correntes pragmáticas.” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 168).

O discurso é assumido em um interdiscurso, Charaudeau; Maingueneau (2004, p. 168), pois o discurso não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos, através do qual ele deve abrir um caminho. Sendo assim, para interpretar um enunciado, deve-se colocá-lo em relação com todos os tipos de outros, que se comentam, parodiam, citam... Isto quer dizer que:

cada gênero de discurso tem sua maneira de gerar as multiplicidades das relações interdiscursivas: um manual de filosofia não cita da mesma maneira nem se apóia nas mesmas autoridades que um animador de promoções de vendas [...] O próprio fato de situar um discurso em um gênero (a conferência, o jornal televisado...) implica que ele é colocado em relação ao conjunto ilimitado de outros. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 168).

Charaudeau; Maingueneau (2004, p. 172), enfatiza que o discurso não delimita um domínio que possa ser estudado por uma disciplina coerente, mas de uma *‘maneira de apreender a linguagem’*. “Certos linguistas falam, entretanto, de uma linguística do discurso,

que opõem a uma linguística da língua.” CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, (2004, p. 172).

A linguística do discurso, conforme Charaudeau; Maingueneau (2004, p. 172), discorre, não pode corresponder à linguística da fala, da qual Saussure tracejou o espaço. Pois, o desenvolvimento de uma linguística textual, das teorias da enunciação linguística e de uma semântica marcada pelas correntes pragmáticas e cognitivistas reconfigurou a oposição língua/fala e as oposições da mesma ordem, como “competência”/”desempenho”.

Charaudeau; Maingueneau (2004, p. 241), vê no termo a condição de designar todo um conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito que pode relacionar-se a uma identidade enunciativa. Assim, Charaudeau; Maingueneau (2004, p. 179), declara que Foucault em *Arqueologia do saber*, desenvolveu uma reflexão filosófica sobre o enunciado que interessa à análise do discurso, como se segue:

O enunciado não é uma unidade do mesmo gênero que a frase, a proposição ou o ato de fala [...] Em seu modo singular de existência (nem absolutamente linguístico nem exclusivamente material), ele é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de fala; e para que se possa dizer a frase correta (ou aceitável, ou interpretável), se a proposição é legítima e bem formulada, se o ato de fala está conforme os requisitos e se foi bem efetuado [...] CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 179).

Trata-se, portanto, como diz Foucault (1069b, p. 114-115, apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 179), de uma função de existência pertencente intrinsecamente aos signos e a partir da qual se pode decidir pela análise ou pela intuição. Isto é, se eles fazem sentido ou não, segundo qual regra sucede em ou se justapõe. Neste caso, são signos e qual espécie de ato de fala se efetua por sua formulação tanto oral quanto escrita.

Os termos enunciado, texto, discurso, presentes nas ciências da linguagem, segundo Charaudeau; Maingueneau (2004, p. 179), dividem tradicionalmente o campo da designação das preocupações verbais. Pois, o desenvolvimento de uma linguística textual e de disciplinas que se ocupam do discurso teve por efeito relegar enunciado ao segundo plano. Assim, o Enunciado tornou-se, assim, dispensável para aquele que têm necessidade de um termo que escape do par texto/discurso ou que não querem recorrer à frase.

Na relação entre discurso e enunciado, temos o caráter de unidade linguística, no caso de enunciado, e quanto ao discurso, forma uma unidade de comunicação associada a condições de produção determinadas. Segundo Maingueneau (1998, p. 43), a condição de



produção, depende de um gênero de discurso determinado tais como debate televisionado, artigo de jornal, romance etc.

Nessa perspectiva, enunciado e discurso remetem a pontos de vista diferentes, o primeiro de um olhar lançado sobre um texto, e outro, de sua estruturação na língua, fazendo dele um enunciado. Assim, um estudo linguístico das condições de produção desse texto fará dele um discurso. Guespin (1971, p. 10, apud MAINGUENEAU, 1998, p. 43). A respeito disso, pode-se ver algumas considerações sobre a relação entre o discurso e a língua, destacando que a:

[...] a língua, definida como sistema de valores virtuais, opõe-se ao discurso, ao uso da língua num contexto particular, que, ao mesmo tempo que restringe os já existentes, pode suscitar o aparecimento de novos valores. Essa distinção é muito utilizada para o léxico; a neologia lexical, em particular, depende do discurso (MAINGUENEAU, 1998, p. 43).

Maingueneau (1998, p. 43), entende que a língua é o sistema compartilhado pelos membros de uma comunidade linguística, opõe-se ao discurso, considerado como um uso restrito desse sistema. Pode tratar-se de um posicionamento num campo discursivo, de produções de uma categoria de locutores, e de uma função da linguagem. Assim, produz-se frequentemente um deslizamento do sistema de regras ao corpus.

Foucault (1969, p. 153, apud MAINGUENEAU, 1998, p. 43) retoma o conceito de discurso, dizendo: “chamaremos discurso um conjunto de enunciados que dependem da mesma formação discursiva”. E ao referir-se ao texto, destaca que o discurso é concebido como a associação de um texto a seu contexto.

Como apresenta Maingueneau (1998, p. 43), que na Análise do Discurso, o discurso deve ser tomado como uma atividade de uso da linguagem, e esta se realiza pelos sujeitos inscritos em contextos sócio-históricos. É a partir daí que se distingue a AD de outras áreas de estudo, como a Pragmática, a Análise da Conversação a Sociolinguística, a linguística da Enunciação, dentre outras.

Enfim, é nesse sentido que Maingueneau (1998, p. 43) declara que designa menos um campo de investigação delimitado do que um certo modo de apreensão da linguagem. E quando se refere a linguagem, não considera apenas como uma estrutura arbitrária, mas como a atividade de sujeitos inscritos em contextos histórico-socialmente determinados. (MAINGUENEAU, 1998, p. 43).

### 2.1.1 Discursos Constituintes

A análise dos discursos constituintes, segundo Maingueneau (2000, p. 05), define-se muito mais um espaço em processo de estabilização do que um território de pesquisa com fronteiras estabelecidas. Pois abre-se, porém, um leque de instigantes questões sobre esse tipo de discursos bastante especiais. O que chama de noção de discurso constituinte.

A noção de discursos constituintes, de certa forma, surge progressivamente como consequência de pesquisas realizadas em diversos corpus, mais especialmente “**nos discursos religioso**, científico, filosófico e literário.” (MAINGUENEAU, 2000, p. 05).

Maingueneau (2000, p. 05), destaca que ao trabalhar com os discursos que no primeiro momento, percebe-se que há muitas categorias que poderiam ser transferidas de um para o outro, chega-se muito naturalmente à hipótese de que existe um domínio específico no seio da produção verbal de uma sociedade. A esse tipo de discursos, chamou-os de “constituintes”, pois estes partilham de um certo número de propriedades quanto as suas condições de emergência, de funcionamento e de circulação. A esse respeito diz:

Naturalmente, o discurso religioso e a literatura, por exemplo, são estudados seriamente há séculos por centenas e milhares de pessoas, mas analisá-los conjuntamente, enquanto uma nova unidade discursiva abre um interessante programa de pesquisa. (MAINGUENEAU, 2000, p. 06).

Assim, os discursos constituintes possuem, segundo Maingueneau (2000, p. 05), um estatuto singular. As zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras. Discursos-limite, situados sobre um limite e lidando com o limite, eles devem gerar textualmente os paradoxos que implicam seu estatuto. Junto com eles vêm à tona, em toda sua acuidade, as questões relativas ao carisma, à Incarnação, à delegação do Absoluto: para não se autorizarem apenas por si mesmos, devem aparecer como ligados a uma fonte legitimante.

Por “discurso constituinte”, define-se uma categoria de estatuto tipológico um tanto incerto. Isso levando-se em conta a tipologia das tipologias dos discursos de André Petitjean em que os analistas do discurso manipulam habitualmente tipologias baseadas em critérios de três ordens, conforme apresenta Maingueneau (2000, p. 06):

*As tipologias lingüísticas*, na verdade enunciativas, são independentes dos conteúdos e das finalidade do discurso. Elas se apoiam em geral sobre a

problemática aberta por E. Benveniste, quando ele opunha enunciados ancorados na situação de enunciação (“discurso”) e enunciados recortados de sua situação de enunciação (“história” ou “narrativa”). *As tipologias funcionais* dividem os discursos segundo sua finalidade. Essas classificações oscilam entre a atualização de funções muito abstratas, do âmbito comunicacional, como é o caso do célebre modelo de R. Jakobson, das funções de ordem claramente sociológica (função lúdica, de conhecimento, de preservação dos laços sociais, etc.). *As tipologias situacionais* são realizadas a partir de gêneros de discurso definidos através de critérios sócio-históricos: o telejornal, o romance policial, o editorial, o sermão... Esses gêneros de discurso são eles próprios incluídos nesses tipos de discursos, correspondendo a setores da atividade social (discurso político, midiático, literário...). Pode-se também se interessar por instituições singulares (o hospital, o tribunal...) ou por posicionamentos ideológicos (discurso patronal, comunista...). (MAINGUENEAU, 2000, p. 06).

Tomando do conceito de archéion, Maingueneau (2000, p. 06), pretende vincular ao estatuto de discurso constituinte: **“o de fundar e de não ser fundado”**, pois é ao mesmo tempo auto e heteroconstituente. Tornando-se “duas faces que se supõem reciprocamente: só um discurso que se constitui tematizando sua própria constituição pode desempenhar um papel constituinte para outros discursos.” (MAINGUENEAU, 2000, p. 06).

Quando discute a que quadro a noção de discurso constituinte estaria compreendida, Maingueneau (2000, p. 06), enfatiza que ela faz uso de propriedades ao mesmo tempo enunciativas, funcionais e situacionais. Com efeito, Maingueneau (2000, p. 06), nos diz que grupamentos de discursos do tipo “religiosos”, “científicos”, “literários”, “filosóficos”, implicam a função de fundar e não ser fundado por um outro discurso. Isto é, há um certo recorte de situações de comunicação em uma sociedade como lugares, gêneros ligados a tais discursos constituintes e um certo número de invariantes enunciativos. A esse respeito diz que:

Os discursos constituintes mobilizam o que se poderia chamar de archéion da produção verbal de uma sociedade. Esse termo grego, étimo do latino *archivum*, apresenta uma polissemia interessante para nossa perspectiva: ligado a *archè*, “fonte”, “princípio”, e a partir daí “mandamento”, “poder”, o archéion é a sede da autoridade, um palácio, por exemplo, um corpo de magistrados, mas também os arquivos públicos. (MAINGUENEAU, 2000, p. 07).

Assim, para Maingueneau (2000, p.7), o archéion está associado ao trabalho de fundação no/pelo discurso, bem como a determinação de um lugar associado a um corpo de enunciadorens consagrados, e, conseqüentemente à elaboração de uma memória.

Maingueneau (2000, p.7), apresenta três dimensões desta constituição, ao escolher o adjetivo “constituente”, justifica o fator que caracteriza o agrupamento de discursos que têm a

vantagem de poder explorar três valores semânticos associados ao verbo constituir e ao seu derivado nominal constituição:

a) a constituição como ação de estabelecer legalmente permite caracterizar o discurso como instaurando as modalidades de sua própria emergência no interdiscurso. Esta idéia se inscreve no prolongamento de certas correntes pragmáticas que vinculam estreitamente a enunciação e sua legitimação; b) a constituição como modo de organização, agenciamento de constituintes, permite pôr em evidência a coesão/coerência das totalidades textuais; e c) a constituição como conjunto de disposições legais que determinam os direitos e deveres de cada um em uma coletividade permite assinalar que o discurso constituinte está precisamente destinado a servir de norma e de garantia aos comportamentos de uma coletividade, a delimitar o lugar comum das palavras que aí podem circular. (MAINGUENEAU, 2000, p. 07).

Na análise da constituição dos discursos constituintes, Maingueneau (2000, p. 07), entende que deve assim se ater em mostrar a articulação entre o intradiscursivo e o extradiscursivo, a intricação entre uma representação do mundo e uma atividade enunciativa. Sua enunciação é inseparável da maneira pela qual ela gere sua própria emergência, o ato de fala que ela institui. “Através das operações enunciativas pelas quais se institui o discurso, se articulam a organização textual e a organização institucional que a um só tempo ele pressupõe e estrutura.” MAINGUENEAU, 2000, p. 07).

Outros conceitos subjacentes aos discursos constituintes, como posicionamento e comunidade discursiva que segundo Maingueneau (2000, p. 07), refere-se ao conflito e que não acontece apenas entre os diversos discursos constituintes, ele é travado no interior dos próprios discursos constituintes, que se apresentam como um campo, como um espaço de conflito permanente entre diversos posicionamentos. Para ele, Maingueneau (2000, p. 07), há pelo menos no caso das sociedades modernas, cujos quadros de referências ideológicas são objetos de um debate incessante. E acrescenta que:

Essa noção de “posicionamento” (doutrina, escola, teoria, partido, tendência...) é demasiado pobre; ela implica apenas que os enunciados são relacionados a diversas identidades produtoras de discursos que se definem umas às outras. (MAINGUENEAU, 2000, p. 07).

Maingueneau (2000, p. 07), ressalta que é um tema recorrente na análise do discurso, ao menos na França que entende que a unidade de análise pertinente não é o discurso em si mesmo, mas o sistema de referência aos outros discursos através do qual ele se constitui e se mantém. “E ao referir-se aos outros e referir-se a si mesmo não são atos distinguíveis senão de

modo ilusório; o interdiscurso não se encontra no exterior de uma identidade fechada sobre suas próprias operações” (MAINGUENEAU, 2000, p. 07).

No conceito de comunidade discursiva, somos levados à problemática da mediação que segundo Maingueneau (2000, p. 07), os discursos constituintes têm um alcance global, pois são o conjunto da sociedade. Pois são elaborados localmente, em lugares institucionais restritos que imprimem sua marca sobre sua produção e moldam através de uma maneira de viver.

No estudo dos discursos constituintes, Maingueneau (2000, p. 08), deve-se considerar “a maneira pela qual funcionam os grupos que os produzem e gerem só pode ser insuficiente, pelo pouco que se interrogam sobre seu modo de emergência, de circulação e consumo.” (MAINGUENEAU, 2000, p. 08).

Maingueneau (2000, p. 08), quando destaca a Inscrição e médium, enfatiza o caráter constituinte de um discurso que confere uma autoridade particular a seus enunciados. Mais do que de “enunciado”, de “texto”, ou de “obra”, pode-se falar de inscrições. Esse conceito de inscrição desestabiliza toda distinção empírica entre oral e gráfico, pois,

inscrever não é necessariamente escrever. As literaturas orais são “inscritas”, assim como inúmeros enunciados míticos orais, mas esta inscrição passa por vias distintas daquelas pelas quais passa o código gráfico. A inscrição é radicalmente exemplar; ela segue exemplos e dá exemplo. (MAINGUENEAU, 2000, p. 08).

Assim, a inscrição é radicalmente exemplar, Maingueneau (2000, p. 08), pois segue exemplos e dá exemplo. Então, produzir uma inscrição é seguir os traços de um Outro invisível, que associa os enunciadores modelos de seu posicionamento e, no limite, a presença daquela Fonte que funda o discurso constituinte: a Tradição, a Verdade, a Beleza.

Na noção de inscrição, segundo Maingueneau (2000, p. 08), podemos supor uma referência à dimensão midiológica dos enunciados. Não é possível se contentar em falar da “difusão” de um “conteúdo” que seria independente do dispositivo de transmissão, pois as condições midiológicas de um discurso são parte integrante de sua identidade e de conteúdos.

Maingueneau (2000, p. 08), esclarece o exercício da filosofia ou da ciência não se desenvolveria em uma sociedade sem escrita e que entre o caráter oral da epopéia, seus modos de organização textual, seus conteúdos, existe uma relação essencial. Assim,

o “suporte” não é verdadeiramente exterior ao que ele supõe “veicular”. Sobre esse ponto, como sobre outros, trata-se de superar as imemoriais oposições da análise textual: ação e representação, fundo e forma, texto e contexto, produção e recepção [...]. (MAINGUENEAU, 2000, p. 08).

Na hierarquia dos gêneros, Maingueneau (2000, p. 09), aponta que a inscrição que procede de um discurso constituinte se insere inevitavelmente no interior de uma hierarquia de gêneros de discurso, porque é, sobretudo, uma propriedade essencial dessa categoria de discurso. Neste caso, há enunciados mais prestigiados que outros, por estarem mais próximos da Fonte legitimante.

Uma hierarquia se instaura entre os textos que se supõem autoconstituíntes e aqueles que a partir deles comentam, resumem e os interpretam. isto quer dizer que “certos textos adquirem um estatuto de inscrições últimas, eles se tornam o que se poderia chamar de arquitextos.” (MAINGUENEAU, 2000, p. 9).

Na análise dos discursos constituintes, segundo Maingueneau (2000, p. 08), não deve restringir ao estudo de alguns textos como as obras dos grandes sábios ou grandes textos religiosos etc. Nem de alguns tipos de textos privilegiados como as produções teológicas para teólogos, os artigos científicos para cientistas e pesquisadores etc.

Enfim, no que se refere a apreensão do funcionamento dos discursos constituintes, segundo Maingueneau (2000, p. 09), deve-se tomar como unidade de análise o conjunto dessa hierarquia, partir do princípio de que o discurso constituinte recobre um espaço de produção profundamente heterogêneo.

Maingueneau (2000, p. 09), salienta que a grande filosofia, a alta teologia, a ciência nobre são sempre desdobrados em outros gêneros, menos nobres, que são imprescindíveis ao archéion. Dentre eles os manuais escolares, sermões dominicais, revistas de vulgarização científica etc. Assim, esta diversidade de regimes de produção discursiva não é contingente: Logo,

não se trata de um acidente exterior à essência da filosofia que ela seja objeto de manuais de ensino: ela não pode escapar à didaticidade. Do mesmo modo, o fato de que as obras literárias sejam objeto de críticas em jornais ou suscitem debates em programas de TV participa do fato literário. (MAINGUENEAU, 2000, p. 9).

Mais precisamente, como afirma Maingueneau (2000, p. 9), é no interior de uma hierarquia de um discurso constituinte que deve-se distinguir: 1) entre discurso primeiros (ou

discursos fonte) e 2) discursos segundos. Tal distinção está na base das problemáticas acerca da vulgarização em que um lado os discursos que supõem produzir os conteúdos em sua “pureza”, do outro, os discursos que se limitariam a resumir, explicitar uma doutrina já constituída de cima.

Por discursos fechados e discursos abertos, Maingueneau (2000, p. 9), considera duas questões: discursos dos quais os leitores são escritores potenciais ou efetivos de enunciados do mesmo gênero que é o caso do discurso científico; e os discursos onde os leitores, em número muito mais restrito que os escritores, não estão em posição de escrever enunciados do mesmo gênero que é, por exemplo, o caso de um jornal diário.

Na noção de abertura, segundo Maingueneau (2000, p. 9), é de manejo delicado para os discursos constituintes; em filosofia, por exemplo, ela pode dizer respeito tanto à pretensão original dos textos a serem abertos ou fechados quanto à realidade de seu modo de consumo.

Segundo Maingueneau (2000, p. 10), um texto tem a pretensão de ser aberto ou fechado quando essa característica decorre da maneira pela qual ele constrói sua própria cena de enunciação. Como exemplo diz que nas *Meditações de Descartes*, escritas em latim, seriam “fechadas”, e seu *Discurso do método* seria “aberto”.

Entre textos fundadores e textos não-fundadores, Maingueneau (2000, p. 10), faz distinção ambígua que designa tanto os textos de pretensão fundadora - os que se apresentam como tais, como aqueles que a posteridade julgou fundadores retrospectivamente em relação à história do pensamento. Assim, o *Discurso do método* é fundador tanto de um ponto de vista quanto de outro, ainda que não seja uma obra “fechada”. Complementa:

O mesmo vale para a *Interpretação dos sonhos* de Freud, que se apresenta como fundador e foi reconhecido como tal. Os enunciados reconhecidos como fundadores são por definição uma pequena minoria; eles pretendem definir uma nova maneira de fazer a filosofia, a física, o Direito, etc (MAINGUENEAU, 2000, p. 10).

Maingueneau (2000, p. 10), destaca a relevância para a análise do discurso mostrar que se pode abordar, com instrumentos teóricos específicos, textos que há muito tempo têm sido estudados separadamente e de um ponto de vista tradicional.

A propriedade essencial dos discursos constituintes, para Maingueneau (2000, p. 10), é seu estatuto no interior do interdiscurso: uma vez que os discursos “ordinários” neles se

apoiam, eles devem se apoiar diretamente em princípios transcendentais, no que chamei aqui de “archeion”. Assim, tais discursos

participam de campos discursivos em constante conflito; eles são profundamente hierarquizados, conforme o grau de proximidade com sua Fonte; são produzidos por pequenas comunidades, embora tratem de problemas básicos da sociedade em geral.; (MAINGUENEAU, 2000, p. 10).

Assim, são definidos por um modo específico de circulação no interdiscurso através do arquivamento, comentário, citação etc. Logo, “o que eles dizem (idéias, doutrinas) não pode ser separado da cena discursiva através da qual eles foram produzidos e que lhes conferiu autoridade.” (MAINGUENEAU, 2000, p.11).

Uma questão relevante para Maingueneau (2000, p. 11), é a relação entre discursos constituintes e análise do discurso. Esta última está, com efeito, presa em um paradoxo insuperável, segundo ele, uma vez que pertence à esfera dos discursos constituintes, dada sua filiação ao discurso científico, mas pretende também submeter o caráter constituinte de todo discurso. Maingueneau (2000, p.11), diz que negar esse paradoxo, a análise do discurso cairia na mesmas ingenuidades da Filosofia, da Teologia e da Ciência, que pensam reinar sobre a totalidade do dizível.

Como não pode estar em questão para a análise do discurso se autoproclamar a única instância de legitimação, Maingueneau (2000, p. 11), enfatiza que cabe a AD assumir sua condição, aceitar estar incluída no domínio de investigação que ela pretende analisar. Isto é, "ela toma o discurso filosófico, psicanalítico, literário, etc. por objeto, mas cada um desses discursos pode também, a partir de seu ponto de vista particular, questionar essa pretensão." (MAINGUENEAU, 2000, p.12).

## **2.2 Diálogos com Foucault**

Na introdução de *Gênese dos discursos*, Maingueneau (2008), ao discutir as noções de discurso, já demonstra sua filiação a Foucault, que de certa forma, é muito importante para a AD, pelo menos em abordagens da linha francesa. Também são explicitadas as diferenças e marcada sua posição de analista do discurso que privilegia a materialidade linguística e uma semântica discursiva.



Na obra *Ordem do Discurso*, Foucault (1996) lembra que o discurso é, sobretudo, material e por ser construído, tem seus perigos e poderes. Conforme a obra, surgem assim três modos de classificar, delimitar e controlar o discurso através dos procedimentos internos, dos procedimentos externos e de um sistema de restrição.

Foucault (1996) destaca que os procedimentos internos, apresentados de: comentário, autor e disciplina. Por comentários, diz que está presente em textos e conjuntos ritualizados de discursos que se narram. Referem-se àqueles que são ditos, permanecem ditos e ainda estão por dizer, ou seja, estão no nosso sistema de cultura como os texto religiosos, científicos e literários. Foucault (1996, p.21-22).

Por isso, não se pode deixar de lado a relevante contribuição que Michel Foucault, pois oferece aos estudos do discurso através de seus estudos, e em especial, à sua célebre aula, ministrada no *College de France*. No seu discurso discorre sobre o funcionamento da linguagem com relação às estruturas sociais com relação às práticas discursivas. Assim, desvenda a relação entre as práticas discursivas e os poderes que as permeiam.

Em *A Ordem do Discurso*, Foucault (1996) entende que os diversos procedimentos que limitam e controlam os discursos da sociedade é que vai determinar que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou mesmo os sistemas de dominação, como também do poder de que se pretende. Foucault (1996, p. 5, 6) destaca o papel do poder da palavra, a força do discurso e o sentimento de impotência diante do mesmo. Neste caso, pois servia apenas como mero instrumento:

Gostaria de me insinuar sub-repticiamente no discurso que devo pronunciar hoje, e nós que deverei pronunciar que, talvez durante anos. Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado por bem além de todo começo possível (FOUCAULT, 1996, p. 5).

De certa forma, o ponto de partida de Foucault (1996, p. 8-9) é a hipótese de que em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos. E sua função é conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. E discorre que:

o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo

que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Assim, para Foucault (1996, p. 8-9), quem tem acesso a um discurso convincente pode utilizar-se da linguagem para manipular, dominar, seduzir, por isso o discurso passa a ser cobiçado, admirado, desejado, temido por seu simbolismo, sua força. Uma vez entendido as questões ideológicas que permeiam todo discurso, a força que o mesmo possui de construir e destruir o discurso passa a ser temido.

O discurso, portanto, para Foucault (1996, p. 11), é a explicitação do mundo, a verbalização de uma realidade, em que os sujeitos estão inscritos. É por meio do discurso que o material pode ser analisado e reorganizado, dessacralizado. Assim como tudo se reorganiza e se renova, o discurso também é refeito cada vez que é anunciado e/ou produzido.

O discurso desempenha um papel importante na sociedade do discurso, com apresentado por Foucault (1996, p. 11), pois é ele próprio que se situa no centro da especulação, mas este logo na verdade, não é se não um discurso já pronunciado, ou antes, são as coisas mesmas ou os acontecimentos que se tornam insensivelmente discurso, manifestando o segredo de sua própria essência.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isto se dá porque todas as coisas, tendo manifestado intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa de conseqüências de si. (FOUCAULT, 1996, p. 48-49).

O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta, logo, o autor, não é entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações como foco de sua coerência, como aponta (FOUCAULT, 1996, p. 26).

Nas sociedades em geral, tal como a nossa que precedem os procedimentos de exclusão, segundo Foucault (1996, p. 09), evidencia-se o interdito. Isto quer dizer que temos consciência de que não temos o direito de dizer aquilo que queremos e que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância. Logo, não pode falar do que quer que seja.

Por tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala, Foucault (1996, p. 09), ressalta que nesse jogo de interditos que se cruzam, que se

reforçam ou que se compensam, forma uma grelha complexa que está sempre a modificar-se. E diz:

Basta-me referir que, nos dias que correm, as regiões onde a grelha mais se aperta, onde os quadrados negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: longe de ser um elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, é como se o discurso fosse um dos lugares onde estas regiões exercem, de maneira privilegiada, alguns dos seus mais temíveis poderes. (FOUCAULT, 1996, p. 09).

O discurso, segundo Foucault (1996, p. 09), aparentemente, pode até nem ser nada de por aí além. Mas, os interditos que o atingem, revelam, cedo, de imediato, o seu vínculo ao desejo e o poder.

Ao referir-se às doutrinas, Foucault (1996, p. 41), as define como religiosas, políticas e filosóficas nas quais constituem o inverso de uma sociedade de discurso., pois, o número dos indivíduos que falavam, mesmo se não fosse fixado, tendia a ser limitado; e só entre o discurso podia circular e ser transmitido.

A doutrina ao contrário, tende a difundir-se; e é pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queira imaginar, definem sua pertença recíproca como assevera Foucault (1996, p. 42). Aparentemente, a única condição requerida é o requerimento das mesmas verdades e aceitação de certa regra - mais ou menos flexível - de conformidade com os discursos validados; se fossem apenas isto, as doutrinas não seriam tão diferentes das disciplinas científicas, e o controle discursivo trataria somente da forma ou do conteúdo do enunciado, não do sujeito que fala. Ora, a pertença doutrinária questiona ao mesmo tempo o enunciado e o sujeito que fala, e um através outro. Foucault (1996, p. 42)

Quanto às interdições sobre o discurso da sexualidade, Foucault (1996, p. 67) considera que o mesmo seria difícil e abstrato, em todo caso, empreender esse estudo sem analisar ao mesmo tempo o conjunto dos discursos literários, religiosos ou éticos, biológicos e médicos, jurídicos igualmente, nos quais se trata da sexualidade, nos quais esta se acha nomeada, descrita, metaforizada, explicada, julgada. Afirma que:

estamos muito longe de haver construído um discurso unitário e regular da sexualidade; talvez não cheguemos nunca a isso, e quem sabe, talvez, não estejamos seguindo nessa direção. Pouco importa. As interdições não tem a mesma forma, e não interferem do mesmo modo no discurso da medicina. (FOUCAULT, 1996, p. 67).

Constituídos os sistemas de restrição pelo que se se pode agrupar sob o nome de ritual que se apresenta mais superficial e visível, tal ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam, define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias.

Enfim, o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso que para Foucault (1996, p. 47), isso acontece no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação que ocupa determinada posição e formular determinado tipo de enunciados. Assim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, e conseqüentemente, de seu efeito sobre aquele aos quais se dirigem e os limites de seu valor de coerção. Diz que:

Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos. (FOUCAULT, 1996, p. 47).

E a despeito disso, seria possível que o tema do sujeito fundante permitisse elidir a realidade do discurso. Foucault (1996, p. 47) discorre que o sujeito fundante que está encarregado de animar diretamente, com suas intenções, as formas vazias da língua; é ele que, atravessando a espessura ou a inércia das coisas vazias, reaprende, na intuição, o sentido que se encontra depositado; é ele igualmente que, para além do tempo, funda horizontes de significações que a história não terá se não de explicar em seguida, e onde as proposições, as ciências, os conjuntos dedutivos encontrarão, afinal, seu fundamento. Portanto, “Na sua relação com o sentido, o sujeito fundador dispõe de signos, marcas, traços, letras. Mas para manifestá-los, não precisa passar pela instância singular do discurso.” (FOUCAULT, 1996, p. 47).

### **2.3 O Primado do Interdiscurso**

Possenti (1993, p. 30) diz que na teoria do discurso, o quadro epistemológico básico, deve-se conter apenas dois elementos, sendo um fixo e outro variável que responderia respectivamente a uma teoria linguística e uma teoria auxiliar na qual corresponderia a uma teoria não linguística. No entanto, pertinente para a análise de um determinado tipo de discurso.

Ao referir-se às tipologias dos discursos, Charaudeau; Maingueneau (2004, p. 468), diz que uma das tarefas essenciais da análise do discurso é classificar os discursos produzidos numa sociedade. Enfatizando os componentes de sua competência comunicativa em que:

[...] os locutores dispõem de tipologias, adquiridas por contato ou por ensino explícito, necessária para compreender ou produzir textos, mas, também, para circular na sociedade. Existem, ao lado das tipologias comuns (cf. nas livrarias: "romances policiais", "históricos", "sentimentais"...), tipologias de especialistas (cf. no jornalismo: "editorial", "notícia", "chapéu", "box"...). CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 468).

Como a classificação dos discursos pode se fundamentar em critérios variados, considerando o grau de generalidade dos critérios, lugar social de pertinências da tipologia e o nível discursivo apreendido. Charaudeau, 1997b, apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 468), esclarece que existem muitas tipologias.

Petitjean (1989, apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 469) propôs uma tipologia das tipologias classificando-as como tipologias homogêneas, intermediárias e heterogêneas. As tipologias homogêneas apóiam-se numa base única para elaborar uma grade abstrata, distinta dos textos concretos. Este é o caso Werlich (1975), ou de Adam (1990, 1992), que distinguem, baseados em procedimentos cognitivos, diversos tipos fundamentais como o descritivo, narrativo e argumentativo. Nas tipologias intermediárias recorrem a critérios heterogêneos, mas organizando-os a partir de um "foco classificatório" pelo modo enunciativo, a intenção de comunicação ou as condições de produção.

Enfatiza as tipologias heterogêneas, Petitjean (1989) apud, CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 469), nas quais associam critérios relacionados a focos classificatórios distintos através da intenção comunicativa, temática, médium, modo enunciativo etc. Seriam dessa maneira que se analisam os gêneros de discurso, ou seja, os dispositivos de fala sócio-historicamente constituídos como o jornal televisivo, a consulta médica, a crônica, a dissertação literária etc.

Maingueneau (1998, p. 44) entende que por supor a articulação da linguagem sobre parâmetros de ordem não linguística, o discurso não pode ser objeto de uma abordagem puramente linguística. E dessa forma, Maingueneau (2008, p. 16) entende o conceito de discurso como aquele "integralmente linguístico" e "integralmente histórico", Isto é, vê-se no discurso o "dizível na língua e o dizível num dado momento/tempo histórico. Assim, o seu

trabalho teórico se estabeleceu em dar relevância a esses dois aspectos do discurso, assim, articulando-os na análise.

Maingueneau aborda questões relativas às bases teóricas da Análise do Discurso de linha francesa e repensa alguns de seus conceitos, marcando novas categorias para as análises dos discursos. Isso se deve a descoberta dos trabalhos do chamado círculo de Mikhail Bakhtin que fazem do "dialogismo", da relação com o Outro, o fundamento de toda discursividade e recusam-se a considerar a constituição dos falantes independentes deste dialogismo generalizado.

A respeito de ser levado a "redescobrir" as pesquisas de precursores, Maingueneau (2008, p. 32) destaca em especial as do "círculo de Mikhail Bakhtin, que fazem da relação com o Outro o fundamento da discursividade.

Segundo Maingueneau (2008, p. 33), é de contribuição relevante, a aquisição de conhecimento das obras de Bakhtin voltadas para a linguagem do romance, da prosa literária, dos escritos de Dostoiévski e de Rabelais, como também a publicação de Todorov (1981), uma antologia seletiva de suas reflexões reunidas em torno do "princípio dialógico", no qual já demonstraria o caráter constitutivo da interação enunciativa. As variações sobre algumas ideias-força, como Maingueneau (2008, p. 33) aponta, (dialogismo/monologismo, relativo/absoluto, heterogêneo/homogêneo...) do que de um sistema rigorosamente articulado, "mas essa visão de atividade linguageira converge amplamente com nossas preocupações sobre a interdiscursividade." (MAINGUENEAU, 2008, p. 33).

Ao afirmar o primado do interdiscurso, Maingueneau (1983, 1997, 2008), busca afirmar que é o interdiscurso o lugar do dizível de onde emergem os discursos. Maingueneau (2008, p.35, 36), portanto afirma que reconhecer esse tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com o seu Outro<sup>4</sup>.

Como se vê, contrariamente às representações espontâneas dos sujeitos, a formação discursiva aparece como o lugar de um trabalho no interdiscurso; ela é um domínio "inconsciente", aberto e instável, e não a projeção, a expressão estabilizada da "visão de mundo" de um grupo social. Maingueneau (1997, p.113).

---

<sup>4</sup> Entende-se que esse "Outro", com maiúscula, não coincide com o seu homônimo lacaniano. Empregamos esse termo porque não encontramos outro melhor. Podemos consolar-nos lembrando que nas Ciências Humanas não é um homônimo que vai fazer a grande diferença MAINGUENEAU (2008, p. 36).

Assim, ele vê duas perspectivas errôneas quanto às duas concepções da relação entre discurso e interdiscurso: a) a mais imediata, que consiste em considerar o discurso como um objeto isolado, ao mesmo tempo "idêntico a si próprio e contraditório, em sua totalidade, face a um exterior não especificado (Langages nº 62, p. 29); e b) a que se fundamenta sobre as individuações dos grupos sociais, graças ao contraste entre discursos.

Trata-se, neste caso, como apresenta Maingueneau (1997, p. 113), do estabelecimento de diferenças, de aproximações ou de afastamentos entre conjuntos de discursos cuja individuação é postulada previamente. Sobre isto diz que:

a esta concepção que afirma implicitamente a existência prévia de contrários individuados na relação da contradição, deve-se preferir aquela que coloca o primado da contradição, que une e divide ao mesmo tempo os discursos, que faz da própria individuação um processo contraditório. (MAINGUENEAU, 1997, p. 113).

Apresenta o conceito do primado do interdiscurso em detrimento do discurso, tornando, fazendo-o como o objeto teórico da Análise do Discurso e não como se pensava que o discurso seria este objeto. Para Possenti (2009, p. 154), no campo da AD, essas questões já são vencidas, pois os estudos do discurso na atualidade já apontam para essa necessidade da importância do primado do interdiscurso como objeto analisável. E, embasado em Fiorin (1994), complementa:

propôs que se distinguisse intertextualidade de interdiscursividade (a segunda implica a primeira, mas a relação inversa não é necessariamente verdadeira). Trata-se, de maneira geral, de uma distinção importante, embora possa ser problematizada, se se mostrar convincentemente que o texto é mais a materialidade linguística, fazendo parte da própria discursividade, na medida em que um discurso, em decorrência de sua semântica global, parece preferir certos gêneros a outros [...] Fiorin (1994, apud POSSENTI, 2009, p, 154).

Em geral, como é apresentado por Maingueneau (1998, p. 20), o analista não estuda a totalidade de um campo discursivo, mas ele extrai dela um subconjunto, um espaço discursivo, constituído de pelo menos dois posicionamentos discursivos mantendo relações particulares fortes de disputas e embates.

O discurso não é nem um sistema de "ideias", nem uma totalidade estratificada que poderíamos decompor mecanicamente, nem uma dispersão de ruínas passível de levantamentos topográficos, mas um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação. (MAINGUENEAU, 2008, 19).

Dessa forma, evidencia-se que não se pode dissociar língua, discurso e ideologia. O conceito de língua que interessa à linguística quanto à discursividade. A língua precisa ser vista como fenômeno que integra língua/discurso, mas não como um binarismo-dicotômico. Isto porque é na língua onde se materializa o linguístico, e conseqüentemente, o discurso com relação à língua e sua exterioridade.

O discurso se materializa no texto e, conseqüentemente, na língua/linguagem. Não trata de uma análise linear. Na relação do texto e o discurso, entende-se que o texto deve ser visto nas condições sócio-históricas, constitutivo de significações diversas. O discurso é o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos, pois o discurso é o efeito de sentido construído no processo de interlocução num dado contexto social.

Não há sujeito homogêneo como não há homogeneidade no discurso. Assim, sujeito e discurso são heterogêneos. As posições-sujeito, são compreendidas dentro de determinadas Condições de Produção em que numa Formação Discursiva o sujeito discursivo fala de uma determinada posição social interpelado pela ideologia.

As Condições de Produção (CP) é entendida como a constituição do sujeito em sua situação concreta de enunciador em um momento histórico determinado; é o colocar em cena os protagonistas do discurso e o seu e o seu referente. Um discurso com uma nova roupagem. Faz parte das Condições de Produção e é definido como com aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente.

A Formação Social se caracteriza por um estado determinado de relação entre classes que compõem uma comunidade em um determinado momento de sua história. Enquanto que a Formação Discursiva, é entendida como o conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades que determina "o que pode e deve ser dito" a partir de um lugar social historicamente determinado. Já a Formação Ideológica é constituída por um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas dizem respeito, mais ou menos diretamente, as posições de classe em conflito umas com as outras.

No que se refere às ideologias, tem-se nos estudos do discurso as teorias dos esquecimento; sendo uma *de ordem da enunciação* em que o dizer sempre podia ser outro, pois trata de como nos apropriamos da fala, ao fazermos de uma maneira e não de outra e o modo de dizer não é indiferente aos sentidos; e a outra, *de ordem ideológica* que é o da instância do inconsciente, e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia; assim



os sentidos apenas se representam como se originando em nós. Entretanto, discorreremos sobre as ideologias em relação à língua, à linguagem e ao discurso mais adiante neste texto.

O que Maingueneau (1997, p. 112) está buscando questionar é exatamente a relação com o interdiscurso; ou seja, que é preciso definir uma formação discursiva a partir de seu interdiscurso, e não como se fazia:

O interdiscurso em um processo de *reconfiguração incessante* no qual uma formação discursiva é levada [...] a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos. Langages (1979, p. 48, apud MAINGUENEAU, 1997, p. 116).

Maingueneau (1997, p. 112) destaca duas abordagens quanto ao interdiscurso, nas quais são diferentes dessa AD anterior nas suas formulações bem como nos seus objetivos, Universo Discursivo, cita J. M. Marandin:

O conjunto de enunciados constitui o arquivo de uma época. Este conjunto não é a coleção de um espaço homogêneo (o espírito de uma época, um estado de cultura ou civilização), de tudo que foi dito, de tudo o que se diz, mas um conjunto de regiões heterogêneas de enunciados produzidos por práticas discursivas irreduzíveis Langages (1979, p. 48, apud MAINGUENEAU, 1997, p. 116).

É nesse sentido que Brandão (2004, p. 89) diz que o estudo da especificidade de um discurso se faz colocando-o em relação com outros discursos e quanto ao interdiscurso, este passa a ser o espaço de regularidade pertinente, do qual os discursos não seriam senão componentes. “Esses discursos teriam a sua identidade estruturada a partir da relação interdiscursiva e não independentemente uns dos outros para depois serem colocados em relação.” como aponta (BRANDÃO, 2004, p. 89).

Assim, na afirmação do primado do interdiscurso s constitui uma tomada de posição cujas implicações, finalmente, permanecem muito poucas especificadas. *A priori*, pode haver várias formas de privilegiar o interdiscurso e não se deve esperar que todas as abordagens sejam semelhantes. Se elas convergem, é essencialmente pelo fato de que se opõem a uma certa concepção do discurso que prevalecia na AD anterior. (MAINGUENEAU, 1997, p. 111, 112).

Assim, Maingueneau (2005, p. 27-30), entende o interdiscurso por uma tríade compreendida como Universo Discursivo (UD) Maingueneau (2008, p.33), Campo Discursivo (CD) Maingueneau (2008, p.34), e o terceiro, o Espaço Discursivo (ED)

Maingueneau (2008, p.35). Segundo Possenti (2009, p. 27), Maingueneau apresenta uma noção de interdiscurso menos pomposa, ressalta que seu conceito de interdiscurso é, todavia, mais operacional e mais produtiva. E acrescenta que: "é necessário afinar este termo muito vago para nosso propósito e substituí-lo por uma tríade: universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo" (POSSENTI, 2009, p. 27)

Sobre a relação a relação interdiscursiva, Maingueneau (1984, 1997, 2008), adota posição mais radical ainda ao determinar o primado do interdiscurso sobre o discurso. Isto leva a afirmar que "a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhido" (MAINGUENEAU, 2008, p. 11).

Possenti (2009, p. 163) entende por Universo Discursivo o conjunto de formações discursivas de todos tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura. Este conjunto é necessariamente finito, mesmo que não possa ser apreendido em sua globalidade, ou seja, jamais concebível em sua totalidade pela AD. É de pouca utilidade para o analista e define apenas uma extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos domínios susceptíveis de ser estudados.

Quando uma tal noção é utilizada, é preciso realizar o recorte dos campos discursivos. Ela corresponde aproximadamente ao que J. M. Marandin, reformulando um termo de Foucault, chama de "arquivo" (MAINGUENEAU, 1997, p. 116).

Possenti (2009, p. 163) ao referir-se os Campos Discursivos, diz que mesmo que não possa ser apreendido em sua globalidade, é de pouca utilidade para o analista em função de sua extensão máxima, pois define apenas uma extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos domínios suscetíveis de ser estudados. Assim, a noção de universo discursivo proposta por Maingueneau recobre à noção de interdiscurso, que segundo Possenti (2009, p. 163), e seria de certo modo, equivalente ao conceito de Pêcheux.

Quando se refere ao Campo Discursivo é definível como um conjunto de formações discursivos que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, posição enunciativa em uma dada região. O recorte de tais campos deve decorrer de hipóteses explícitas e não de uma partição espontânea do universo discursivo.

Certamente, a tradição legou certos número de etiquetas (campos discursivos religioso, político, literário etc.), mas estas são grades extremamente grosseiras, de pouco interesse para a AD, que é obrigada a considerar múltiplos parâmetros para construir campos pertinentes. (MAINGUENEAU, 1997, p. 116).

Dentre os parâmetros para a construção de campos pertinentes, Possenti (2009, p. 163), diz que encontram concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo, seja em confronto aberto, em aliança, na forma de neutralidade aparente etc entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deva ser preenchida. Pois,

para o autor, é no interior do campo discursivo que se constitui um discurso, e sua hipótese é que tal constituição pode deixar-se descrever em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes. O que não significa, entretanto, que os discursos se constituam da mesma forma em *todos* os discursos desse campo, nem é possível determinar *a priori* as modalidades das relações entre as diversas formações discursivas de um campo (POSSENTI, 2009, p. 163).

E por Espaço Discursivo, compreende um subconjunto do campo discursivo, ligando pela menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantém relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados. É definido a partir de uma decisão do analista, em função de seus objetivos de pesquisa, pois “não é possível determinar *a priori* as modalidades das relações entre as diversas formações discursivas de um campo.” MAINGUENEAU (2008, p.35).

Maingueneau (2008, p. 35) propõe isolar espaços discursivos, isto é, subconjuntos de formações discursivas cuja relação o analista julga pertinente para seu propósito. Essas restrições devem resultar apenas de hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e um saber histórico, que serão em seguida confirmados ou infirmados quando a pesquisa progredir.

Não é por simples comodidade que determinados subconjuntos são recortados (porque seria difícil apreender um campo discursivo em sua totalidade), mas também e sobretudo porque uma formação discursiva dada se opõe de forma semelhante a todas outras que partilham seu campo: certas oposições são fundamentais, outras não desempenham diretamente um papel essencial na constituição e preservação da formação discursiva considerada (MAINGUENEAU, 1997, p. 116, 117).

Possenti (2009, p. 163) afirma que Maingueneau propõe isolar os espaços discursivos, nos quais formaria subconjuntos de informações discursivas cuja relação o analista julga pertinente para seu propósito. tais restrições devem resultar apenas de hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e um saber histórico, que serão em seguida confirmados ou infirmados quando a pesquisa progredir.

Maingueneau (2008, p. 40), destaca que o espaço discursivo tem um duplo estatuto: pode-se apreendê-lo como um modelo dissimétrico que permite descrever a constituição de um discurso, mas também como um modelo simétrico de interação conflituosa entre dois discursos para os quais o outro representa totalmente ou em parte seu Outro. E afirma que “é esse último aspecto, o de um processo de dupla tradução, que vai interessar essencialmente.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 40).

Nestes recortes discursivos de estudos para os analista do discurso, Brandão (2004, p. 90, 91), afirma que seria necessário um conhecimento e saber histórico nos quais pedem levantar hipóteses que serão confirmadas ou não ao longo da pesquisa. Dessa forma, observa que Maingueneau, a exemplo, construiu um espaço discursivo que associa dois discursos o Humanista Devoto e o Jansenismo, como se pensava por certos especialistas de que o jansenismo se explicaria como uma reação ao humanismo devoto.

Assim, Maingueneau (2008, p.36), discorre que o Outro não deve ser pensado como uma espécie de “invólucro” do discurso, pois ele mesmo considerado como invólucro de citações tomadas em seu fechamento. Por isso, no espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade externa; não é necessário que ele seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso.

Logo, o Outro se encontra na raiz do Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. O Outro é aquele que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite encerrar-se em um todo. É aquele parte do sentido que foi necessário o discurso sacrificar para constituir a própria identidade.” (MAINGUENEAU, 2008, p.37).

Em sua justificativa de hipótese, ao isolar os discursos os espaço discursivo, Maingueneau (2008, p.37) diz que isso decorre o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso. Destacando a impossibilidade de dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo. Essa imbricação do Mesmo e do Outro retira à coerência semântica das formações discursivas todo o caráter de “essência”, cuja inscrição na história seria acessória; não é dela que a formação discursiva tira o princípio de sua unidade, mas sim de um conflito regulado.

## 2.4 Relações Interdisciplinares

Na relação entre subjetividade, a representação e o sentido, podemos pensar que a noção de subjetividade tem raízes antigas. Segundo (Brandão, 1998, p. 33), a subjetividade sempre preocupou os filósofos e, como o estudo da linguagem nasceram se suas reflexões, é difícil falar de subjetividade sem passar pela Filosofia. Ao traçar o percurso histórico até as formas que hoje é preconizado no pensamento contemporâneo, e sobretudo, nos estudos da Análise do Discurso.

A despeito da subjetividade na linguagem, Brandão (1998, p. 37), se pergunta onde estaria lugar do sujeito na concepção representativa da linguagem. E assim, discorre que o sujeito passa a ocupar uma posição privilegiada, já que a verdade não é mais algo que se manifesta por sua força interna, mas por aquilo que é representado por um sujeito que lhe confere sentido.

A noção de representação desloca-se do eixo da verdade para ser solidária com a de subjetividade é o que nos diz Brandão (1998, p. 37). Pois a subjetividade se constitui na linguagem e pela linguagem. É porque constitui o sujeito que a linguagem pode representar o mundo. A exemplo disso, no ato de falar, o sujeito se apropria da linguagem, instaura a sua subjetividade. Logo, enquanto sujeito constituído pela linguagem que o sujeito pode falar, e conseqüentemente, representar o mundo.

Ao referir-se à subjetividade no discurso, Brandão (1998, p. 38). diz que não se trata, portanto, de negar o sujeito ou destruí-lo, mas de reconhecê-lo na sua complexa multiplicidade: nem totalmente “assujeitado” nem totalmente livre. Trata-se antes de rejeitar qualquer identidade imobilista e cristalizadora do sujeito e igualmente de eliminar qualquer identificação fixa e homogeneizadora do sentido.

Assim, toda atividade de linguagem é um processo marcado pela inscrição do sujeito, como diz Brandão (1998, p. 46), e que dentre os componentes que devem ser focalizados ao estudar a prática discursiva estão aqueles ligados à presença dos traços linguísticos que instauram a subjetividade dos sujeitos.

Nesse sentido, Benveniste (1974, apud BRANDÃO, 1998, p. 46), explica que as unidades linguísticas que carregam, por excelência, essas marcas de subjetividade, e que se inscrever na estrutura do enunciado são os dêiticos que abrangem tanto os índices de pessoa quanto os índices de ostensão.

Então, a subjetividade é a capacidade do locutor se propor como sujeito do seu discurso, Benveniste (1974, apud BRANDÃO, 2004, p. 56), portanto, é a análise do dizer do sujeito discursivo; já a intersubjetividade, entende como a análise do dizer entre os interlocutores na relação locutor e interlocutor, trata-se de outra compreensão do fenômeno: a de signo dialético, vivo, dinâmico, a partir de uma visão da linguagem como interação social.

Em face do que dissemos sobre a subjetividade dos sujeitos construídos na/pela linguagem, falando da busca de seu entendimento desde a filosofia, a linguística já esboça a realidade dessa relação em a subjetividade, o sujeito e o sentido são inseparáveis.

Nos seus trabalhos, Touraine (1996, 1998, 2006), ao tratar da temática a respeito do sujeito e da democracia, entende que os sujeitos são construídos historicamente e ressalta que nas sociedades pós Revolução Industrial, os sujeitos estão em busca de seus direitos, da representatividade e cidadania.

Dessa forma, Touraine (1996, p. 22) aponta dimensões que significam o novo sujeito: uma ideia nova, os direitos do homem, representatividade e a cidadania. Além de ressaltar a limitação do poder, nos quais buscam estabelecer a democracia. Para isso, toma como ponto de partida a liberdade do sujeito.

Touraine (1996, p. 22), destaca que as interpelações de forças de mediação, sujeito e democracia, figuras do indivíduo e da sociedade que são inseparáveis uma da outra, assim, evita-se levar a uma guerra civil mundial e desdobramento da personalidade individual. Evitando assim que a civilização fosse destruída. Também discorre que:

O sujeito integra identidade e técnicas, construindo-se como ator capaz de modificar seu meio ambiente e transformar sua experiências de vida em provas de sua liberdade. O sujeito não é a consciência de si e, ainda menos, a identificação do indivíduo com um princípio ou diversão, como a razão ou Deus. TOURAINE, 1996, p. 172).

A ideia de sujeito, segundo Touraine (1996, p. 172), combina três elementos cuja presença é igualmente indispensável, o primeiro é a resistência à dominação, o segundo, é o amor de si pelo qual o indivíduo estabelece sua liberdade como condição principal de sua felicidade e como um objetivo central e o terceiro é o reconhecimento dos outros como sujeitos e o conseqüente apoio às regras políticas e jurídicas que proporcionem ao maior número possível de pessoas o máximo de oportunidades de viver como sujeitos. (TOURAINE, 1996, p.172).

Ainda afirma que o sujeito evoca a ideia de luta social, Touraine (2006, p. 123), pois seria semelhante à de consciência de classe, mas na individual. Assim, o sujeito se apresenta como parte íntima de cada ser que possui como movimento a resistência, o confronto, o debate. Vejamos:

No devenimos plenamente sujetos más que cuando aceptamos como ideal reconocernos — y hacernos reconocer como individuos — como seres individualizados, defendiendo y construyendo su singularidad, y dando, a través de nuestros actos de resistencia, un sentido a nuestra existencia. (TOURAINÉ, 2006, p. 123).

Para Touraine (2006, p. 123), só nos tornamos plenamente sujeitos quando aceitamos como nosso ideal reconhecer-nos – e fazer-nos reconhecer enquanto indivíduos – como seres individuados, que defendem e constroem sua singularidade, e dando, através de nossos atos de resistência, um sentido a nossa existência.

Pode perguntar se vivemos em um mundo de sujeitos ou de indivíduos. A respeito do comportamento do sujeito individual e do sujeito coletivo, Touraine (1998, p. 70), considera que este se organiza em torno de três princípios nos quais relaciona a racionalidade instrumental, a afirmação identitária e comunitária e a subjetivação que é o desejo da individuação. “*O indivíduo se situa na ordem do direito, enquanto seu duplo, o sujeito, na ordem da experiência concreta.*” (TOURAINÉ, 1998, p. 70).

Assim, é o elemento sujeito de cada ser que luta pelos direitos adquiridos para indivíduo. Da mesma forma, se não existissem tais direitos e não fossem garantidos minimamente os espaços do indivíduo, dificilmente existiria a possibilidade do sujeito de cada um se manifestar. É o problema a que refere Touraine (2006, p. 126):

Mesmo que raramente tenhamos a força necessária para defender os direitos do indivíduo contra os da sociedade, experimentamos a mais viva desconfiança no tocante às instituições responsáveis por punir os desviantes ou os criminosos, ou mesmo de cuidar das minorias e dos deficientes. (TOURAINÉ, 2006, p. 126).

E complementa que:

Sempre tememos que o que se chama de interesse da sociedade ignore o direito que cada um tem de ser tratado como sujeito. Se ainda estamos ligados a estas instituições é porque sua presença nos protege da arbitrariedade das ditaduras e da violência, cujo efeito imediato é destruir toda referência de sujeito. (TOURAINÉ, 2006, p. 126).

Para Touraine (2006, p. 126), sujeito e indivíduo apresenta-se como processo complexo de codependência, e assevera que não é possível pensar em uma sociedade de plenos sujeitos, pois o indivíduo representa uma plataforma de manifestação do sujeito, assim como o sujeito garante maior ou menor espaço de atuação do indivíduo.

Pois se a parte escura dos movimentos sociais é a da sociedade, a parte da luz é a da modernidade. Touraine (2006, p. 126), na verdade, fica do lado da razão contra a arbitrariedade do poder, mas, sobretudo, do lado dos direitos universais do indivíduo. Em todos os conflitos e em todos os movimentos sociais, pode-se ouvir um chamado para igualdade, liberdade, justiça e respeito para todos (TOURAINÉ, 2006, p. 126).

Touraine (1996, 1998, 2006) destaca o papel dos sujeitos frente aos seus interesses na sociedade moderna, alude que nos movimentos sociais os sujeitos se subjetivam em busca de seus direitos. E isso, deixa marcas na linguagem, no discurso. Nos conflitos e em todos os movimentos sociais, pode-se ouvir um chamado para igualdade, liberdade, justiça e respeito para todos. E para isso, discursos das minorias são construídos em busca de seus direitos numa sociedade excludente.

Em Foucault (1996), temos a compreensão de uma sociedade do discurso, discursos que circulam a interesses de uma hegemonia, e que muitas das vezes, a voz, ou os discursos minoritários são silenciados, apagados em detrimento da construção de discursos hegemônicos que inviabilizam o direito à voz, ao próprio discurso que inquieta. A exemplo das questões relativas à sexualidade que sujeitos são cerceados, fazendo-se silenciar. A suposta rebeldia dos sujeitos discursam e se subjetivam na/pela linguagem. Como podemos ver nas suas palavras: “é como se o discurso fosse um dos lugares onde estas regiões exercem, de maneira privilegiada, alguns dos seus mais temíveis poderes.” (FOUCAULT, 1996, p. 09).

A modernidade através da racionalização e da subjetivação libertou o homem do finalismo religioso, é como expressa Foucault (2008 p. 43), ao colocar o indivíduo como criador dos seus próprios valores.

Assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas designar semelhante dispersão, tais como ciência, ideologia, teoria, domínio de objetividade. E sobre as FD, Foucault chama de:

[...] regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva. (FOUCAULT, 2008, p. 43).



Assim, Foucault (2008 p. 146), ressalta que o domínio dos enunciados assim articulado segundo *a priori* históricos, assim caracterizado por diferentes tipos de positividade e escandido por formações discursivas distintas.

Não tem mais o aspecto de planície monótona e indefinidamente prolongada que eu lhe dava no início, quando falava de superfície do discurso; deixa igualmente de aparecer como o elemento inerte, liso e neutro em que vêm aflorar, cada um segundo seu próprio movimento, ou estimulados por algum dinamismo obscuro, temas, ideias, conceitos, conhecimentos.

Temos de tratar, agora, de um volume complexo, em que se diferenciam regiões heterogêneas, e em que se desenrolam, segundo regras específicas, práticas que não se podem superpor. (FOUCAULT, 2008, p. 146).

Ao invés de vermos alinharem-se, no grande livro mítico da história, palavras que traduzem, em caracteres visíveis, pensamentos constituídos antes e em outro lugar, temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). (FOUCAULT, 2008, p. 146).

São todos esses sistemas de enunciados, acontecimentos de um lado, coisas de outro, nos quais, Foucault (2008, 146) chama de arquivo no qual já marca o aparecimento do discurso.

## **2.5 O Discurso Polêmico**

Charaudeau; Maingueneau (2004, p. 380), ao traçar conceitos de interdiscurso, vê na Polêmica e na Interdiscursividade relação intrínseca e destaca que a Polêmica pode servir para caracterizar a discursividade. Sendo assim, numa certa interpretação da pragmática instala o confronto no centro da atividade linguageira. Isso pode valer que para as interações ordinárias, assim, Ducrot, após ter dito que "o valor semântico do enunciado, como o de uma peça de jogo de xadrez, deveria ser descrito ao menos parcialmente, como um valor polêmico.

Segundo Charaudeau; Maingueneau (2004, p. 380), diz que o mesmo se verifica na teoria das faces" Brown e Levinson, 1978), que quer dar conta das relações interpessoais na troca verbal. Quanto aos posicionamentos doutrinários; Consuta (2000: 175) propôs

distinguir entre polemismo que se refere ao constitutivo de uma relação estrutural de confronto de dois posicionamentos; a polemicidade, sobre as múltiplas manifestações textuais desse confronto estrutural; e a polêmica, que seria o seu desdobramento em um espaço discursivo e através de gêneros determinados).

Os estudos sobre a polêmica foram desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin e, posteriormente, por Dominique Maingueneau e outros estudiosos da linguagem, e apresentam grande contribuição para a análise de um tipo de enunciado que se contrapõe a outros, sobre o mesmo objeto.

Maingueneau (1997, p. 112) ao falar do interdiscurso, nas quais são diferentes dessa AD anterior nas suas formulações bem como nos seus objetivos, e portanto, deve ser tomada recorrendo a tríade de termos complementares que são o Universo Discursivo, o Campo Discursivo e o Espaço Discursivo. Maingueneau (1997, 2008), diz que as formações discursivas são vistas por uma interincompreensão discursiva constitutiva em que se estabelece a relação polêmica.

A polêmica discursiva postulada nos trabalhos de Maingueneau não se refere a um nível apenas constitutivo, sendo o qual todos os discursos estariam sempre em polêmica com o seu Outro, mesmo que este não seja empiricamente apresentado, conforme nos diz Silva (2008, p. 31),

Para essa polêmica constitutiva, qualquer enunciado, por sem sempre uma “resposta” a todos os outros enunciados que com ele dialogam, seria essencialmente polêmico. Entretanto, quando trata da polêmica discursiva, Maingueneau (1984) refere-se, de forma mais específica, a dois discursos identificados no interior de um mesmo espaço discursivo, que polemizam não só constitutivamente, mas revelam essa polêmica através de uma heterogeneidade mostrada. De acordo com Authier-Revuz (1990, p. 25, apud SILVA, 2008. p. 31), a heterogeneidade mostrada incide sobre as manifestações recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes enunciativas. Dessa forma, a polêmica discursiva seria um tipo de heterogeneidade na qual as marcas ou índices polêmicos pode ser identificados na superfície discursiva através de simulacros.

Nesse sentido, Silva (2008, p. 32) diz que o conceito de polêmica discursiva inscreve-se na noção de interincompreensão que de acordo com essa noção, quando dois discursos partilham de um mesmo espaço discursivo, a relação estabelecida entre eles sempre será uma relação de polêmica. Pode-se dizer que:

A polêmica sustenta-se com base na convicção de que existe um código que transcende os discursos antagônicos, reconhecido por eles, que permitiria decidir entre o justo e o injusto. É assim postulada a figura do árbitro, do neutro, da instância que não é um nem outro, vale dizer, da utopia de uma posição que seja parte interessada no conflito e exterior a ele. (MAINGUENEAU, 2008, p. 111).

Brandão (1994, p. 30), diz que “no discurso polêmico o que se dá é uma reversibilidade negativa, privativa.” A polêmica pode se inserir em um contexto de violência, e ao mesmo tempo de paixão saturado de axiológicos negativos nos quais funcionam como suportes da desvalorização polêmica.

Assim, vê no discurso polêmico como um discurso desqualificante, pois ele ataca um alvo e coloca a serviço deste objetivo pragmático dominante que é, sobretudo, desacreditar o adversário, e conseqüentemente, o discurso que ele sustenta com todo seu arsenal de procedimentos retóricos e argumentativos. Kerbrat-Orecchioni (1980, p. 3-40, apud BRANDÃO, 1994, p. 30).

A polêmica discursiva como interincompreensão construída por Maingueneau (2008, p. 64), é um modelo que se baseia na aplicação de quatro operações de Concentração, de Enfraquecimento, de Contrariedade e de Harmonização. É por meio dessas operações que obtêm-se dois conjuntos de semas: o conjunto de M1 e o de M2.

Em cada cada polo discursivo, os semas se organizam em duas classes complementares, isto é, os semas em que o discurso reivindica, neste caso, os “positivos” (M1+, M2+), e os que o discurso rejeita, referem-se aos “negativos” (M1- e M2-). “A relação polêmica baseia-se nessa dupla bipartição: cada polo discursivo recusa o outro como derivando de seu próprio registro negativo de maneira a reafirmar a validade de seu registro positivo”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 64).

Os **semas** são um conjunto de termos nos quais materializa os principais traços semânticos utilizados pelo analista no processo de construção do modelo da semântica global de cada posicionamento discursivo<sup>5</sup> conforme apresenta Maingueneau (2008, p. 47, 48). Ao tratar do sistema de restrições semânticas, afirma que ele determina os operadores de individuação nos quais são chamados de semas fim de que exista um núcleo semântico.

---

<sup>5</sup> O verbete posicionamento aparece assim definido no Dicionário de Análise do Discurso, Charaudeau & Maingueneau (2004, p. 108): “trata-se de uma das categorias de base da análise do discurso, que diz respeito à instauração e à conservação de uma identidade enunciativa”. É um termo que tem sido amplamente utilizado, no contexto da Análise do Discurso francesa atual, em detrimento do termo “formação discursiva”, que estaria mais fortemente ligado ao domínio sócio-histórico.

Assim, os semas funcionam como uma espécie de filtro, pois fixam, estabelecem os critérios em virtude dos quais certos textos se distinguem do conjunto dos textos possíveis como pertencendo a um determinado posicionamento Maingueneau (2008, p. 48).

As regras para produzir os semas, segundo Maingueneau (2008, p.62), dependem de um operador único que se aplica a alguns eixos semânticos primitivos. E, nessa perspectiva, “a formação discursiva não seria um conglomerado mais ou menos consistente de elementos diversos que se uniriam pouco a pouco, mas sim a exploração sistemática das possibilidades de um núcleo semântico” (MAINGUENEAU, 2008, p.62). O que é compatível com a hipótese do primado da interdiscursividade como também da competência discursiva.

Assim, “O sistema de restrições é um modelo de competência interdiscursiva. Os enunciadores dominam as regras que permitem produzir e interpretar enunciados de sua própria formação discursiva e permitem identificar como incompatíveis os enunciados das formações discursivas antagonistas” (MAINGUENEAU, 2008, p. 22).

Logo, a cada posição discursiva, segundo Maingueneau (2008, p. 100), se associa um dispositivo que a faz interpretar os enunciados de seu Outro, traduzindo nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema. Em outras palavras,

esses enunciados do outro só são “compreendidos” no interior do **fechamento semântico do seu intérprete**; para constituir e preservar sua identidade no **espaço discursivo**, o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que dele constrói. (MAINGUENEAU, 2008, p. 100). *Grifos meus.*

De acordo com Maingueneau Maingueneau (2008, p 100), quando se considera o espaço discursivo como rede de interação semântica, ele define um processo de interincompreensão generalizada, a própria condição de possibilidade das diversas posições enunciativas. Assim, devido a esse processo de interincompreensão, os enunciados do Outro só são compreendidos no interior do fechamento semântico do intérprete.

Maingueneau (2008, p 100), Convencionamos chamar *discurso-agente* aquele que se encontra em posição de tradutor e de *discurso-paciente* aquele que é assim traduzido: é por definição um proveito do primeiro que se exerce a atividade de tradução.

A partir dessa relação estabelecida entre um discurso e seu Outro, Maingueneau (2008, p 100), propõe um duplo conceito para dar conta do modo como se relacionam os

participantes no embate polêmico. De um lado, o *discurso-agente* (tradutor) e, por outro lado, o *discurso-paciente*, neste caso, o discurso que foi traduzido.

Por tradução, entende-se que não se trata apenas de uma tradução interlinguística de passagem de um idioma para outro idioma receptor. Assim, a questão refere-se à tradução polêmica entre um discurso e seu Outro, no qual “cada um entende os enunciados do Outro na sua própria língua, embora no interior do mesmo idioma”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 100).

Definimos assim regras de passagem de uma interpretação à outra, sem tocar na estabilidade do significante linguístico. Em outras palavras, um verdadeiro “Pentecostes pervertido, no qual cada um entende os enunciados do Outro na sua própria língua, embora no interior de uma mesma língua.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 100).

Maingueneau (2008, p 105) enfatiza que se uma formação discursiva não lida com o Outro, mas com o seu simulacro que constrói desse Outro, isto não quer dizer que a relação com esse Outro seja externa ou posterior ao momento de delimitação das fronteiras de um discurso.

Evidentemente, o discurso jansenista que se integra a uma “Ordem” é apenas um simulacro construído pelo sistema humanista devoto. MAINGUENEAU, 2008, p 105). Isto quer dizer que neste caso, o enunciador mantém a própria identidade e define as figuras que o Outro pode assumir.

Nesse domínio, manter a própria identidade e definir *a priori* todas as figuras que o Outro pode assumir é uma só só e mesma coisa.” MAINGUENEAU, 2008, p 105). Em outras palavras, de sentido próprio, pois ela define igualmente seu modo de coexistência com os outros discursos. Maingueneau (2008, p 106). Então, Vê-se que uma formação discursiva não define somente um universo no qual ela se move; pelo contrário, para fazê-lo, “ela define igualmente seu modo de coexistência com os outros discursos.” MAINGUENEAU, 2008, p 106).

Sendo assim, para toda e qualquer posição enunciativa, “não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de ‘não compreender’ o sentido dos enunciados do Outro” Maingueneau (2008, p. 99). Logo, A relação polêmica com um Outro é constitutiva de todo discurso.

Quanto a esse respeito, Maingueneau (2008, p 108), salienta que a citação seria apenas um fragmento de enunciado em um nível bastante superficial de análise; na verdade, com o

enunciado vêm as palavras, o estatuto do enunciador e do enunciatário, o modo de enunciação, a intertextualidade, tudo o que tem a ver com a semântica global.

Ao estabelecer o conceito de competência discursiva, Maingueneau (2008, p 47), enfatiza que decorre do primado do interdiscurso e, então, propõe que a interação semântica entre os discursos é um processo de tradução em que cada discurso traduz os outros em seus próprios termos.

A memória - o interdiscurso, como definimos na análise de discurso - é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer” (ORLANDI, 1999, p. 64). Dessa forma, a interpretação se dá entre a memória institucional e o interdiscurso, podendo estabilizar, deslocar, determinar ressignificar os sentidos, estes sempre serão móveis ao serem determinados em dada formação discursiva.

Segundo Maingueneau (1997b, p. 111), examinamos algumas formas que podem ser mobilizadas por um discurso para marcar sua relação com o que ele considera seu exterior. Entretanto, não é suficiente identificar diversas formas de rompimento no tecido de uma formação discursiva, pois é também em um nível constitutivo que esta se relaciona com o interdiscurso. Não se trata, contudo, de absorver os discursos em algum interdiscurso indiferenciado, mas de avançar na reflexão sobre a identidade discursiva. (Maingueneau, 1997b, p. 111).

Maingueneau, 1997b, p. 123) questiona-se se haveria algum perigo em diluir dessa forma a diferença usual entre polêmico e não-polêmico, em proveito de uma interdiscursividade generalizada. Ainda alude que tratam-se de relações semânticas fundamentais que explicam as causas da "polêmica".

Nesse sentido, as controvérsias explícitas, em seu sentido usual, mas esta não é uma razão suficiente para negligenciar as diferenças entre textos que explicitam seus antagonismos e outros que não o fazem. Tomar um discurso a parte, considerá-lo como adversário, responder a um ataque (supondo-se que seja possível saber quem começou...) são gestos que têm consequências consideráveis e não podemos negligenciar sua eficácia. Maingueneau, 1997b, p. 123).

Também é preferível distinguir dois níveis de apreensão: o dialogismo constitutivo e o dialogismo mostrado do qual o diálogo polêmico seria uma das modalidades. O primeiro define as condições de possibilidade de uma formação discursiva no interior de um espaço

discursivo, enquanto que o segundo diz respeito a interdiscursividade manifestada. (Maingueneau, 1997b, p. 123). Sendo assim, a polêmica não se instaura de imediato, mas ela só se legitima ao aparecer como a repetição de uma série de outras que definem. É o que se poderia chamar da própria “memória polêmica” de uma formação discursiva como apresenta (MAINGUENEAU, 1997b, p. 124).

Assim, toda formulação estaria colocada, de alguma forma, na intersecção de dois eixos: o "vertical", do pré-construído, do domínio de memória e o "horizontal", da linearidade do discurso, que oculta o primeiro eixo, já que o sujeito enunciador é produzido como se interiorizasse de forma ilusória o pré-construído que sua formação discursiva impõe. Maingueneau (1997b, p. 115).

O "domínio de memória" representa o interdiscurso como instância de construção de um discurso transversal que regula, tanto o modo de doação dos objetos de que fala o discurso para um sujeito enunciador, quanto o modo de articulação destes objetos.

A intervenção deste interdiscurso, segundo Maingueneau (1997b, p. 124), se revela particularmente nas nominalizações, gregas as quais uma formulação já acertada vem encaixar-se como pré-construído. Assim, Maingueneau (1997b, p. 124) explica que a formação discursiva de onde deriva este texto inscreve claramente sua enunciação polêmica em uma sequência de outros textos, nos quais remete a outros textos fundadores.

Ao referir-se à memória polêmica, Maingueneau (1997b, p. 124), aborda que ela não se instaura de imediato; ela só se legitima ao aparecer como a repetição de uma série de outras que definem a própria "memória polêmica" de uma formação discursiva.

A formação discursiva de onde deriva este texto inscreve claramente sua enunciação polêmica em uma sequência de outros textos, Maingueneau (1997, p. 124), enfatiza que remete a um eterno conflito de arquétipos. Assim, Os exemplos lembrados só são levantados às custas de uma manobra discursiva, pois a priori são suscetíveis das mais variadas explorações.

As diversas memórias polêmicas recorrem a um tesouro cujas linhas de partilha são incessantemente deslocadas. Quando um discurso novo emerge, ele faz emergir com ele uma redistribuição destas memórias.” (MAINGUENEAU, 1997b, p. 125). Mas um discurso supõe mais que uma memória das controvérsias que lhe são exteriores; a medida que aumenta o corpus de suas próprias enunciações, com o passar do tempo e com a sucessão das gerações de enunciadores, vê-se desenvolver uma memória política interna.

Dessa forma, Maingueneau (1997b, p. 125), o discurso é mobilizado por duas tradições: a que o funda e a que ele mesmo, pouco a pouco, instaura. Ao cabo de um certo tempo, é inevitável que parte da tradição interna atinja o mesmo estatuto da primeira, ganhando a "autoridade" necessária para as produções de seus enunciadores. (Maingueneau, 1997b, p. 125).

Maingueneau (2008), em seus estudos sobre o discurso, lança mão do chamado processo de *interincompreensão* que é caracterizado no espaço discursivo. Ao abordar a relação do discurso com seu Outro, afirma: “[...] não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de ‘não compreender’ o sentido dos enunciados do Outro; são duas facetas do mesmo fenômeno.” Assim, entende-se por interincompreensão a relação de embates do discurso do Outro no discurso do Mesmo, a partir, de enunciados, formulados como simulacros, numa relação interdiscursiva. O discurso se encontra assim, entre duas memórias convergentes:

- a) uma memória “interna, que se enriquecendo e aumentando sua autoridade à medida que o tempo passa, que os textos se acumulam, que os homens desaparecem, tornam-se heróis, ou eventualmente mártires da causa;
- b) uma memória de filiação “externa” que o legitima, inscrevendo-o na linhagem dos ancestrais e dispondo uma linguagem correspondente de adversários (aquela com a qual são chamadas a identificar-se as figuras do Outro. Maingueneau (2008, p. 116).

O discurso demanda Tradição e cria sua própria Tradição, sendo o essencial poder dizê-lo como ele já foi dito, inscrever sua enunciação nos traços de uma enunciação. Dupla memória que é polêmica, lenda de combates vitoriosos ou de derrotas significativas as “Luzes” triunfam sobre o fanatismo e sobre a tirania, como diz Maingueneau (2008, p. 116, 117).

O discurso não escapa à polêmica tanto quanto não escapa a interdiscursividade para se constituir conforme aponta (Maingueneau, 2008, p. 117). Assim, retoma e rediscute elementos da análise de discurso, teoriza sobre as relações polêmicas a partir do discurso religioso e apresenta contribuições para a análise. Como apresenta Brandão:

A polêmica se instala quando há coexistência, num mesmo espaço discursivo, de dois polos em torno dos quais se estruturam formações discursivas oponentes. Polemizar é, nesse sentido, tentar falsificar a fala do outro, é desqualificar o discurso do adversário numa situação em que duas posições antagônicas se confrontam e se afrontam. (BRANDÃO, 1998, p. 229).



Há assim, uma troca de subjetividades em que os interlocutores articulam representações recíprocas. Concebendo a enunciação como processo articulado sobre as três pessoas morfológicas: enunciador, enunciatário e enunciado, Brandt (1980), apud BRANDÃO, 1998, p. 229). Assim apresenta-se uma visualização:

|                         |                         |            |
|-------------------------|-------------------------|------------|
| 1. <b>A</b> diz         | 1. <b>B</b> diz         |            |
| 2. <i>a B</i> que...    | 2. <i>a A</i> que...    | <b>etc</b> |
| 3. <b>A+B-</b>          | 3. <b>A-B+</b>          |            |
| <b>Desafio Polêmico</b> | <b>Réplica Polêmica</b> |            |

No que se refere à análise do discurso em sua relação polêmica, Silva (2006, p. 110), toma como material de análise os enunciados do discurso da Renovação Carismática e enunciados do discurso da Teologia da Libertação nos quais são tomados como espaços discursivos em sua relação polêmica.

A Polêmica se estabelece quando há pelo menos dois oponentes de uma mesma Formação Discursiva. Na relação polêmica em que um discurso busca negar, se esforça em em nadificar/anular o discurso de outrem. Maingueneau (2008) vê a relação polêmica do Humanismo Devoto e o Jansenismo.

Maingueneau (2008) pelo fato de trazer conceituações importantes para a pesquisa aqui pretendida. O discursos constituintes, o primado do interdiscurso que busca analisar enunciados a partir de sua interdiscursividade numa relação de polêmica como interincompreensão. O campo do discurso religioso que isolou dois posicionamentos discursivos, elegendo um espaço discursivo para análise do discurso em relação polêmica (jansenista e humanista devoto). Sua pesquisa refere-se aos embates polêmicos entre partidários da Reforma protestante e da Contrarreforma católica. Apresenta o cenário histórico do campo religioso que é constituído pelos debates ideológicos do o humanismo devoto e o jansenismo. Campo por si só muito amplo, delimitado pelo autor ao espaço discursivo, no qual dois discursos se inter- relacionam em relação polêmica. Silva (2006) trabalhando o mesmo conceito de polêmica como interincompreensão, vê na relação interdiscursiva a relação polêmica dos discursos da Renovação Cristã Carismática Católica (RCC) e na Teologia da Libertação (TL).

Esses dois posicionamentos discursivos na análise dos enunciados revelam que a TL e RCC compartilham o mesmo ED, mas apresenta semânticas globais que se recusam mutuamente. Essa negação do Outro acontece na relação interdiscursiva, vista na polêmica e interincompreensão.

Silva (2006) destaca que, a partir dos conceitos de Dominique Maingueneau (1997, 1983, 2008), também utilizou de um corpus que tem o mesmo tipo de campo discursivo, o discurso religioso, elencando como espaço discursivo, o discurso cristão católico, neste caso, em especial, o discurso da Renovação Cristã Carismática e o discurso da Teologia da Libertação num embate polêmico.

Nesta pesquisa, buscamos vê as relações polêmicas entre dois posicionamentos discursivos sobre os sujeitos de Deus, sujeitos da população LGBT nos quais o discurso religioso cristão fundamentalista de perspectiva protestante e o discurso religiosos de igrejas cristãs inclusivas que dizem respeito à temática das sexualidades e identidades de gêneros dissidentes. Consideramos que essa é uma das possibilidades de estudar esses dois posicionamentos discursivos, no entanto, sabemos que outros espaços discursivos poderiam ser delimitados conforme objetivos e necessidade da pesquisa.

### 3. O DISCURSO RELIGIOSO EM PERSPECTIVAS

Neste capítulo, pretendemos abordar questões relevantes a alguns conceitos relativos a uma visão da Análise do Discurso de orientação francesa, tomando como base algumas de suas abordagens desde os estudos da AD em Michel Foucault e Michel Pêcheux até os postulados da abordagem filiada aos estudos do discurso e interdiscurso em Dominique Maingueneau.

Na sequência, Igreja, Linguagem e Ideologia onde se materializam os discursos os discursos religiosos. Assim, os Discurso Religioso e Ideologias e A Atualidade das Ideologias - a pregação religiosa, isto é, o discurso religioso, desde sempre, constitui-se de um tipo de discurso ideológico. Já no subtópico, de uma Hermenêutica Fundamentalista à uma Análise Discursiva da Bíblia, tecemos alguns conceitos dos limites e avanços no processo da interpretação do texto bíblico. E então, o Discurso Religioso Cristão na Perspectiva Fundamentalista que é o discurso já posto hegemonicamente no qual tomaremos como um posicionamento discursivo com outro discurso religiosos cristão de surge no início do atual século.

#### 3.1 Uma visão da AD Francesa

Neste capítulo, buscamos ver a relação polêmica do discurso religioso de igrejas cristãs fundamentalistas por apresentar posicionamentos considerados mais radicais e o discurso religioso de igrejas cristãs inclusivas surgidas no início do século XXI, oriundas do surgimento da Teoria Queer.

Assim, reconhecemos a relevância dos discursos religiosos na sociedade contemporânea pelo fato de produzir discursos que excluem e incluem. Esses discursos que são surgidos ou ressurgidos a partir de textos bíblicos.

Maingueneau (2008, p. 13), no prefácio de sua obra, *Gênese dos discursos*, informa aos seu leitores e pesquisadores em geral que é lamentável que o discurso religioso continue a ser o parente mais pobre da análise do discurso. Mesmo que o fato religioso está particularmente presente no mundo contemporâneo. Destaca que há poucos trabalhos como o por ele elaborado, nos quais sejam construídos modelos semânticos que considerem conjuntos textuais tão vastos e que sejam capazes de integrar ao mesmo tempo a dimensão

comunicacional, a dimensão “doutrinal” e a dimensão “etnológica” dos discursos. Neste caso, em especial, às dimensões dos discursos religiosos.

Alega, Maingueneau (2008, p. 13), portanto que as divisões institucionais têm certamente efeitos esterilizantes, pois a maior parte dos especialistas em história da arte ou das religiões continua a trabalhar sem qualquer preocupação com as problemáticas da análise do discurso. Não define necessariamente o discurso religioso, todavia, trabalha com a ideia de um tipo de discurso religioso aquele que trata de temáticas relacionada à Deus e temáticas relacionadas a Fé.

Neste caso discurso religioso de matriz cristã, no cenário da Reforma protestante e da Contra Reforma no século XVI. O discurso religioso é por ele tomado como aquele que ideologicamente é construído num contexto histórico-social. Essa possível compreensão, talvez, esteja nos conceitos da ideologia em Michel Foucault em *A Ordem do Discurso e Arqueologia do Saber*; e das teorizações de ideologias de Louis Althusser em *Os aparelhos ideológicos de estado*.

Cabe aqui, expor o que significa o termo fundamentalismo (fundamentalista), no contexto religioso. Segundo Tamayo<sup>6</sup> (2007, p. 02), o termo, refere-se à denominação dada às correntes antimoderna e antiliberal do protestantismo anglo-saxão do começo do século passado que buscava o retorno aos princípios bíblicos da fé cristã tomados literalmente. E complementa dizendo que:

Hoy, dicha denominación es extensiva a las corrientes integristas del judaísmo, el catolicismo romano y el islam. El fenómeno fundamentalista suele darse –aunque no exclusivamente– en sistemas rígidos de creencias religiosas que se sustentan, a su vez, en textos revelados. Con todo no puede decirse que sea consustancial a ellos. Constituye, más bien, una de sus más graves patologías. (TAMAYO, 2017, p. 02).

Na construção desta pesquisa, tomamos o discurso religioso, não apenas aquela estrutura mais comumente conhecida como sermões, homilias, preleções, oratórias. Mas considerando os discursos constituintes, no qual o discurso religioso seria de um desses tipos de discursos.

---

<sup>6</sup> Juan José Tamayo Acosta tem Doutorado em Teologia pela Universidade Pontificia de Salamanca e doutorado em filosofia pela Universidade Autónoma de Madrid (1976). Lecionou em várias instituições de Espanha e América. É professor titular na Universidade Carlos III de Madrid, onde dirige a Cátedra de Teologia e Ciências das Religiões “Ignacio Ellacuría”, e professor da cátedra Tres Religiones da Universidade de Valência. Dirige cursos especializados de teologia e ciências das religiões e colabora em revistas latino-americanas e europeias, bem como em estudos sobre ciências das religiões, teologia das religiões e teologia da libertação. Disponível em: [https://www.uc.pt/feuc/eea/catedra\\_bvss\\_juantamayo](https://www.uc.pt/feuc/eea/catedra_bvss_juantamayo).

Para fins desse estudo, outros tipos e gêneros textuais, independente do suporte, serão consideradas as relações existentes entre a igreja, a linguagem bem como a ideologia por considerar bases relevantes na tradução do discurso religioso.

Considerando que todo discurso é eivado de outras vezes, de outros discursos, que e seu sentido é intervalar, logo um discurso tem relação com outros dizeres e é constituído pelo seu contexto imediato de enunciação e pelo contexto histórico-social, e se constitui na relação entre formações discursivas e ideológicas (POSSENTI, 2009, p. 382).

Trazemos aqui, algumas considerações sobre o discurso religioso. Segundo Orlandi (2006, p. 243), o discurso religioso é caracterizado, sobretudo, como aquele que fala a voz de Deus. Implica dizer que a voz do padre, do pregador ou seja de qualquer representante seu, é a voz de Deus.

Entende que como regra, o representante se apropria de Deus e que nesta relação o representante tem sua própria voz, entretanto, esta voz é regulada pelo texto sagrado, pela igreja e nos serviços litúrgicos (Orlandi, 2006), sempre será a Voz de Deus. Logo não há necessidade de diferenciar o discurso teológico do discurso religioso, pois os dois compartilham da compreensão a partir do texto bíblico.

Orlandi (2006, p. 15) ao distinguir três tipos de discursos, o lúdico, o polêmico e o autoritário, assevera que tal distinção, é a relação entre o referente, neste caso, o objeto do discurso, e os interlocutores que representa o locutor e ouvinte. Assim, explica que o discurso lúdico é aquele em que o seu objeto se mantém presente enquanto tal e os interlocutores se expõem a essa presença. E quanto ao discurso polêmico, diz que:

O discurso polêmico mantém a presença do seu objeto, sendo que os participantes não se expõem, mas ao contrário, procuram dominar o seu referente, dando-lhe uma direção, indicando perspectivas particularizantes pelas quais se olha e se o diz, o que resulta na polissemia controlada. No discurso autoritário, o referente está ausente, oculto pelo dizer; não há interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida. (ORLANDI, 1996, p. 15).

Orlandi (1996, p. 245) afirma ainda que o sujeito único e absoluto é Deus, e é distinto dos sujeitos interpelados e que o discurso religioso é aquele em que fala a voz de Deus Assim, o discurso religioso não apresenta nenhuma autonomia, pois o representante da voz de Deus não pode modificá-lo (ORLANDI, 1996, p. 245).

No processo discursivo o que impede a reversibilidade, a distinção entre os lugares sociais no discurso religioso tem papel fundamental por representar o lugar social de Deus

que é o espiritual e o lugar dos sujeitos-cristãos interpelados, está na ordem do plano material. Orlandi (1996, p. 243), e assevera que:

Locutor e ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetados por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o temporal. O locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens. (ORLANDI, 1996, p. 243).

O reconhecimento do lugar de Deus e dos sujeitos-cristãos para Orlandi (1996, p. 243), é um dos efeitos de sentido do discurso religioso. A exemplo, na citação de João 1.1-3 que diz: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez”, comporta uma cosmologia cujo efeito é o reconhecimento, por parte do homem, interpelado, de que existe um poder que lhe é superior e ao qual ele deve se submeter.

Nesse sentido, segundo Orlandi (1996, p. 243), o representante é aquele que fala do lugar de Deus e que transmite Suas palavras. Isto é, o representante não se confunde com Ele, pois ele não é Deus. Isto define a expressão fundamental da não-reversibilidade, e daí que se entende a ilusão “como condição necessária desse tipo de discurso: como se fosse sem nunca ser.” (ORLANDI, 2006 p. 253).

Conforme a Confissão de Fé da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), disponibilizada em textos pdf e em sítios da internet, a igreja crê na bíblia como Palavra de Deus, inspirada divinamente e que o representa diretamente, reivindica para si a legitimidade de representar a voz de Deus, como se observa:

Nossa fé está traçada pelos ensinamentos dos Apóstolos e nos Credos históricos: o Credo dos Apóstolos e o Credo Niceno. Cremos em um Deus Trino, onipotente e onisciente, de uma só substância em três pessoas: Deus, nosso Pai Criador; Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, Deus feito carne humana (Site da ICMSP).

Na compreensão da ICM, Deus é individual e comunitariamente, a cada pessoa através da lei e dos profetas e finalmente, completa e definitivamente, encarnação do Cristo. Assim, crê em Jesus como o Cristo, registrado historicamente como o Filho de Maria, sendo Deus-homem ou Homem-Deus (dogma das pessoas de Cristo). Para a ICM, Jesus demonstrou

através de seu sofrimento e morte que as pessoas são filhos e filhas muito amados e amadas de Deus, feitos espiritualmente à imagem e semelhança de Deus que teologicamente representa o conceito de *imago Dei*.

Mantém a crença no Espírito Santo como a terceira pessoa da Trindade, vê como o *paráclito*, sendo acessível e trabalha através de todos aqueles e de todas aquelas que desejam estar sob os cuidados de Deus.

Crê em uma fé ecológica, pois recomenda à comunidade “dos e das fiéis” a fim de que vivam uma vida religiosa autêntica. Busca, sobretudo, compromisso com o serviço cristão, reconciliados uns com os outros ou umas com as outras e toda a natureza criada. E complementa que:

Cremos que a Igreja serve para *aproximar todas as pessoas de Deus*, por meio de Jesus Cristo. Com esta finalidade, organizamos serviços regulares de adoração, oração, estudo das Escrituras e edificação, através do ensinamento e pregação da Palavra e ministração dos santos Sacramentos (Batismo e Santa Ceia). (Site da ICMSP - grifos meus).

Nesse sentido, há de se considerar os aspectos de uma hermenêutica fundamentalista aos estudos que comportam um olhar de uma análise discursiva da Bíblia, diga-se, dos enunciados surgidos meio delas dispersos no campo discursivo.

No início do século XXI vem surgindo novas igrejas que em nome de Deus reivindicam também representar a voz de Deus. São igrejas cristã inclusivas como a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) que é uma igreja pioneira no mundo e presente no território brasileiro.

### **3.2 Igreja, Linguagem e Ideologia**

Orlandi (1996, p. 243), tomando o discurso como materialidade ideológica cujo objetivo é capturar o indivíduo livre e assujeitá-lo a um poder superior, pode-se afirmar que o indivíduo livre é interpelado por Deus para que livremente aceite sua coerção a um poder superior, pois ele próprio, Deus, é o poder superior.

Sobre individualidade do sujeito, Foucault (1988, p. 136), diz que o direito à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades, e o direito, acima de todas as opressões ou alienações, de encontrar o que se é e tudo o que se pode ser.

Geisler<sup>7</sup> (2010, p. 11), estudioso da religião e da teologia<sup>8</sup> cristã, apresenta alguns conceitos teológicos e pressupostos necessários para estudar a teologia sistemática, trazendo o conceito de teologia (θεος - Deus e λογος - razão ou discurso), Geisler (2010, p. 11), discorre que a Teologia *evangélica seja* definida aqui como um discurso a respeito de Deus que enfatiza a existência de certas crenças cristãs essenciais como a infalibilidade e inerrância da bíblia.

Há nos estudos teológicos, categorias específicas, segundo Geisler (2010, p. 11), que descrevem a Teologia Bíblica como o estudo teológico a partir da bíblia; que a Teologia Sistemática busca construir um corpo consistente e compreensível a partir do conjunto completo da revelação de Deus; e a Apologética que trata da proteção da Teologia cristã contra os ataques externos.

Os pressupostos da teologia evangélica, segundo Geisler (2010, p. 12), é a sua crença de que os textos bíblicos correspondem a um comunicado infalível e absolutamente verdadeiro, feito em linguagem humana, que se originou de um Deus infinito, pessoal e moralmente perfeito.

O evangelicalismo pressupõe a existência de um Deus teísta, no qual baseia-se no pressuposto metafísico, destaca alguns pressupostos, dentre eles, citamos: que criou o mundo e que o intervém, sua verdade e o sentido são compreendidos nos elementos relacionados aos eventos históricos e que esta revelação pode ser sistematizada. Assevera que mesmo que pareça complicado, são pressupostos necessários para que a Teologia evangélica se torne possível (GEISLER, 2010, p. 12).

Quanto à relação de Deus e sua mensagem aos homens, Geisler (2010, p. 142), afirma que Deus tem duas formas principais de se revelar a humanidade: a revelação especial, na

---

<sup>7</sup> Dr . Norman Geisler, ex-reitor do Southern Baptist Theological Seminary, em Charlotte, Carolina do Norte, é autor e co-autor de mais de sessenta livros e de centenas de artigos. É orador e participa de debates a nível nacional e internacional. O Dr. Geisler possui bacharelado em Ciências Humanas (B.A.) e mestrado em Ciências Humanas (M.A.) pela Wheaton College, bacharelado em Teologia (Th.B.) pela William Tyndale College e doutorado em Filosofia (Ph.D.) pela Loyola University de Chicago. (Informação extraída do livro do autor).

<sup>8</sup> O termo teologia, segundo Abbagnano (2007, p. 949), se aplica em geral a qualquer estudo, discurso ou pregação que trate de Deus ou das coisas divinas. Foi nesse sentido generalíssimo que essa palavra foi entendida pelo grande erudito romano Marco Terêncio Varrão no século I a.C.



Bíblia, e a revelação geral, na natureza. Ambas requerem de nós uma compreensão análoga acerca de Deus.

Assim, falar de Deus como o Sujeito, Geisler (2010, p. 142), diz que para os cristãos, a Bíblia é a Palavra de Deus em palavras humanas, asseverando que os religiosos em geral, rejeitam qualquer alternativa que negue a possibilidade de falar de maneira significativa a respeito de Deus.

Segundo Geisler (2010, p. 142), existem três pontos de vista possíveis acerca da linguagem divina: ela é equívoca, ou seja, totalmente diferente da maneira como Deus realmente é; ela é unívoca, isto é, totalmente igual ao que Deus realmente é; e ela é análoga, pois é similar a maneira como Deus realmente é.

### **3.3 Discurso Religioso e Ideologias**

Nogueira (2016) destaca dois pontos relevantes na compreensão das manifestações religiosas, o primeiro diz respeito ao intenso dinamismo na mídia em geral e em segundo, quanto a sua complexidade através de linguagens que materializam seus conceitos culturais e ideológicos numa determinada sociedade.

Segundo Nogueira (2016, p. 11), o campo religioso e suas expressões são marcados por um intenso dinamismo no Brasil contemporâneo, e também somos surpreendidos pelas novas e, muitas vezes, excêntricas manifestações religiosas no rádio na televisão e na internet. Assim, o próprio processo sócio-histórico do Cristianismo é marcadamente dinâmico, pois de seita judaica no primeiro século, que pregava um messias crucificado pelos romanos, se tornou uma religião presente em todos os cantos do mediterrâneo em algumas décadas, e depois, no quarto século, é adotado como religião oficial do Império Romano.

No que diz respeito à complexidade das expressões religiosas, (NOGUEIRA, 2016, p.11, 12), destaca que nenhuma religião se manifesta de uma única forma, mas o faz por através de variadas expressões, em linguagens híbridas. Também não devemos desconsiderar que os evangélicos protestantes no Brasil também têm programas de rádio e televisão, o que os insere num ritmo de transformações de suas mensagens próprios nesses meios.

Segundo Nogueira (2016, p.12), o estudo das linguagens religiosas dos protestantes, e de qualquer outro grupo religioso, é, sobretudo, é adentrar numa problemática que envolve vários códigos semióticos. Entende que “a abordagem da linguagem, com ênfase no seu

dinamismo, e nas variações de seu códigos, privilegiando a criação de textos na cultura, é um promissor referencial teórico para o estudo das manifestações religiosas com toda a sua complexidade (NOGUEIRA, 2016, p. 12).

Assim, no estudo das manifestações religiosas, através de suas linguagens, compreende que há nos textos três funções: a) transmitir mensagens, b) criar novas mensagens e c) cultivar a memória Lotman (2000, p. 11-29, apud NOGUEIRA, 2016, p. 13). Nogueira (2016, p. 14), vê nos fundamentalismo o relacionamento com suas fontes dessa maneira, isto é, entendem que as narrativas sobre o passado (a ação criadora de Deus) no livro de Gênesis, por exemplo), devam ser entendidas pelo senso comum, de forma literal, sem variações de interpretações.

Nogueira (2016, p. 24) destaca que nos estudos dos fenômenos religiosos, deve-se entender que religião é um sistema cognitivo que versa de forma complexa e plural sobre os temas urgentes do que nos constituem como humanos. Por isso, “valorizar sua expressão, criticamente, na consideração dos processos dinâmicos de criação textual é uma das tarefas dos estudos da religião em nossa sociedade (NOGUEIRA, 2016, p. 24).

Nesse sentido, reconhecendo a relevância do estudo dos fenômenos religiosos, mas sobretudo, como se relaciona e se significa na linguagem, vê a importância de estudar esses fenômenos numa perspectiva discursiva.

Orlandi (1996) ao conceituar, o discurso religioso, mesmo tomando-o no aspecto cristão católico, utiliza-se mais da estrutura de um sermão, de uma discurso apenas, todavia, traz considerações importantes do tipo que no discurso religioso e/ou no discurso teológico sempre é a voz de Deus. remete às ideologias religiosas de Louis Althusser.

Orlandi (2006, p. 241), ao abordar a definição do discurso religioso, amparada em Althusser (1974), destaca o conceito da ideologia religiosa cristã, como exemplo, para se referir a outras ideologias, outros tipos de ideologias. Assim, quanto à noção de sujeito, as duas teses que sustentam sua argumentação na análise é que a) só existe prática através e sob uma ideologia; e b) só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos.

Alguém que não vai à igreja, não frequenta a missa, ou os cultos evangélicos, ou a qualquer tipo de religião, de alguma forma recebe através da linguagem midiática suas mensagens em que são materializadas suas ideologias.

Como nos diz Chauí (2004, p. 11) que a ideologia é um diário histórico, social e político que oculta a realidade, e que esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a

exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política. Neste caso, as ideologias religiosas que podem estar presentes tanto a exploração, a desigualdade e, sobretudo, a dominação ideológico-político-religiosa.

O termo ideologia, para Chauí (2004, p. 28), possui dois significados, de um lado, como atividade filosófico-científica que estuda a formação das ideias a partir da observação das relações entre corpo humano e meio-ambiente, tomando como ponto de partida as sensações; e por outro, significa o conjunto de ideias de uma época e como elaboração teórica dos pensadores dessa época.

Não se refere à interpelação, mas o sujeito construído socialmente, e portanto, construído também ideologicamente em determinada formação discursiva. Mas que no discurso religioso, conforme diz Althusser (2010, p. 106), por meio de dogmas, suas ideologias são materializadas na literalidade textual, fazendo com que o jeitos possam decidir-se em favor daquele ensino religioso. Assim, explicita que a ideologia religiosa se dirige, sobretudo, aos indivíduos.

As ideologias são materializadas nas linguagens através dos escritos bíblicos, outras literaturas religiosas, nas orientações teológicas de expoentes, nos sermões quer sejam nas mensagens públicas e ou privadas. Mas também, em suas práticas, nos seus rituais, nas suas cerimônias e nos seus sacramentos. A ideologia religiosa cristã diz mais ou menos isto:

Ora, aqui está um discurso absolutamente banal, mas ao mesmo tempo, absolutamente surpreendente. Surpreendente, porque se considerarmos que a ideologia religiosa se dirige de facto aos indivíduos (Embora saibamos que o indivíduo é sempre já sujeito, continuamos a empregar este termo, cómodo pelo efeito de contraste que produz.), para os “transformar em sujeitos” (ALTHUSSER, 2010, p. 106).

Ainda sobre a ideologia religiosa, Althusser (2010, p. 107), diz que devemos notar que tal “procedimento” põe em cena sujeitos religiosos cristãos. Logo, só existe 'sujeitos religiosos possíveis, sob a condição absoluta de que exista um *Outro Sujeito* único, absoluto, a saber, Deus. Destaca o uso do termo *Sujeito* com maiúscula para o distinguir dos sujeitos vulgares, sem maiúscula.

Segundo Orlandi (2006, p. 241), o autor passa então, a distinguir o Sujeito dos sujeitos vulgares, pois Deus é o Sujeito e os homens são os seus interlocutores e os seus espelhos, os seus reflexos nos quais se podem perguntar se foram criados à sua imagem. Assim, Orlandi

(2006, p. 242), pensando essa relação de sujeitos e Sujeito, caracteriza o discurso religioso como aquele que fala a voz de Deus: a voz do padre - ou do pregador, ou em geral, de qualquer representante seu (expõe a possibilidade de qualquer indivíduo que fala em nome dessa voz).

Por ideologia, Japiassú; Marcondes (2006, p. 103), informa que o termo se origina dos filósofos franceses do final do século XVIII, conhecidos como "ideólogos" (Destutt de Tracy, Cabanis, dentre outros). E, inicialmente, significava o estudo da origem e da formação das idéias.

Segundo Japiassú; Marcondes (2006, p. 103) o termo, posteriormente, tomou um sentido mais amplo, passando a significar um conjunto de idéias, princípios e valores que refletem uma determinada visão de mundo, orientando uma forma de ação, sobretudo uma prática política (ideologia fascista, ideologia de esquerda, a ideologia dos românticos etc).

O termo em A ideologia alemã (1845/1846), segundo Japiassú; Marcondes (2006, p. 103), foi utilizada por Marx e Engel, tem um sentido crítico, para designar a concepção idealista de certos filósofos hegelianos como Feuerbach, Bauer e Stirner. Japiassú; Marcondes (2006, p. 103) que restringe sua análise ao plano das idéias, neste caso, as relações sociais e a estrutura econômica da sociedade.

A ideologia é assim um fenômeno de superestrutura, uma forma de pensamento opaco, que, por não revelar as causas reais de certos valores, concepções e práticas sociais que são materiais (ou seja, econômicas), contribui para sua aceitação e reprodução. (JAPIASSU; MARCONDES, 2004, p. 103).

Assim, ideologia representa um mundo invertido e que serve aos interesses da classe dominante que aparecem como se fossem interesses da sociedade como um todo. (JAPIASSU; MARCONDES, 2004, p. 103).

Nesse sentido, Japiassú; Marcondes (2006, p. 103), nos diz que a ideologia se opõe à ciência e ao pensamento crítico. A produção das idéias, das representações, da consciência é diretamente entrelaçada com a atividade material e com as relações dos homens. Se na ideologia os homens e as suas relações aparecem de cabeça para baixo, como numa câmara escura, esse fenômeno deriva-se do processo histórico de suas vidas. E acrescenta que:

Os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão ideológica das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de pensamentos, por conseguinte as relações que fazem de uma classe a classe dominante, por

consequente os pensamentos de sua dominação como se vê Marx e Engels em A ideologia alemã. (JAPIASSU; MARCONDES, 2004, p. 103).

Entretanto, o termo ideologia, conforme apresentam Japiassú; Marcondes (2006, p. 103), é amplamente utilizado, sobretudo por influência do pensamento de Marx, na filosofia e nas ciências humanas e sociais em geral, significando o processo de racionalização — um autêntico mecanismo de defesa — dos interesses de uma classe ou grupo dominante. Objetiva exercer e manter coesa a sociedade, apresentando o real como homogêneo, a sociedade como indivisa, permitindo com isso evitar os conflitos e exercer a dominação." (JAPIASSU; MARCONDES, 2004, p. 103). Nas palavras de Althusser:

Temos portanto que a interpelação dos indivíduos como sujeitos supõe a “existência” de um Outro Sujeito, Único e central, em nome de quem a ideologia religiosa, interpela todos os indivíduos, como sujeitos. Tudo isto está escrito claramente naquilo a que precisamente se chama a Escritura (ALTHUSSER, 2010, p.108).

O que significa que toda a ideologia é *centrada*, que o Sujeito Absoluto ocupa o lugar único do Centro, e interpela à sua volta a infinidade dos indivíduos como sujeitos, numa dupla relação especular tal que *submete* os sujeitos ao Sujeito,

Embora dando-lhes, no Sujeito em que qualquer sujeito pode contemplar a sua própria imagem (presente e futura) a *garantia* de que é efetivamente deles é Dele que se trata, e que, dado que tudo se passa em Família (a Sagrada Família: a Família é por essência sagrada), “Entre todos, Deus *reconhecerá* os seus”, isto é, os que tiverem reconhecido Deus e se reconhecerem nele, esses serão salvos (ALTHUSSER, 2010, p. 110, 111).

A ideologia religiosa, se manifesta no discurso religioso, é subjacente à doutrinas religiosas que conduz à construção do sujeito na sua historicidade. A ideologia religiosa, baseia-se numa oposição, de um lado, o plano espiritual, e do outro, o plano mortal.

Nessa oposição, o representante da palavra de Deus, um pastor, um padre, ou outro que usa das escrituras em nome de Deus, articula estratégias de convencimento dos fiéis para manipulá-lo. Nas palavras de Althusser (2010, p. 110, 112): “[...] na condição de os sujeitos reconhecerem o que eles são e de se conduzirem em consequência, tudo correrá bem: ‘Assim seja’.”

Althusser (1985, p. 92), as ideologias são seus atos materiais inseridos em práticas materiais, reguladas por rituais materiais, assim definidos pelo aparelho ideológico material de onde provêm as idéias do dito sujeito.

Dessa forma, Althusser (1985, p. 92) fala que as ideias desaparecem enquanto tais quer sejam dotadas de uma existência ideal ou espiritual. Na medida mesma em que se evidenciava que sua existência estava inscrita nos atos das práticas reguladas por rituais definidos em última instância por um aparelho ideológico.

É imprescindível a determinação do caráter de agentes que atuam no interior dos rituais e das práticas religiosas orientados pelos aparelhos ideológicos. A este respeito, Althusser (1985, p. 92), ao falar da ideologia e dos aparelhos (ARE e AIE), vale-se de exemplificações tomadas da prática religiosa, vendo a Igreja como um aparelho ideológico de estado e afirma que:

O sujeito portanto atua enquanto agente do seguinte sistema (enunciado em sua ordem de determinação real): a ideologia existente em um aparelho ideológico material, que prescreve práticas materiais reguladas por um ritual material, práticas estas que existem nos atos materiais de um sujeito, que age conscientemente segundo sua crença (ALTHUSSER, 1985, p. 92).

No discurso autoritário, o referente está ausente, oculto pelo dizer; não há interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida. (ORLANDI, 1996, p. 15). E sobre o discurso religioso, Orlandi (1996, p. 245) afirma que não apresenta nenhuma autonomia, isto é, o representante da voz de Deus não pode modificá-lo de forma alguma [...]. Logo, teria regras estritas no procedimento com que o representante se apropria da voz de Deus: a relação do representante com a voz de Deus, é regulada pelo texto sagrado, pela igreja e pelas cerimônias (ORLANDI, 1996, p. 245).

Mas o caso que mais nos interessa é quando Deus partilha com os homens seus dons divinos, quando ele desce até o plano temporal para conceder suas qualidades. Sobre isso, Orlandi (1996: 251) diz que:

[...] o movimento de cima para baixo, aquele em que Deus desce até os homens e partilha com eles suas qualidades divinas, é o caso em que se consideram as formas religiosas em seu caráter performativo: a infalibilidade do papa, a possibilidade de ministrar sacramentos, a consagração na missa, as bênçãos, etc. Aí estão: o papa, os Bispos, os padres, etc. (ORLANDI, 1996, p. 251).

Pela noção de reversibilidade, propõe não fixar de forma categórica o locutor no lugar do locutor e o ouvinte no lugar do ouvinte. Em sua perspectiva, Orlandi (2006, p. 239), esses polos ou lugares, não se definem em sua essência, mas no processo no processo discursivo em que um se define pelo outro.

Em busca dessa noção, Orlandi (2006, p. 239) caracterizam a noção de reversibilidade, para isso, toma como parâmetro da definição de discurso religioso. O objeto de nossa reflexão, nesse trabalho, Orlandi (2006, p. 239) pode ser considerado, em termos tipológicos, na perspectiva do discurso autoritário. Quanto à ilusão da reversibilidade no discurso religioso, nos diz:

Pois bem, buscando as determinações que caracterizam essa noção - a de reversibilidade - procurarei tomá-la como um dos parâmetros na definição do discurso religioso em suas propriedades. Coloco, então, como posição inicial dessa reflexão, que a reversibilidade é a *condição do discurso*. (ORLANDI, 2006, p. 239).

O discurso religioso cristão é o objeto da investigação de Orlandi (2006, p. 239), e ao considerar aspectos das características do discurso religioso, em termos tipológicos, na perspectiva do discurso autoritário, busca mostrar a forma que a ilusão da reversibilidade adquire nesse tipo do discurso.

Complementando a ideia de que no *discurso religioso [...] aquele que fala a voz de Deus: a voz do padre - ou do pregador, [...] de qualquer representante seu (grifos meus)*, pode-se pensar em situações mais possíveis de como o discurso de uma determinada igreja é exposto e/ou disseminado em qualquer meio ou suporte textual em que reproduz a fala do padre, do rabino, do bispo, do apóstolo, do pastor, enfim, a voz do Sujeito que neste caso, é sobretudo, a voz de Deus.

Por exemplo, quando alguém é surpreendido dentro de um ônibus de coletivo, por um evangélico, ao fazer a sua pregação, entendendo seguir os ensinamentos da bíblia, mais especificamente, Marcos 16.15, essa reprodução existe, pois o texto diz: *“Ide por todos mundo e pregai o evangelho a criatura”*. Não há líderes religiosos, eclesiasticamente ordenados e empossados por determinada igreja, mas há um seguidor que faz circular a mensagem, em outras palavras, o discurso se dissemina nos mais variados contextos discursivos.

As observações destacadas por Orlandi (2006, p. 246), quanto à distinção entre o discurso teológico e o discurso religioso, estariam situados no domínio do discurso teológico. Isso se considerarmos o teológico como o discurso em que a mediação entre alma religiosa e o sagrado se faz por uma sistematização dogmática das verdades religiosas, e onde o teólogo aparece como aquele que faz a relação entre dois mundos: o mundo hebraico e o mundo cristão (ORLANDI, 2006, p. 239).

Em oposição a este, Orlandi (2006, p. 239), o discurso religioso seria aquele em que há uma relação espontânea com o sagrado. Em geral, distingue-se o discurso teológico do religiosos por ser aquele mais forma e este menos formal.

Apesar de Orlandi ver necessidade de distinção, a explicação de que o Discurso Teológico (DT) e o Discurso Religioso (DR) estão circunscrito no mesmo discurso teológico. Maingueneau (2008) o analisar os discursos religiosos, humanista devoto e jansenista, toma-os nesta mesma concepção. Não faz distinção entre um e outro, apenas analisa na interdiscursividade o discurso jansenista e o humanista devoto em relações polêmicas.

### 3.3.1 A atualidade das ideologias

Antoine-Louis-Claude Destutt, filósofo, político, soldado e líder da escola filosófica dos *Ideólogos*, foi quem criou o termo *idéologie* em 1801, no livro “Eléments d’idéologie”, no tempo da Revolução Francesa, nesse contexto, tinha o significado de ciência das ideias. Karl Marx é quem dá forma ao conceito (CHAUÍ, 2004, p. 28).

O conceito é retomado em Louis Althusser que traz novas abordagens em que na ideologia, os indivíduos são interpelados como sujeitos. Envolvem a participação individual em determinadas práticas e rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos.

A ideologia se materializa no discurso interpelando os indivíduos como sujeitos. Ideologia ações a partir do Aparelhos Repressivo do Estado (ARE) e Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE). Para Althusser (1969), o Estado é um sistema que sustenta a ideologia da classe dominante. Desta forma, dar-se a manutenção da burguesia e garante sua dominação frente à classe operária, a fim de submetê-la ao processo de exploração ou extorsão.

Segundo Maldidier (2003, p. 32), a ideologia trazia instrumentos intelectuais aos que trabalham com as práticas sociais: Se poderia perguntar o que seriam então, os aparelhos ideológicos do estado (AIE).

de uma lado, os aparelhos ideológicos, observados na ótica da reprodução das condições de produção pela classe dominante burguesa, permitiam pensar a materialidade das ideologias tomadas no próprio funcionamento das instituições, de outro lado, Althusser, pelo viés de sua teoria da ‘interpelação’, propunha uma nova categoria: a de sujeito da ideologia (MALDIDIER, 2003, p. 32,33).

Apresenta dois tipos de aparelhos: os repressivos e os ideológicos: Os repressivos, na teoria marxista, o aparelho de Estado (ARE) que compreende o governo, a administração, o



exército, a polícia, os tribunais, as prisões etc. Os Aparelhos Ideológicos são aqueles nos quais o Estado utiliza para impingir/imprimir suas ideologias.

Althusser (1985, p. 99) apresenta como um exemplo, a ideologia religiosa cristã. Pois considera que a estrutura formal de toda a ideologia sempre é idêntica. daí resulta em analisar apenas um exemplo, acessível a todos, o da ideologia religiosa; esta mesma demonstração pode ser reproduzida para a ideologia moral, jurídica, política, estética etc.

Os Aparelhos Ideológicos de Estado, mais especificamente, os religiosos que representa o sistema das diferentes Igrejas, para Fiorin (2000, p.81), a ideologia funciona como um sistema de ideias, de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social (FIORIN, 2000, p.81).

Fiorin (2000) vê no fenômeno linguístico duas maneiras opostas nas quais uma que se preocupa somente com a análise interna da linguagem, os fatos linguísticos em si mesmos e a outra que alia as particularidades da linguagem, dos fatos linguísticos com a estrutura social. Assim, a linguagem pode ao mesmo tempo gozar de certa autonomia em relação às formações sociais e sofrer as determinações da ideologia.

Como a ideologia é elaborada a partir das formas fenomênicas da realidade, que ocultam a essência da ordem social, entende-se a ideologia como a “falsa consciência”, segundo (FIORIN, 2000, p. 28). A ideologia é constituída pela realidade e constituinte da realidade. Não é um conjunto de ideias que surge do nada ou da mente privilegiada de alguns pensadores. Por isso, diz que ela é determinada, em última instância, pelo nível econômico (FIORIN, 2000, p.30).

As visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem. As ideias e, por conseguinte, os discursos são expressões da vida real. A realidade exprime-se pelos discursos como apresenta (FIORIN, 2000, p. 33). Daí, a necessidade de verificação do lugar das determinações ideológicas na linguagem, de analisar como a linguagem veicula a ideologia, bem como mostrar o que é que é ideologizado na linguagem. (FIORIN, 2000, p. 07).

Quanto à individualidade na linguagem, Fiorin (2000, p. 37), fala da trapaça discursiva, destaca que o discurso é a materialização das formações ideológicas, sendo, por isso, determinado por elas, o texto é unicamente um lugar de manipulação consciente, em que o homem organiza, da melhor maneira possível, os elementos de expressão que estão a sua disposição para veicular seu discurso.

Sua compreensão da ideologia, dialoga com as considerações discorridas por Chauí que diz:

a ideologia consiste precisamente na transformação das ideias da classe dominante em idéias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das ideias). (CHAUÍ, 1980, p. 36).

Isto significa dizer que não obstante a sociedade ser dividida em classes e cada qual devesse ter suas próprias ideias, a dominação de uma classe sobre as outras faz com que só sejam consideradas válidas, verdadeiras e racionais as ideias da classe dominante (CHAUÍ, 1980, p. 36).

Poderíamos dizer, do caráter dos discursos genuinamente ideológicos como apresenta Althusser (1985) em sua obra *Aparelhos ideológicos de estado*. Assim, o discurso teológico, isto é, o discurso religioso, é sobretudo, ideologia religiosa cristã, pois Althusser (1984), ao referir-se às ideologias, aquelas dos aparelhos repressivos do estado (ARE) e dos aparelhos ideológicos de estado (AIE), utiliza-se da ideologia religiosa cristã para destacar a relevância dos aparelhos ideológicos.

Pelo fato de que no discurso religioso, as teologias, são em certa medida ideologias religiosas. Ao pretender analisar o embate polêmico entre dois discursos: o Fundamentalista e o Inclusivo é que se observa que estamos diante de um embate polêmico, no campo do discurso religioso, enfim no campo da teologia cristã. De duas ideologias que confrontam, e estas ideologias, são sobretudo, as determinações ideológicas na linguagem.

### **3.4 De uma Hermenêutica Fundamentalista à uma Análise Discursiva da Bíblia**

Destaca-se, dessa forma, que o discurso religioso, é constitutivamente aquele em que Deus fala através das Escrituras, e não necessariamente, nela, mas por meio dela. Isso acontece através dos simulacros em diversas materialidades discursivas em qualquer gênero textual e/ou discursivo.

De uma hermenêutica fundamentalista a uma análise discursiva dos enunciados bíblicos, a partir de determinadas formações sociais e discursiva. Tanto no momento histórico

social como também quando tais enunciados são realizados em outras formações socio-históricas.

Não se pode deixar de considerar que nos textos bíblicos (versículos, enunciados) estejam isentos da compreensão teológica com relação a revelação divina e as experiências do homem. Os textos bíblicos que fazem referência à relação de Deus com o homem, e nisso há verdade e valor; dessa forma, os textos de variados tipos textuais e/ou de gêneros trazem esta reivindicação. Considerando que a Bíblia é a palavra de Deus.

A necessidade de uma Teologia Bíblica se estabelece mediante duas razões: as limitações da exegese com relação aos limites da crítica textual e a necessidade de uma teologia que compreenda o cânon<sup>9</sup> bíblico de forma a ter uma nova visão numa nova sociedade de expressões de identidades de gênero e sexualidades dissidentes.

Não se pode deixar de lado, que no discurso religioso (estejam presentes a exegese, a hermenêutica e a própria teologia bíblica. Considerando a bíblia como a palavra de Deus, inerrante etc. Sobre a hermenêutica utilizada pelos teólogos e que se reflete no discurso:

A palavra *hermenêutica* é derivada da palavra grega *hermeneutike* que por sua vez, é derivada do verbo *hermeneo*. Platão foi o primeiro a usar *Hermeneutike* (subentendendo-se a palavra *Techne*) como termo técnico. *Hermenêutica* é, portanto, propriamente, a arte de *Hermeneuein*, mas, agora, designa a teoria dessa arte. Podemos defini-la como *a ciência que nos ensina os princípios, as leis e os métodos de interpretação*. (BERKHOF, 2004, p. 10).

Quanto à funcionalidade dos estudos e importância da hermenêutica bíblica, Berkhof (2004, p. 11), distingue dois tipos: a geral e a especial, definindo-as da seguinte forma:

A primeira se aplica à interpretação de todos os tipos de escritos; a última, a certos tipos definidos de produções literárias tais como leis, histórias, profecias, poesia. A *Hermenêutica Sacra* tem um caráter muito especial porque trata com um livro único no domínio da literatura, isto é, *a Bíblia como Palavra inspirada de Deus*. Só podemos manter o caráter teológico da *Hermenêutica Sacra* quando reconhecemos o princípio da inspiração divina. (BERKHOF, 2004, p. 11).

Berkhof (2004, p. 11) entende que a hermenêutica é estudada na interpretação das produções literárias do passado, usada para mostrar o caminho pelo qual as diferenças ou a distância entre o autor e seus leitores podem ser removidas. Afirma que no estudo da Bíblia,

---

<sup>9</sup> Cânon bíblico ou cânone das Escrituras é a lista de textos (ou "livros") religiosos que uma determinada comunidade aceita como sendo inspirados por Deus e autoritativos. A palavra "cânone" vem do termo grego *κανών* ("régua" ou "vara de medir"). Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cânon\\_bíblico](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cânon_bíblico)>. Acesso em: 30 jun. 2018.

não é suficiente entender o significado dos autores secundários tais como Moisés, Isaías, Paulo, João, Lucas dentre outros. Mas aquilo que o Espírito Santo inspira no entendimento da própria palavra de Deus.

A hermenêutica pertence ao grupo de estudos bibliográficos, conforme diz Berkhof (2004, p. 11), é necessária na descrição das características da Bíblia que determinam os princípios que se aplicam na sua interpretação que seja gramatical, que inclui a interpretação lógica, a a Histórica e que inclui também a interpretação psicológica e por fim a interpretação teológica.

No que tange ao método de interpretação bíblica, histórico-crítico, Lopes (2005, p. 117) compreende que são relevantes a Teologia; o Cânon; a Revelação; a Escritura; e o Método gramático-histórico. Lopes (2005, p. 117) discute que método histórico-crítico enfrenta uma crise hoje, e que se faz necessário que os estudiosos do textos bíblico, adotem outro método para o objeto de seus estudos a fim de produzir resultados úteis para a Igreja cristã.

O método de interpretação, segundo Lopes (2005, p. 117), faz uso de alguns princípios e regras que são derivados do bom senso, da razão e da lógica, e que não são propriedade de nenhuma hermenêutica em particular.

Contudo, o que ele tem de distintivo é seu débito para com as idéias do humanismo da Renascença, do deísmo<sup>10</sup> inglês, do ceticismo francês e do iluminismo alemão no campo da teologia. Lopes (2005, p. 117), da Renascença, o método histórico-crítico absorveu a ênfase no humano em detrimento do divino. Do ceticismo francês, a dúvida como pressuposto dogmático e metodológico. E do Iluminismo, a razão em detrimento da revelação.

A Reforma Protestante havia amadurecido aquilo que posteriormente foi chamado de método gramático-histórico. Esse método partia de convicções de caráter religioso na análise bíblica. Seus princípios podem ser percebidos desde o início da história da interpretação da Bíblia. (LOPES, 2005, p. 117).

Pensando na interpretação do texto bíblico, Lopes (2005, p. 117), vê o caráter divino e humano das Escrituras que consiste na sua inspiração e infalibilidade, a historicidade dos

---

<sup>10</sup> DEÍSMO: Doutrina de uma religião natural ou racional não fundada na revelação histórica, mas na manifestação natural da divindade à razão do homem. (ABBAGNANO, 2007, p. 238).

TEÍSMO: Este termo, usado desde o séc. XVII para indicar genericamente a crença em Deus. em oposição a ateísmo (assim também em Voltaire, Dictionnaire philosophique, a. Théiste), foi definido por Kant, no seu significado específico, em oposição a deísmo. (ABBAGNANO, 2007, p. 942).

relatos bíblicos e a intencionalidade dos textos em comunicar sentido de maneira proposicional. Enfatizou que método gramático-histórico deu atenção ao caráter histórico das Escrituras.

Lopes (2005, p. 118), entendeu perfeitamente o seu condicionamento histórico, lingüístico, cultural e temporal e as examinou como tal. Contudo, fez tudo isto a partir do pressuposto fundamental da sua inspiração e infalibilidade. Destaca também que os exegetas reformados não consideraram que nos textos existissem erros, falhas, imprecisões, inverdades, mentiras piedosas, mitos e pseudonímia nas páginas sagradas. Complementa que:

Os entusiastas do método histórico-crítico declaram, ainda hoje, que se caminhou mais nestes últimos 100 anos de “exegese científica” do que nos 1900 anteriores. Estranhamente, contudo, os exegetas histórico-críticos não conseguem chegar a um acordo em quase nenhum ponto relacionado com a reconstrução histórica da formação dos livros e do cânon dentro do cânon das Escrituras – um dos motivos pelo qual o método se encontra hoje diante do dilema já mencionado. (LOPES, 2005, p. 119).

Segundo Lopes (2005, p. 128), o argumento central de que o método crítico não se ajusta ao objeto de análise, que é a Bíblia, pois utiliza pressupostos contrários à mesma. E afirma que “A razão natural é incapaz de reagir a adequadamente à revelação divina.” (LOPES, 2005, p. 134).

### **3.5 O Discurso Religioso Cristão na Perspectiva Fundamentalista**

No discurso religioso quem fala é Deus, assim, todo sujeito que se apropria da linguagem e do discurso como o padre, o pastor, o pregador, o liturgista ou outro representante seu, falará sempre por Deus, pois no discurso religioso “é a voz de Deus” quem fala. (ORLANDI, 2003, p. 242).

Assim, como diz Orlandi (2003, p. 243), o locutor e o ouvinte pertencem a duas ordens de mundo diferentes e afetadas por um valor hierárquico, põe uma desigualdade em sua relação: o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus), enquanto que o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens).

O termo fundamentalismo, segundo (SILVESTRE, 2018)<sup>11</sup>, significa a adesão estrita a um conjunto específico de doutrinas teológicas consideradas como fundamentos e tipicamente contrárias à teologia modernista. Foi criado originalmente por protestantes estadunidenses do Seminário Presbiteriano de Princeton, no século 19, conseguindo adeptos e defensores de fundamentos teológicos, como uma lista específica de credos teológicos que se desenvolveu no início do século 20, com a Controvérsia Fundamentalista-Modernista.

Segundo Silvestre (2018), a primeira formulação das crenças fundamentalistas ocorreu na Conferência Bíblica de Niágara (1910), durante a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana que gerou os cinco fundamentos nos quais conhecidos: 1) a Bíblia é inspirada pelo Espírito Santo e inerrante (sem erros); 2) o nascimento virginal de Cristo; 3) a morte de Cristo para a redenção do pecado; 4) a ressurreição de Cristo; e 5) a realidade histórica dos milagres de Jesus.

A expressão foi usada formalmente em 1920 com o movimento protestante americano contrário aos protestantes liberais do século 19 e o fundamentalista como alguém disposto a recuperar territórios perdidos para o Anticristo e “*lutar pelos fundamentos da fé*”. Para Karen Armstrong (2006 apud, SILVESTRE, 2018), as campanhas fundamentalistas têm caráter bélico, líderes utilizando imagens de batalhas no âmbito doutrinal e exegético, pregando a necessidade de afirmação dos dogmas do protestantismo tradicional em reação à abertura que outros protestantes davam para discursos científicos como a teoria da evolução das espécies. (SILVESTRE, 2018).

Fundamentalismo religioso é forte aderência a qualquer conjunto de credos em face do criticismo ou impopularidade, com conotações religiosas ou atitudes de pessoas preocupadas com os fundamentos, preceitos doutrinários, sectários e ideológicos de determinada religião, tirando-as do mero campo dos debates e partindo para a intolerância e violência. (SILVESTRE, 2018).

Qualquer grupo religioso minoritário, violento ou intolerante, movimentos étnicos extremistas com inspirações religiosas, são popularmente considerados fundamentalistas étnicos. Pois “os fundamentalistas objetivam atrair e converter os religiosos da comunidade maior, tentando convencê-los de que eles não estão experimentando a versão autêntica da religião professada.”(SILVESTRE, 2018).

---

<sup>11</sup> Armando Silvestre é Bacharel em Teologia (Mackenzie, 1985), Licenciado em Filosofia (Unicamp, 1992), Mestre em Teologia e História (Umesp, 1996), Doutor em Ciências da Religião (Umesp, 2001) e Pós-doutorado em História da Cultura (Unicamp, 2011).

No discurso religioso fundamentalista de igrejas cristãs, chamadas também de conservadora, Tamayo (2017, p. 2), explica que uma de suas práticas mais difundidas tem sido a intolerância, que hoje adota a forma extrema do fundamentalismo, muito presente especialmente nas religiões monoteístas.

O termo fundamentalismo, segundo, Tamayo (2017, p. 2), foi empregado em referência às correntes anti-modernas e anti-liberais do protestantismo anglo-saxão do início do século passado. Centrava-se no retorno aos fundamentos bíblicos da fé cristã, interpretados literalmente, logo sem contextualizações. O termo, refere-se geralmente a correntes fundamentalistas do judaísmo, do catolicismo romano (cristão, considere-se também as correntes cristãs e protestantes) e do islamismo. E acrescenta que:

El fenómeno fundamentalista suele darse, aunque no exclusivamente, en sistemas rígidos de creencias religiosas que se sustentan, a su vez, en textos revelados. Con todo no puede decirse que sea consustancial a ellos. Constituye, más bien, una de sus más graves patologías. (TAMAYO, 2017, p. 02).

O fundamentalismo religioso cristão, segundo Tamayo (2017, p.2), adota uma atitude hostil em relação aos fenômenos socioculturais da modernidade que, a seu ver, minam os fundamentos do sistema de crenças como a secularização, a teoria evolutiva, o progressivismo, o diálogo com cultura moderna e pós-moderna, escolhas políticas revolucionárias de pessoas e grupos de fé, emancipação das mulheres, abertura às descobertas científicas, avanços na genética, movimentos sociais, métodos críticos históricos etc.

Eles são considerados inimigos da religião e, na medida em que são combatidos frontalmente. Assim, “La característica que mejor define la actitud fundamentalista es su negativa a recurrir a la mediación hermenéutica en la lectura de los textos fundantes de las religiones.” Tamayo (2017, p.2).

Não obstante, as ideias gerais deste trabalho, que pretende a partir na análise dos discursos constituintes, da interdiscursividade e da polêmica como interincompreensão analisar discursos religiosos canônicos e não canônicos. Pode-se também pensar numa proposta de leitura e tradução dos textos canônicos e/ou bíblicos ou até mesmo outros textos religiosos. Mas, há de se afirmar que, na maioria das vezes, a teologia cristã católica-protestante, tem a tendência de interpretar os textos da bíblia a partir de uma hermenêutica gramatical e literalista, enfim, fundamentalista.

Sobre as tradições religiosas, Tamayo (2017, p. 2), diz que elas incitam a violência ou a justificam, e mais, se o fizerem em nome de Deus, não podem ser consideradas reveladas, nem ser mantidas pela palavra de Deus, e muito menos imposta como normativa para seus seguidores. Como "textos do terror", de acordo com a expressão precisa do teólogo feminista Phyllis Trible, devem ser excluídos das crenças e práticas religiosas, bem como a imaginação coletiva da humanidade

Tamayo (2017, p. 2), diz que as tradições religiosas incitam a violência ou a justificam, e mais, se o fizerem em nome de Deus, não podem ser consideradas reveladas, nem ser mantidas pela palavra de Deus, e muito menos imposta como normativa para seus seguidores.

Como se disse, para Maingueneau o discurso religioso pode ser definido como um discurso de ideologia religiosa, presentes em enunciados que existe na interdiscursividade. Busca-se, então, em meio ao que se disse, verificar as relações entre discursos, na relação discurso citado e discurso citador.

Discursos religiosos que escamoteiam, ou pelo menos, tentam escamotear, mas acabam por fazer reproduzir conceitos, ou preconceitos que remetem à repressão aos indivíduos não heterossexuais e não cisgêneros que se incube negativamente de determinar os comportamentos e controle dos corpos.

Faz, portanto, afirma o modelo cisonormativo e heteronormativo em detrimento das sexualidades e identidades de gêneros dissidentes. Assim, contribuem e incentivam de alguma forma o desenvolvimento de preconceito, ódio, violências de diversas formas desde a violência física à violências simbólicas exercidas na/pela linguagem.



## 4. A IGREJA E A SEXUALIDADE

Neste capítulo, discorreremos sobre alguns tópicos relevantes para falar da sexualidade na perspectiva religiosa, em especial, ao que refere à perspectiva da igreja cristã-protestante. Igreja e sexualidade, aparentemente não são dialogáveis, entretanto, são duas temáticas relevantes que de alguma forma precisam e devem travar diálogos amigáveis. Historicamente, não há diálogos amigáveis entre essas duas temáticas, pois já se repelem, desde sempre, mas tais temáticas tencionam numa relação que surgem os embates polêmicos quando há dois discursos, um que distancia o sujeito LGBT da fé e outro que o recebe e o inclui. Dentre os tópicos neste capítulo, estão os Interdiscursos Fundadores, Uma Perspectiva da Teoria Queer, Sexualidades e Identidades de Gêneros Dissidentes e as Práticas Discursivas de Igrejas Cristãs Fundamentalistas e de Igrejas Cristãs Inclusivas.

Destacamos, desde já, que Maingueneau (2000), traz-nos conceitos relevantes sobre os interdiscursos fundadores de onde emergem outros discursos. E, como caminho para análise e entendimento do discurso religioso inclusivo, em detrimento do discurso religioso excludente, discorreremos sobre a perspectiva dos estudos da Teoria Queer a fim de pensar sobre as sexualidades e identidades de gêneros dissidentes, e perceber os aspectos das práticas discursivas de igrejas cristãs excludentes e inclusivas. Enfim, apresentamos caracterizações dos posicionamentos discursivos a fim de analisar os enunciados polêmico-religiosos nos quais trazemos contribuições dessa relação polêmica entre dos dois posicionamentos discursivos.

### 4.1 Interdiscursos Fundadores

A religião cristã toma como fundamento de sua fé e prática as Escrituras, nas quais são consideradas sagradas, pois toda a verdade, toda pregação procede do texto bíblico tomado como regra de fé.

Expressões do tipo como esta: *“eu amo os gays e oro por eles, mas não concordo com suas práticas”*, é uma das mais ouvidas, e na maioria das vezes e em diversas igrejas cristãs fundamentalistas. *“Deus ama o homem e aborrece o pecado”*. São enunciados ditos nas mais variadas igrejas, e são repetidos por muitos adeptos dessas igreja.

Uma expressão bem comum é esta: *“Deus fez o homem à sua imagem e semelhança.”*, conforme está escrito em Gênesis 1:26. Ela trata de uma doutrina teológica que o imago Dei.

A imagem de Deus não pode ser corrompida pelos seus meros filhos e criaturas mortais. Então, toda e qualquer forma que fuja dessa imagem santificada de Deus, será considerada impura, imunda e pecaminosa.

Pensando que Deus é totalmente Santo e reivindica de suas criaturas e filhos a santidade divina, enunciados do tipo: *“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; **homem e mulher os criou.**”* Gênesis 1:26,27. (*grifos meus*). Faz-nos pensar de como é entendida essa mensagem. Geralmente ouvida não apenas nas igrejas, mas na fala de muitas pessoas que se identificam com ela. Um enunciado que já foi título de música cristã, que sempre se repete é: *“Deus não criou Adão e Ivo.”*. Assim, já percebemos que o discurso religioso, da ideologia cristã, incita a excluir outras formas de arranjos, firmando a heteronormatividade e a cisnormatividade.

É também um dos enunciados bem falados pelos seguidores de igreja cristãs fundamentalistas: *“Quem conhece a bíblia sabe que o homossexualismo é errado”*. Aí, temos algumas coisas a comentar, dentre elas, que para os cristãos fundamentalistas a bíblia é a sua “arma de fé”, a voz de Deus nasce daí. Outra questão é o uso do termo homossexualismo, já exposta que no qual denota doença. Se é errado, afirma-se a sexualidade normatizada na sociedade excludente.

Nesse tipo de discurso religioso, exclui a possibilidade de ver a homossexualidade masculina, e daí, outras sexualidades não hetero; cisgeneridade e não outras como a transgeneridade. Firmando-se apenas nos papéis sexuais - a binaridade dos sexos.

Lá no texto de Gênesis 19:5-7, *“Chamaram Ló e lhe disseram: “**Onde estão os homens que vieram à sua casa esta noite? Traga-os para nós aqui fora para que tenhamos relações com eles**”*. Ló saiu da casa, fechou a porta atrás de si e lhes disse: *“Não, meus amigos! **Não façam essa perversidade**”*. É um dos textos bastante utilizados até por pessoas leigas. É desse episódio que surge o termo sodomia. E que por causa do suposto pecado da homossexualidade, deus destruíra as cidades de Sodoma e Gomorra. No entanto, há interpretações recentes que indicam que o problema seria de leis séria de não recebimento de pessoas forasteiras.

Em Levítico 18:22, pode se ler: *“Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é **abominação.**”* Aparentemente é algo proibido um homem ter relacionamento sexual com

outro homem. No entanto, deixa-se de ver o papel a mulher tinha naquela sociedade patriarcal. Então se um homem se ver como mulher, teria o mesmo trato naquela sociedade: o da subalternização. Como também o texto de Levítico 20:13: “*Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles.*” Nesta caso, não é apenas empregado o termo *abominação* ou *abominável*, mas também é seguida de sentença de morte. Para uma explicação religiosa, é muito difícil entender o amor divino. As relações afetivas, sexuais - relações homoafetivas. Outras expressões... Há, portanto, outras interpretações teológicas divergentes quando se referem a esses textos e outros nos quais são citados.

No carta ao Romanos, temos dois textos clássicos, usados para condenação da homossexualidade: o texto de Romanos 1:26-27, “*Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza.*”, “*semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro.*” Geralmente recebe a interpretação contrária a outras formas de expressar a sexualidade, afirmando a heteronormatividade como a forma natural, mas quanto às outras, são tomadas como antinatural.

Também este texto bíblico de 1 Timóteo 1.10, “*impuros, sodomitas, raptos de homens, mentirosos, perjuros e para tudo quanto se opõe à sã doutrina.*” É tomado na mesma concepção de Gênesis 19:5-7, pois atualiza a informação em um novo momento da história. A própria palavra *sodomita* usada em vários contextos, já vem carregada ideologicamente de condenação ao sujeito que não se encaixa na norma.

O DR religioso não deve ser tomado como um modelo estático e homogêneo. Pois compreender o DR é ver nos enunciados diversos o pensamento, a ideologia que vai circunscrita numa dada formação social. Assim, não é tão interessante na Análise do Discurso, as estratégias de um determinado discurso.

A exemplo disso poderíamos dizer que quando uma pessoa numa fila de banco, conversando com alguém, e toma-se determinado tema como homossexualidade, vê-se na palavra, na frase, no enunciado a ideologia cristã em cadeias heterogêneas. Nisto não quer dizer que se perde aquilo que geralmente é visto como características do DR.

Se se pergunta a um cristão de determinada igreja fundamentalista, ortodoxa etc etc se um gay, uma lésbica um/uma transsexual pode participar, no sentido de pertencer, de se filiar, logo receberá a seguinte resposta: Claro que sim!!!, mas quando se questiona se este sujeito pode tomar a eucaristia, tomar a palavra no púlpito, se enunciar em nome de Deus e quiserem realizar as obras de Deus placa seus servos, logo terá como resposta que terá que aceitar Jesus, se converter e ter uma nova vida.

No que refere à diversidade sexual, temos de considerar alguns termos e palavras empregadas no contexto das sexualidades, e que são importantes que no processo de estudo, pois permitem identificar a identidades dos sujeitos que vivenciam sua sexualidade e identidades de gêneros em relação à fé, religiosidade, enfim, à religião.

A relação entre sexo ou sexualidades e poder, podemos já pensar nos aparelhos ideológicos, nos quais são apresentados por Louis Althusser ano e o seu funcionamento no diz respeito à ideologia que promovem os interesses de um estado e classes específicas da sociedade.

A igreja mesmo não sendo uma instituição estatal, funciona como um aparelho ideológico que funciona no sentido de atender determinados interesses políticos e hegemônicos. Neste caso, as ideologias do discurso religioso se propaga, e em muitas situações, promovendo um discurso sexista, machista, misógino, homofóbico etc.

Apesar das novas discussões que envolvem o termo em língua portuguesa nomear o indivíduo homossexual, surgiram termos como homoafetividade e homossexualidade. O termo comumente usado era o de homossexualismo que prescindia ver como uma patologia. Assim, toma-se neste texto a aceção que o termo homossexualidade traz, junto com a concepção de identidade dos sujeitos que vivenciam sua sexualidade considerada anormal e antinatural.

A partir do surgimento da teoria queer, nos fins da década de 80 por pesquisadores e ativistas estadunidenses, conforme nos informa Colling (2017), empregou-se termo queer para referir-se às pessoas de orientação sexual e identidade de gênero dissidentes: a população LGBT. Assim, o termo pode ser traduzido por estranho, ridículo, excêntrico, raro, extraordinário, diz Louro (2004, p. 38, apud COLLING, 2017).

Buscou-se uma forma de encarar de forma positiva a uma determinada expressão pejorativa de insultar os homossexuais e outras indivíduos, ressignificando o termo. Não

obstante, termos em língua portuguesa termos usados para referir-se negativamente aos sujeitos que poderiam ser ressignificadas.

O sujeito **queer** busca se impor na sociedade contra os preconceitos e apagamentos em busca de visibilidades das categorias não cisgênera e heterossexual para reconhecimento de seus direitos sociais e representativos.

O termo queer, segundo Musskopf (2008), tem o significado de estranho, diferente como apresenta em sua tese de doutoramento, *As Via(da)gens Teológicas*. Traz considerações dessa ressignificação do termo bem como da teoria queer, elidindo a possibilidade de estabelecimento de uma teologia inclusiva como processo de abertura na interpretação da bíblia para o mundo atual, o que ele chama de emergência de uma Teologia Queer.

Colling (2017), destaca que o termo queer uma outra dimensão que repulsa a a reiteradas acusações, patologias e insultos Butler (2002, p. 58, apud COLLING, 2017). Por isso, a ressignificação do termo, passando a entendê-lo como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas.

A teoria queer entende que orientação sexual e a identidade de gênero dos indivíduos resultam de uma construção social e que não há papéis sexuais, pois são, sobretudo, construções sociais. Em seus estudos de análise, estão as sexualidades e as identidades de gêneros dissidentes.

Por isso, no que refere à relação da igreja, representada como uma instituição com determinada capacidade de influência não apenas dentro de seus espaços eclesiásticos, mas também amplamente na sociedade através das mídias que potencializam sua influência, deve-se levar em conta questões do discurso religioso e ideologias com relação às sexualidades e identidades de gêneros dissidentes.

Para tanto, torna-se relevante uma revisão teórica da Teoria Queer que nos permite trazer abordagens das sexualidades e identidades de gêneros dissidentes, sobretudo, a partir de uma visada das práticas discursivas de igrejas cristãs protestantes e neopentecostais e das igrejas inclusivas que entendem e interpretam a bíblia com o olhar inclusivo, baseado na Teologia Queer.

Hoje, a sexualidade humana passa a ser vista como uma possibilidade legítima de cada um, entretanto, ainda há muitos discursos de ódio e outros discursos que são mascarados e que se apoiam neles e acabam por incitar as violências e as intolerâncias contra a diversidade sexual.

## 4.2 Uma Perspectiva da Teoria Queer

A partir das bases teóricas dos estudos queer, entendendo a diversidade sexual dos seres humanos, é imprescindível compreender as abordagens das sexualidades e identidades de gêneros dissidentes na sociedade. Assim, dialogam com estudos culturais, sociológicos, antropologia social, educação, filosofia, artes como também da teologia. A partir do diálogo entre igreja, teologia, sociedade e sexualidade, em especial, dos estudos recentes da Teoria Queer, os estudos do discurso religioso frutificará nos estudos da Teologia Inclusiva.

Ao referir-se à igreja e as sexualidades dissidentes, há se levar em conta também a religiosidade e a espiritualidade, pois são experiências pessoais, emocionais, afetivas com o divino. Mas tem suas formas institucionalizadas na estrutura de igreja, como um aparelho ideológico que atua a favor de estado e/ou de uma determinada classe hegemônica a determinados interesses.

Os discursos religiosos ainda são tomados por uma concepção biológica, pois suas explicações surgem a partir do sexo biológico, excluindo-se as sexualidades dissidentes de orientação sexual e de identidade de gênero. Assim, fortalece o esquecimento, e apagamento dos sujeitos que professam a fé, sujeitos da população LGBT que tem sentimento de pertença em determinada comunidade religiosa.

A Teoria Queer tem um posicionamento bem definido quanto às tradicionais construções do saber a partir das experiências de diversidade e dissidências de sexo, gênero e sexualidade. Por isso, o uso do termo queer ue significa estranho, raro, esquisito, ou seja, queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante - homossexuais, bissexuais, transsexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser 'integrado' e muito menos 'tolerado' Louro (2013, p. 07).

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Butler (1999, apud LOURO, 2013, p. 38) em que a fonte de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muito homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido.

Esse termo, Louro (2013, p. 38), com toda a sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição contra a normalização - venha ela de onde vier.

Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia se sua crítica a normalização e estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. "Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua força de ação é muito mais transgressiva e perturbadora." (LOURO, 2013, p. 39).

Para Louro (2013, p. 07), queer, é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do 'entre lugares', do indecível. Portanto, "Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina." (LOURO, 2013, p.08).

Louro (2013, p. 07), afirma-se e reitera-se uma sequência de muitos modos já consagrados, a sequência sexo-gênero-sexualidade. O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um 'dado' anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário.

Louro (2013, p. 15), essa lógica implica que esse 'dado' sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. A afirmação "é um menino" ou "é uma menina" inaugura um processo de masculinização e feminização com o qual os sujeitos se compromete.

Para se qualificar como um sujeito legítimo, como um 'corpo que importa', o sujeito se verá obrigado a obedecer às normas que regulam sua cultura Butler (1999, apud LOURO, 2013, p. 16).

Por certo, como aponta Louro (2013, p. 16), os próprios sujeitos estão empenhados na produção do gênero e da sexualidade em seus corpos. O processo, contudo, não é feito ao acaso ou ao sabor de sua vontade. Embora participantes ativos dessa construção, os sujeitos não a exercitam livres de constrangimentos. Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões.

A essas transgressões, Louro (2013, p. 17), enfatiza que é em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conformam às regras do Gênero e sexuais, mas também os corpos que a subvertem. Os sujeitos, nesse sentido, Louro (2013, p. 18), que cruzam as

fronteiras de gênero e sexualidade talvez não 'escolham' livremente essa travessia, eles podem se ver movidos para tal por muitas razões, podem atribuir a esse deslocamento distintos significados.

Na metáfora da viagem, para falar das experiências vividas por esses sujeitos, Louro (2013, p. 19), diz que eles podem, tal como quaisquer outros viajantes, ver a sua travessia restringida, repudiada ou ampliada por suas marcas de classe, de raça ou por outras circunstâncias de sua existência. Sua viagem talvez possa se caracterizar como um ir e um voltar livre e descompromissado ou pode se constituir num movimento forçado, numa espécie de exílio.

Segundo Louro (2013, p. 21), é possível recorrer a essas representações para pensar também os sujeitos transgressivos de gênero e sexualidade. Esses sujeitos, frequentemente, recusam a fixidez e a definição das fronteiras, e assumem a inconstância, a transição e a posição 'entre' identidades como intensificadoras do desejo. Viajantes pós-modernos, muitas vezes, extraem mais prazer da mobilidade e da 'passagem' do que propriamente da 'chegada' a outro lugar ou ao lugar do 'outro'. Sentem-se à vontade no movimento.

Assim, a transição, o processo, o percurso podem se constituir, no fim das contas, em sua experiência mais vital ou mais 'autêntica'. Como diz:

A visibilidade e a materialidade desses sujeitos parecem significativas por evidenciarem, mais do que outros, o caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades. São significativas, ainda, por sugerirem, concreta e simbolicamente possibilidades de proliferação e multiplicação das formas de gênero e identidade. (LOURO, 2013, p.23).

Por isso, o efeito e o impacto das experiências desses sujeitos são tão fortemente políticos, Louro (2013, p. 23), pois o que eles ousam ensaiar repercute não apenas em suas próprias vidas, mas na vida de seus contemporâneos. Esses sujeitos sugerem uma ampliação nas possibilidades de ser e de viver.

Louro (2013, p. 23), diz que acolhem com menos fantasias, sensações e afetos e insinuam que a diversidade pode ser produtiva. E "indicam que o processo de se 'fazer' como sujeito pode ser experimentado com intensidade e prazer. Fazem pensar para além dos limites conhecidos, para além dos limites pensáveis." (LOURO, 2013, p.23).

Logo, a Igreja, que fala de Deus e em nome dele, não deveria discriminar pessoas por causa de sua orientação sexual ou identidade de gênero, em contrário, deveria implementar



ações religiosas e sociais em prol dos direitos sociais da população LGBT, erradicando ou minorando toda e qualquer forma de injustiça, opressão e violências.

Foucault (1988, p. 136), destaca que a momento, o sujeito é atravessado pelos dispositivos das sexualidades. E pode ser percebido em vários círculos nas relações pessoais. Este atravessamento gera certos estranhamentos em relação ao regramento social posto como normal. Esse dispositivo no qual precede de normas que produzem e reproduzem uma prática hierárquica em que promove exclusão e patologização das práticas sexuais em relação aos corpos dos sujeitos da população LGBT.

Práticas sexuais desviantes da norma social vigente. Isto é, não quer dizer por vigente, que seja, a certa, mas é a mais frequente. Assim, Libertação de normas sociais e culturais na sociedade como um todo. Vê-se que as sexualidades estão intrinsecamente ligadas com as crenças dos indivíduos ideologicamente. Principalmente, nas ideologias religiosas em geral; nos quais tais crenças no que se refere ao corpo físico, leva-se a entender como uma construção sócio-histórica.

Vivemos numa sociedade que excessivamente fala de seu próprio silêncio, Foucault (1993, p. 14), e vê a necessidade de ultrapassar o esquema binário de oposição entre dois tipos de discursos, acentuando que vivemos uma proliferação e uma dispersão de discursos, bem como uma dispersão de sexualidades. Diz ele:

assistimos a uma explosão visível das sexualidades heréticas, mas sobretudo – e é esse o ponto importante – a um dispositivo bem diferente da lei: mesmo que se apoie localmente em procedimentos de interdição, ele assegura, através de uma rede de mecanismos entrecruzados, a proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades dispartadas. (FOUCAULT, 1993, p. 48).

A construção discursiva das sexualidades e identidades de gêneros dissidentes, exposta por Foucault (1998, p. 22, 23), é muito relevante nos estudos da teoria queer, pois entende a realidade da diversidade LGBT. Assim, trata daquilo que incita os discursos bem como a referida implantação perversa. E sobre a sexualidade, destaca a problematização moral dos prazeres, explicitando em aphodisia, chresis e enkrateia.

Suas identidades sexuais se constituiriam, Louro (1997, p. 26), pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social

e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero. Vejamos:

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. (LOURO, 1997, p. 26).

Nesse sentido, Louro (1997, p. 27), enfatiza que a dinâmica do gênero como a dinâmica da sexualidade são sempre construídas, pois não é possível fixar um momento quer seja o nascimento, a adolescência, ou a maturidade ou que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. Isto quer dizer que “as identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação” (LOURO, 1997, p. 26)..

Em suas relações sociais, Louro (1997, p. 28). são atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. isto quer dizer que “Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe” (LOURO, 1997, p. 28).

“Se pretendemos ultrapassar as questões e as caracterizações dicotomizadas, precisamos reconhecer que muitas das observações — do senso comum ou provenientes de estudos e pesquisas — se baseiam em concepções ou em teorias que supõem dois universos opostos”, conforme nos diz Louro (1997):

o masculino e o feminino. Também aqui é evidente que a matriz que rege essa dicotomia é, sob o ponto de vista da sexualidade, restritamente heterossexual. Como uma consequência, todos os sujeitos e comportamentos que não se "enquadram" dentro dessa lógica ou não são percebidos ou são tratados como problemas e desvios. (LOURO, p. 67, 68).

A Teoria Queer questiona a construção de uma identidade única e trata a homossexualidade e heterossexualidade como categorias de conhecimento e como status social e identitário. Guacira Louro (1997), propõe um rompimento com o pensamento dicotômico no qual distingue masculino em oposição ao feminino.

A binaridade dos sexos, segundo Louro (1997), é de uma compreensão reducionista, pois excluem as relações de gênero nos quais se produzem nas relações de poder. E afirma que as a orientações sexuais e as identidades de gênero se constroem quando os sujeitos se identificam social e historicamente como femininos e masculinos.

Entendemos que os estudos queer, permitiram pensar as sexualidades e identidades de gêneros dissidentes, como um conceito guarda-chuva que englobaria, não apenas as categorias iniciais que envolvem a homossexualidade masculina e feminina, mas também, novas categorias de experiências dos indivíduos no que referentes às identidades sexuais e identidades de gêneros.

Nesse sentido, em busca de construir, através das formas como os sujeitos vivem sua sexualidade, caminhos de visibilidades e fortalecimentos dos sujeitos na sociedade. Assim sendo, dialoga-se o pensamento de Michel Foucault e Louis Althusser com a Teoria Queer como os estudos de Guacira Louro e Leandro Colling sobre as estruturas de poder, instituições, manutenção do poder que excluem as minorias.

Assim, as sexualidades e identidades de gêneros dos sujeitos são construídas na linguagem por meio dos discursos veiculados na mídia em geral. A análise dos enunciados polêmico-religiosos permite ver como se materializam os discursos sobre a subjetividade dos sujeitos da população LGBT numa sociedade moderna que a fé cristã precisa ver e reconhecê-los como sujeitos.

As igrejas inclusivas são, na sua maioria, igrejas surgidas através da leituras e estudos dessa teoria da teoria queer e nos movimento LGBT. Há de enfatizar que as igrejas inclusivas são partidárias de movimentos em prol da liberdade dos direitos dos sujeitos da população LGBT. Reflete as práticas discursivas de Igrejas Cristãs Inclusivas frente às práticas discursivas de Igrejas Fundamentalistas.

### **4.3 Sexualidades e identidades de Gêneros Dissidentes**

*História da Sexualidade* de Michel Foucault é de certa relevância nos estudos da sexualidade humana, pois traz tanto história e conceitos nos quais despertam-nos para um olhar mais específico da temática e sua importância nos estudos da sexualidade em várias áreas do conhecimento humano. Assim seu trabalho contribui relevantemente nas pesquisas

que abordam a temática da sexualidade humana e contribui com os estudos que abordam a relação intrínseca que mantém com o poder.

Quanto às séries da oposição binária, Foucault (2009, p. 76), diz que além de uma abordagem biológica, mas há de se perceber o sexo-história, o sexo-significação, o sexo-discurso. Pois somos colocados sob o signo do sexo, porém, de uma Lógica do sexo, mais do que de uma Física. E assevera que:

Não devemos enganar-nos: sob a grande série das oposições binárias (corpo-alma, carne-espírito, instinto-razão, pulsões-consciência) que pareciam referir o sexo a uma pura mecânica sem razão, o Ocidente conseguiu, não somente e nem tanto anexar o sexo a um campo de racionalidade, o que sem dúvida nada teria de extraordinário, tanto nos habituamos, desde os gregos a esse tipo de "conquista"; mas sobretudo colocar-nos, inteiros — nós, nosso corpo, nossa alma, nossa individualidade, nossa história — sob o signo de uma lógica da concupiscência e do desejo. (FOUCAULT, 1999, p. 76).

Partindo-se aqui do pressuposto foucaultiano de historicidade da subjetividade e dos discursos (FOUCAULT, 1969, 1979, 1983), entende-se que o modelo do binarismo sexual é apenas um entre outros possíveis para a compreensão das formas de subjetivação atuais, complexas e diversas. Novas teorias, ideias e reflexões são possíveis, e necessárias. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres são sempre socialmente estabelecidas e codificadas (Louro, 2014).

Para além de binaridade dos sexos, há mais que homossexualidade, bissexualidade e heterossexualidade. E quando se fala de gênero, não apenas deve ser entendido pela cisgeneridade, mas na sua diversidade que compreende a tanto a cisgeneridade quanto à transgeneridade.

Portanto, Louro (2014, p. 42), elege a desconstrução como procedimento metodológico, está se indicando um modelo de questionar ou de analisar e está se apostado que esse modo de análise pode ser útil "para desestabilizar binarismo linguísticos e conceituais (ainda que se trate de binarismos tão seguros como homem/mulher, masculinidade/feminilidades)." (LOURO, 2014, p. 44). A necessidade de desconstrução dos binarismo é emergencial, tendo em vista, sujeitos que são anulados, apagados, invisibilizados e até mesmo violentados fisicamente por conta de não se 'portarem/comportarem' conforme à norma imposta pela sociedade.

Para Louro (2014, p. 43), e outros/as teóricos/as queer, a oposição heterossexualidade/homossexualidade - onipresente na cultura ocidental moderna - poderia ser efetivamente criticada e abalada por meio de procedimentos desconstrutivos.

Homossexualismo não é sinônimo de homossexualidade, apesar que alguns dicionários apresentem como vocábulos sinônimos. Entretanto, ressaltamos que o sufixo “ismo” no vocábulo já expressa a exclusão e seu uso pode estimular preconceitos aos indivíduos que expressam outras sexualidades diferentemente considerada normatizada. Além de patologizar, sendo melhor aplicável o termo homossexualidade.

Duas observações a serem feitas: a primeira refere-se à retirada da homossexualidade da lista de transtornos mentais do Código Internacional de Doenças (CID), ocorrida em 1973, e a segunda, diz respeito à atitude da Organização Mundial da Saúde (OMS) que declarou que as relações entre duas pessoas do mesmo sexo, não se tratava de doença. E assim, via a desnecessidade do uso do termo homossexualismo, cabendo o uso do termo homossexualidade para referir-se aos indivíduos com orientação sexual diferente da heterossexual. Laurenti (1985).

O movimento LGBT, desde suas ações iniciais em prol de sua população, busca seus direitos e visibilidades, adotou siglas como GLS, GLBT, LGBT, LGBBTT, LGBTTI, mas todas sempre compreendidas na Teoria Queer.

Assim, reprodução de conceitos que remetem à repressão, à exclusão, que a sociedade determina os comportamentos. Destaque-se que há questões a serem elididas como questões de poder, hegemonia, ideológicas e subalternizações das sexualidades e identidades de gêneros dissidentes.

Os discursos sobre as sexualidades e identidades de gênero no texto referem-se à diversidade das sexualidades dos sujeitos que não são vistos como “normas” impostas pela/da sociedade. Referem-se, portanto, àqueles sujeitos que nos estudos da sexualidade apresentam as diversas possibilidades de viver a sexualidade humana: sujeitos com diversidade de orientação sexual e identidade de gênero.

Apesar de geralmente se falar sobre indivíduos gays e/ou homossexuais, e até mesmo usar expressão LGBT ou outras siglas que identifique tais indivíduos, há de se observar a diversidade quando se trata de orientação sexual e identidade de gênero.

Ainda há pouca compreensão de termos que se referem aos indivíduos, pensa-se que seja por falta de informação. A identidade de gênero com orientação sexual. A orientação

sexual é por quem eu sinto desejo ou atração, seja física, romântica ou sexual”, explica Elias. “Se sou homem e sinto atração por outro homem, sou homossexual. Se sinto por mulher, sou heterossexual. Se sinto por esses dois gêneros, sou bissexual e assim por diante”.

Os indivíduos que expressam tanto uma orientação sexual quanto à identidade de gênero diferente daquela normatizada, forçadamente na sociedade, são sobretudo, sujeitos que tem em sua existência a necessidade de serem vistos e compreendidos como pessoas que necessitam de visibilidade, e sobretudo, de ser detentor de direitos.

Assim, os indivíduos podem expressar qualquer orientação sexual e qualquer identidade de gênero. Isto é, um homem cisgênero - identidade de gênero - namora uma mulher transexual (identidade de gênero), essa é uma relação heterossexual, pois se trata de um homem e uma mulher assim compreendidos.

A sociedade que na sua maioria é heteronormativa e cisnormativa. Os estudos sobre sexualidade de Michel Foucault e os recentes estudos sobre a sexulidade, desde sua visibilidade, minorias etc. Judith Butler, Guacira Louro, André Musskopf etc. dão oferecem bases teóricas para entender sobre as ‘fobias’ com relação aos sujeitos queer.

Hoje em dia, já está sendo usado, não apenas o termo homofobia, como se tem usado de termos com lesbofobia, transfobia, e mais recente, o uso do termo lgbtfobia, praticamente um neologismo no qual busca agregar todos os indivíduos *queer* que são violentados em seus direitos sociais, sobretudo, de expressar sua fé de forma a ser recebido sem receios em comunidades religiosas em geral.

#### **4.4 Práticas discursivas de Igrejas Cristãs Fundamentalistas e de Igrejas Inclusivas**

Frente às práticas discursivas das igrejas cristãs fundamentalistas, nesse novo século, o surgimento de novas igrejas cristãs inclusivas que mantém postura respeitosa no combate ao preconceito da população LGBT na sociedade. Dessa forma, repensar preceitos religiosos de interpretação literalista da bíblia que podem estimular preconceitos e discriminações a sujeitos por causa de sua orientação sexual e identidade de gênero.

De um lado, as práticas discursivas de igreja cristãs protestantes e neopentecostais, em que Santos (2003 p. 99), diz que a igreja evangélica deveria manter uma postura corajosa, inteligente e bíblica com relação a esse assunto moral de extrema importância. Entretanto, enfaticamente acrescenta que sua investigação sobre a temática, mais especificamente sobre a

homossexualidade, mas considera a complexidade inerente ao assunto, e conseqüentemente, o ensino bíblico da *imago Dei*.<sup>12</sup>

O conceito que traz o *imago Dei*, em que os homens são a semelhança de Deus, Hagglund (1999, p. 271), diz que o homem é a coroa da criação, pois o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, citando Gênesis 1.26, “Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança [...].

Hagglund (1999, p. 271) enfatiza que tal semelhança de Deus, *imago Dei* é definida, parcialmente com Efésios 4.24, “ [...] e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.” Assim, como uma forma original inata de justiça e santidade. Isto significa a perfeição e a harmonia do homem inteiro: em sua compreensão, sabedoria e conhecimento de Deus; em sua vontade, justiça e conformidade com a lei de Deus.

A partir de análises de aspectos da hermenêutica homossexual, Santos (2003 p. 99), assevera que essa abordagem interpretativa centra-se no subjetivismo científico. utiliza-se de passagens bíblicas, em geral relacionadas com o “homossexualismo”, o autor conclui que “*esse comportamento deve ser reconhecido como Deus o define, ou seja, como um comportamento pecaminoso.*”

Nesse sentido, para Santos (2003 p. 99), a responsabilidade da igreja cristã diante de uma cultura permissiva, é que a igreja recupere sua integridade moral e sua visão missionária. isto é, a igreja deve ainda empenhar-se para desenvolver programas e estratégias no fortalecimento dos laços familiares e proclamar a salvação ao perdido.

Santos (2003 p. 99), atualmente parece haver um consenso de que a única postura social a ser reprovada nesta matéria é a desaprovação do homossexualismo. Convive-se não apenas com um clamor pela tolerância, como também pela aprovação do comportamento homossexual.

Diante disso, o tema homossexualidade, Santos (2003 p. 99), continua a desafiar a igreja evangélica a elucidar sua posição teológico-ética sobre o assunto, bem como a aperfeiçoar sua prática missiológica. Defensores do movimento homossexual recorrem a

---

<sup>12</sup> A expressão *Imago Dei* é oriunda do latim quer dizer "*Imagem de Deus*". Refere-se a doutrina de que o homem foi criado à imagem de Deus. Doutrina segundo a qual, é resposta bíblica sobre o surgimento do homem, criatura singular entre as existentes. O conceito de *Imago Dei* ensina que os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus. A imagem de Deus no homem (*imago Dei*, Gn 1.26), [...] refere-se, antes, à perfeição e santidade originais do homem. De modo correspondente, [...] é a corrupção do homem em sua totalidade. (HAGGLUND, 1999, p. 196).

diversos argumentos teológicos e abordagens interpretativas, na tentativa de legitimar o homossexualismo à luz da Bíblia. Como pode-se observar mais explicitamente em que afirma:

A reação dos apologetas da posição tradicional cristã quanto ao assunto tem sido diversificada e, em alguns casos, confusa. São relativamente poucos os que conclamam a igreja à sua responsabilidade evangelística em relação aos homossexuais. (SANTOS, 2003 . p. 100).

Assim, Santos (2003 p. 99), destaca que seu propósito seria de analisar aspectos da hermenêutica, no qual ela mesmo denomina como “pró-homossexual”. E acredita em tecer orientações a partir de ensino bíblico a respeito do assunto.

O posicionamento fundamentalista e conservador da igreja cristã, na vertente, também pode ser aplicado às outras seitas da religião cristã em geral, podendo serem consideradas os ramos do catolicismo.

No seu texto, emprega-se os termos homossexualismo e homossexualidade indistintamente, reacende a ideia de que Deus é quem determina, ou seja, é o discurso que fala a voz de Deus. Santos (2003) em linhas gerais traz conceituações gerais sobre as sexualidades dissidentes:

Dentre os muitos desafios morais que a igreja cristã deve lidar no início do século 21, o tema da homossexualidade tem atingido urgência na resposta. Representantes do homossexualismo têm não apenas advogado por uma tolerância social, mas também por uma completa aprovação de seu comportamento. Alguns têm se debruçado em reinterpretar a Escritura, queixando-se da polarização cultural da parte de seus escritores bíblicos (SANTOS, 2003, p. 99).

Não se pode tomar a uma determinada igreja e/ou grupo religioso e colocar como as demais igreja, a pesar de que, como apontam alguns teólogos que é a mesma matriz religiosa, mas sobretudo, tem também as suas especificidades.

Empregamos o termo fundamentalismo neste trabalho, mas podem ser compreendidos também os termos conservadorismo e tradicionalismo, pois estes termos são empregados em relação à postura social e política de sujeitos e sociedade. E geralmente, dão direitos para alguns muitos, desmerecendo, desprovidas de ter seus direitos civis garantidos.

Sabe-se que a mentalidade renascentista rompeu com a visão de mundo onde a religião ocupava o centro de todas as questões, conhecida como teocentrismo. Para os humanistas, o centro de toda e qualquer pesquisa deveria ser o próprio ser humano, marcando o antropocentrismo e não a religião, como acontecia anteriormente na Idade Média.



Novas igrejas cristãs, de vertentes protestante, vem surgindo, mas não apenas como uma divisão por meros motivos eclesiásticos, mas sobretudo, de igrejas que veem na bíblia e suas confissões de fé, a não condenação de Deus e da bíblia, assumindo posicionamento inclusivo, nos quais inserem os sujeitos que vivem uma sexualidade diferente daquela posta como normatizada.

Enquanto a cultura atual e a mídia expressam os novos conceitos vividos pela sociedade, os intérpretes das Escrituras, segundo Ferreira (2013, p. 6), se dedicam a uma hermenêutica que contemple interpretações considerando os fundamentos da autoridade da Bíblia em consonância com a graça e amor de Jesus Cristo.

Ao abordar da necessidade de uma visão bíblico-teológica a respeito da sexualidade, mais especificamente tratando da homossexualidade, traz certo questionamento, se homossexuais podem mudar a sua condição:

A nossa sensibilidade humana e moderna levanta a seguinte questão: o homossexual nasceu assim? Se ele nasceu assim não é justo que homossexualidade seja reprovada bíblicamente! Alguns homossexuais perguntam: se a prática homossexual é pecaminosa, então, por que Deus me fez assim? Aqui precisamos de um pouco de paciência e prudência. (FERREIRA, 2013, p. 20).

Ferreira (2013, p. 21), o que estamos chamando de homossexualidade envolve ampla gama de comportamentos, indo desde uma tendência leve e passageira por parte de pessoas de orientação heterossexual até transtornos mais profundos de identidade sexual como no caso daqueles indivíduos que, tendo nascido com determinado sexo, se sentem mentalmente pertencendo ao outro sexo.

As novas igrejas cristãs, intituladas inclusivas, alicerçadas nos ensinamentos da bíblia aceitam os que sujeitos de sexualidades e identidades de gêneros dissidentes e permitem que exerçam e professem sua fé como verdadeiros cristãos.

De outro lado as práticas discursivas de igrejas cristãs protestantes inclusivas tem-se a Igreja Comunidade da Metropolitana de São Paulo que é uma Igreja Cristã Inclusiva. Objetiva reunir pessoas para compartilhar a fé cristã, viver os ensinamentos de Jesus de forma a incluir, e não excluir. Vê-se ainda:

Buscamos amar o mundo como Deus o faz, seguindo o caminho de Jesus, sensíveis aos ventos do Espírito Santo, *buscando discernir a Voz de Deus na tradição bíblica,*

*e o mover do mesmo Deus no contexto de nossa cultura.* (Site da ICM, 2017. Grifos meus).

Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM e MCC em inglês - *Metropolitan Community Churches*) apresenta-se como uma comunidade de fé que reconhece a Jesus Cristo como libertador e salvador dos excluídos e reivindicam testemunhar a palavra como Deus como as demais as igrejas cristãs, conforme João 8, 32 e 36) que diz: “[...] e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. [...] Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.”

A ICM surgiu 1968, nos EUA, pelo Reverendo Troy Perry, está presente em mais de 56 países, e aqui no Brasil, já conta com igrejas e missões em várias cidades. Nasce da necessidade da população LGBT em expressar sua fé dentro de instituições igrejas que desejam ter um lugar saudável e seguro exercitar sua fé ao sem receios e preconceitos. A ICM Brasil e demais igrejas são reunidas como uma fraternidade religiosa denominada Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana, adotada a sigla (FUICM).

Quanto ao uso de uma linguagem inclusiva nas comunidades da ICM, Hoffman; Miller (2017, p. 3), orienta que os materiais de divulgação da igreja, incluindo declarações de missão, políticas, materiais de liturgia e adoração, itens promocionais e publicações em mídias sociais, objetivem à guiar naquilo que deve ser dito, cantado e escrito.

Ao referir-se ao uso de uma linguagem inclusiva, no aspecto de gênero, Hoffman; Miller (2017, p. 4), ressalta que à medida que discute o humano e o divino de maneiras expansivas de gênero, deve-se reconhecer os modos inerentes, muitas vezes subconscientes, que a masculinidade tem sido privilégio. Por isso, há de se honrar o potencial e a igualdade de mulheres, além de outros gêneros não masculinos e celebrar a diversidade de gênero, incluindo o gênero não-binário, isto é, outros gêneros além de “masculino” ou “feminino”.

Ainda, nas orientações do uso de uma linguagem inclusiva, destaca-se o privilégio no uso do gênero (gramática) do masculino, muito presente nas idiomas, ou o neutro, sejam suprimidos. Segundo Hoffman; Miller (2017, p. 4), as palavras como “homem” e “humanidade” têm sido tradicionalmente usadas para denotar todas as pessoas ou seres humanos em geral, e os pronomes (“ele” e “seu”) servem para designar todos os indivíduos, o que exclui mulheres e outros gêneros da raça humana e apresenta a masculinidade como normativa e superior. Assim, deve-se “usar termos e pronomes inclusivos ajuda a incluir todos

nós em nossas descrições de pessoas, nos convites e ao se referir às promessas de Deus. (HOFFMAN; MILLER, 2017, p. 5).

Na busca de ser uma igreja cristã inclusiva, Hoffman; Miller (2017, p. 5), orienta o uso de **um termo masculino e feminino para Deus, por exemplo, dizendo “Deus Pai-Mãe”**. Dessa forma, poderia representar completamente todos os gêneros no espectro, poderia também incluir termos não-binários. Outra maneira de praticar uma linguagem inclusiva, é escolher **um único termo neutro** que englobe todos os gêneros.

No uso de uma linguagem inclusiva para se referir às pessoas adeptas da igreja e/ou a pessoas da população LGBT que frequentam e/ou acessam às mensagens da igreja, Hoffman; Miller (2017, p. 7), enfatiza que igreja e congregações e ministérios existem homens, mulheres, pessoas trans e pessoas não-binárias. Pois não é necessário conhecer todos esses termos ou identidades, entretanto, é essencial sua compreensão geral da abrangência e alcance do gênero, por meio da palavra de Deus, através da Bíblia ajudar mais pessoas a se sentirem incluídas e bem-vindas na vida da igreja usando palavras que refletem muitas variedades de gênero.

Às vezes, em nossos esforços para sermos inclusivos, Hoffman; Miller (2017, p. 7), indica o uso de termos masculinos e femininos para as pessoas nas igrejas, por exemplo, dizendo **“irmãos e irmãs”**.

No limiar do século XXI, vem surgindo novas comunidades religiosas, nas quais se organizam em torno de uma teologia que expressa o discurso de uma igreja cristã inclusiva em que vê o sujeito de Deus como aquele que não peca em ser diferente. Algumas como: Igreja da Comunidade Metropolitana, Igreja para Todos, Comunidade Cristã Nova Esperança, Igreja Cristã Contemporânea, Comunidade Cidade Refúgio, Comunidade Athos dentre outras.

À caminho de uma Teologia Queer em que produza uma teologia, discurso religioso que prova inclusão. Musskopf (2008, p. 07), neste trabalho entende-se que a linguagem corrente assume o masculino como padrão hegemônico perpetuando valores sexistas e discriminatórios. Por este motivo, dentro dos limites que a própria língua impõe, procura utilizar uma linguagem inclusiva.

Para tanto, Musskopf (2008, p. 07), termos que se referem tanto ao masculino quanto ao feminino são apresentados utilizando-se o recurso “/as” ou “/os”, repetindo os termos nos dois gêneros, substituindo o artigo definido por “@” (geralmente quando aparece em citações diretas) ou procurando estabelecer um equilíbrio através do uso alternado de formas

masculinas e femininas. O mesmo procedimento é adotado no caso de traduções de língua estrangeira sempre que os termos se referem a ambos os gêneros. Vejamos:

Além disso, toda vez que a palavra “homem” aparece em citações diretas de autores e autoras referenciados/as, este termo é substituído por “ser humano”, partindo da compreensão de que “homem” se refere exclusivamente ao ser humano do sexo masculino e não à humanidade como um todo. Mais difícil é encontrar formas inclusivas de expressar as múltiplas identidades de gênero e orientações sexuais (MUSSKOPF, 2008, p. 07).

Em geral, utiliza-se a sigla GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) que atualmente é a mais utilizada pelo movimento civil e pelas pesquisas acadêmicas nesta área, reconhecendo suas limitações. Outras siglas, como GLS, LGBTTI, e suas diversas variantes, são utilizadas quando aparece em citações diretas e, neste caso, as identidades e práticas às quais se refere cada letra são apresentadas por extenso (MUSSKOPF, 2008, p. 07).

Musskopf (2008, p. 129), diz que as discussões suscitadas pelas publicações que estamos chamando de *teologia homossexual*, embora não se definissem assim naquele momento, definitivamente romperam com as formas de abordagem desenvolvidas ao longo da Idade Média em torno da sodomia<sup>13</sup>.

As discussões da temática entre a igreja e as sexualidades e identidades de gêneros dissidentes, abriram caminho e inspiraram teólogos e teólogas que levaram adiante esta discussão. Como diz Musskopf (2008, p. 129) que surgiu, então, um discurso teológico muito mais afirmativo, que “ousou dizer seu nome”, inaugurando e consolidando um novo campo no âmbito da Teologia.

Musskopf (2008, p. 129), a produção nesta área também foi marcada por mudanças e situações novas nas quais seus protagonistas estavam envolvidos/as. São estas condições que compõem o contexto que permitiu a emergência do que se chamou, especialmente na década de 80 e início dos anos 90, de Teologia Gay.

Na consolidação de uma identidade e a formação de uma experiência, Musskopf (2008, p. 129), entende que o desenvolvimento de subculturas e redes de sociabilidade

---

<sup>13</sup> Relação sexual anal entre homossexuais masculinos ou entre um homem e uma mulher. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=sodomia>.

O termo é usado para referir-se ao um evento bíblico que Deus destruiu duas cidade, Sodoma e Gomorra, por causa do suposto pecado de relações sexuais diferentes da heterossexualidade. O evento está registrado em Gênesis 18:20, e descreve o motivo da destruição dessas cidades. Os literalistas indicam que o motivo seria o elevado nível de promiscuidade e corrupção do povo “Disse mais o Senhor: Porquanto o clamor de Sodoma e Gomorra se tem multiplicado, e porquanto o seu pecado se tem agravado muito”.

homossexuais junto com a crescente organização em busca da descriminalização das relações homoeróticas pavimentaram o caminho para outras mudanças no campo das pesquisas e estudos, bem como da atuação política.

Se o homossexual surgiu como um sujeito, com uma identidade, ainda que difusa, o reforço e a consolidação desta identidade permitiram que se começasse a falar em uma *Musskopf* (2008, p. 129), e sobre essa a experiência homossexual, diz que:

Tal experiência apresentava características distintas, sendo abordada desde áreas do conhecimento diversas e, para além da descriminalização, formando a base para a reivindicação de direitos civis que dessem conta desta experiência nas diversas esferas de interação social. (MUSSKOPF, 2008, p. 129).

*Musskopf* (2008, p. 43), os eventos que marcaram a mudança de postura da militância homossexual nos Estados Unidos, com reflexo em grande parte do mundo ocidental, foram os *Stonewall Riots*, conhecidos como a “Revolta de Stonewall”, que aconteceram em 28 de Junho de 1969 e dias subseqüentes em Nova Iorque.

As primeiras ações dos movimentos homossexuais nos Estados Unidos, segundo *Colling* (2011, p.7), foi uma revolta ocorrida em um famoso bar de Nova Iorque, em 28 de junho de 1969, conhecida como Revolta de Stonewall. Stonewall foi um marco por ter sido a primeira vez em que gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros se uniram para resistir aos maus tratos da polícia contra a comunidade.

*Musskopf* (2008, p. 44), aponta que embora estes eventos possam ter causado surpresa em seu contexto e tenham assumido contornos míticos e lendários, falando-se deles no singular, eles seguramente foram fruto da crescente mobilização e conscientização da comunidade homossexual e sua atitude diante de uma sociedade excludente e discriminadora.

*Musskopf* (2008, p. 45), nos informa que Stonewall foi o catalisador e unificador de um movimento até certo ponto clandestino, dando visibilidade e uma forma renovada à militância, bem como promovendo a articulação de grupos dispersos em uma frente de luta unificada, materializada, por exemplo, na *Gay Liberation Front*.

*Musskopf* (2008, p. 142), apresenta a necessidade da emergência de uma Teologia Queer, mais ampla que a Teologia Gay desenvolvida nas décadas de 80 e 90 que representou o rompimento com um discurso apologético no contexto do Movimento de Libertação Gay, dos Estudos Gays e Lésbicos e das diversas teologias da libertação.

Sua importância para a construção da cidadania religiosa de gays e lésbicas é incontestável. Ainda assim, é possível afirmar que continuou sendo uma teologia assimilacionista enquanto defendeu a assimilação pela diferença:

Além disso, as categorias “gay” e “lésbica” logo se mostraram limitadas para expressar as identidades construídas e as experiências vividas no contexto do ativismo político e da reflexão acadêmica, colocando-se como um desafio para a reflexão teológica desenvolvida por gays e lésbicas (MUSSKOPF, 2008, p. 142).

Musskopf (2003), diz que o aprofundamento teórico com a influência de outras correntes de pensamento, os novos desafios com o surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS)<sup>14</sup> e a visibilização de novos atores no seio do movimento, as alianças com outros grupos e movimentos, provocaram novas reflexões. A Teologia que sai do Armário: um depoimento teológico. Revista Impulso, Piracicaba, 14(34): 129-146, 2003. Questionamentos para um discurso teológico gay (e lésbico). (MUSSKOPF, 2008, p. 142).

Musskopf (2008, p. 142), surgiu, então, a necessidade de uma teologia para problematizar e discutir as identidades e experiências desde a ambigüidade, a fluidez e a mistura. Isto aplicável às práticas discursivas de igrejas cristãs e neopentecostais e de igrejas inclusivas. Musskopf (2008, p. 142), vê no projeto passos significativos no campo dos estudos teológicos e demais áreas do conhecimento, acreditando que a Teologia Queer apresenta-se como uma teologia mais abrangente nas práticas discursivas religiosas.

Os discursos em análise, das práticas discursivas religiosas, ambos são discursos cristãos da vertente protestante, compartilham do mesmo campo religioso, logo, cada um deles vai citar trechos, autores, que estão em acordo com sua competência discursiva.

Ambos precisam referir-se a Cristo, a fé, à Bíblia, mas cada um o faz a sua maneira: no discurso religioso Fundamentalista, por causa do princípio da “Concentração”, cita os textos mais próximos no tempo à pessoa de Cristo; já o discurso religioso Inclusivo cita trechos em que Cristo está convivendo com pessoas do povo. A esse trabalho da memória discursiva no interior de um dado campo Maingueneau denomina intertextualidade interna. Assim, no próximo capítulo, apresentaremos a análise dos enunciados polêmico-religiosos.

---

<sup>14</sup> A sigla AIDS é oriunda da língua inglesa e significa Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (*Acquired Immunodeficiency Syndrome*).

## 5. ANÁLISE DOS ENUNCIADOS POLÊMICO-RELIGIOSOS

Neste capítulo, encontram-se as análises dos enunciados do discurso religioso cristão fundamentalista e do discurso religioso cristão inclusivo coletados em algumas materialidades discursivas referentes às sexualidades dissidentes já expostas no capítulo anterior onde apresentamos os seus posicionamentos discursivos.

No primeiro subtópico, apresentamos a Formação do Arquivo e Corpus onde estão selecionados os enunciados verbais das duas formações discursivas que estão contidas no mesmo espaço discursivo. Assim, do ponto de vista analítico serão considerados elementos tais quais aqueles que constituem um discurso religioso cristão na mídia.

Na sequência, estão descritas as Categorias de Análises e Discussões que são analisados os enunciados do discurso religioso das igrejas cristãs fundamentalistas contrários à adesão em suas comunidades de sujeitos que expressam e são vistos como sexualidades não sadias, e vistas como pecado diante de Deus, aqui entendidos como *Enunciados do D1 - Fundamentalistas*. Ainda como metodologia de análise, são analisados os enunciados de discursos inclusivos favoráveis à inclusão dos sujeitos da população LGBT em sua comunidade religiosa nos quais sua orientação e identidade de gênero são vistas como normais e aceitas por Deus, identificados com o discurso inclusivo de sexualidades dissidentes, explicitados neste trabalho como *Enunciados do D2 - Inclusivos*.

Por fim, no último subtópico, apresentaremos os aspectos do funcionamento do discurso religioso cristão sobre as sexualidades e das identidades de gêneros dissidentes. Para fins de atender os objetivos dessa pesquisa, o estudo da polêmica como interincompreensão pressupõe que se concentre a atenção sobre os simulacros do Outro formulados e sobre os já-ditos.

Faz-se, então, necessária a elaboração dos quadros semânticos com os principais semas que constituem as grades semânticas do Discurso Religiosos Cristão Fundamentalista e do Discurso Religiosos Cristão Inclusivo. Assim, os semas constituem a base semântica dos dois posicionamentos discursivos analisados a fim de confirmar ou infirmar no interdiscurso as relações polêmicas.

Tal qual Maingueneau (2008), que construiu os semas que constituem o modelo do discurso jansenista e do discurso humanista devoto, na qual parte da relação interdiscursiva e da relação polêmica, buscaremos indícios nos conduzam à construção dessa grade semântica.

Nesse caso, a unidade de análise passa a ser definida como um espaço de trocas entre discursos convenientemente escolhidos Maingueneau (2008, p. 11). Entretanto, Maingueneau não nega a existência de outros caminhos para observação daqueles mesmos corpora.

Segundo Maingueneau (1998, p. 20), “o analista não estuda a totalidade de um campo discursivo, mas ele extrai dela um subconjunto, um espaço discursivo, constituído de pelo menos dois posicionamentos discursivos mantendo relações particulares fortes de disputas e embates.

Portanto, é definido pela decisão do analista, em função de seus objetivos de pesquisa, pois “não é possível determinar *a priori* as modalidades das relações entre as diversas formações discursivas de um campo.” MAINGUENEAU (2008, p.35).

Dessa maneira, as análises permitirão uma compreensão acerca do funcionamento do discurso religioso cristão fundamentalista quanto o do funcionamento do discurso religioso cristão inclusivo quando estes se referem à adesão de sujeitos de sexualidades dissidentes em suas comunidades religiosas.

### **5.1 A formação do arquivo e *corpora***

Como constituição do arquivo e banco de dados, busca-se o material disponibilizado na internet sobre os dois posicionamento discursivos que constituem um discurso religioso na mídia. Constitui-se um *corpus* sobre as temáticas de grande alcance social desenvolvida nas mídias, particulariza-se a temática sobre as sexualidades dissidentes e identidades de gêneros, em alguns programas de 2013, momento de grande debate social. Viu-se a necessidade de construir uma análise desse arquivo, optou-se em usar a expressão sexualidades dissidentes e identidades de gênero em que são englobadas as categorias da população LGBT. Como apresenta Louro (1997, p. 26), “sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais [...] “O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento.” (LOURO, 1997, p. 26).

Por isso, tomamos o conceito de noção de arquivo, proposta por Maingueneau (2008, p. 15), pois substitui a noção de formação discursiva que visa a um duplo objetivo: delimitar os tipos de *corpus* pelos quais se interessa a escola Francesa, em que, na circunstância dos enunciados que partilham um posicionamento sócio-histórico.



Assim, do ponto de vista propriamente analítico serão selecionadas sequências discursivas (enunciados) verbais, submetidos à análise discursiva, que compreende um trabalho linguístico, textual, pois é gênero, as condições de produção e subjetividades e as ideologias e impactos. Destaque-se, porém, que trabalhamos com uma intersemiótica e que, por isso, são considerados elementos tais quais aqueles que constituem um discurso religioso cristão na mídia:

**a) Jornal Folha Universal:**

- Edição 1.134 de 29/12/13 a 04/01/14. Apresenta matéria de capa com o título “Alguém Acreditou Neles” com uma tiragem de 1.686.000 exemplares; relata como homossexuais se converteram, tornando-se um testemunho da IURD que os ajudou a se tornarem “ex-gays”;
- Edição 998 de 22 a 18/05/11. Apresenta matéria de capa com o título “Você Aprova?” com uma tiragem de 2.400.250 exemplares; trata do Kit Anti-homofobia do MEC;

**b) Vídeos de Entrevistas do Pr. Silas Malafaia:**

- Programa De Frente com Gabi, SBT, no dia 03/02/2013, e publicado em 04/02/2013 no site: <http://www.youtube.com/watch?v=QZscFarTmR4>;
- Programa Superpop da Luciana Gimenez, Rede TV, no dia 15-04-13, e publicado em 16/04/2013 no site: <http://www.youtube.com/watch?v=TBNEAsiiZHI>;

**c) Sites da Igreja da Comunidade Metropolitana nos seguintes endereços:**

- ICM São Paulo: <http://www.icmsp.org/icm/>
- ICM Brasil: <http://www.icmbrasil.com/nacional/>;

**d) Documentário, O Mesmo Amor, produzido pela Igreja Para Todos:**

Disponibilizado no site <http://www.youtube.com/watch?v=KzXmnrG7-Fk> e no site <http://www.conexaojornalismo.com.br/colunas/astral/religiao/documentario-abord-a-a-igreja-para-todos,-uma-fe-crista-tolerante-com-homossexuais-63-9245>;

## 5.2 Categorias de análises e discussões

Em princípio, o presente estudo se dedica a estudar as bases teóricas do campo da Análise do Discurso, como pesquisa bibliográfica, a partir do uso de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos e periódicos, para a constituição de um conhecimento sobre a área e sobre as categorias selecionadas para a análise do *corpora*. Simultaneamente, no diálogo entre categorias discursivas e histórico-sociológicas, buscam-se conhecimentos para compreender a própria análise do discurso, as categorias, procedimentos e interpretações.

A base teórica será a análise do discurso de linhas francesas em que vê o discurso na articulação do funcionamento discursivo e sua inscrição histórica, pensando as condições de uma enunciabilidade passível de ser historicamente circunscrita e os estudos sobre a polêmica iniciados por Dominique Maingueneau que diz: O espaço discursivo tem então um duplo estatuto: pode-se apreendê-lo como um modelo dissimétrico que permite descrever a constituição de um discurso, mas também como um modelo simétrico de interação conflituosa entre dois discursos para os quais o outro representa totalmente ou em parte seu Outro. É esse último aspecto, o de um processo de dupla tradução, que vai nos interessar essencialmente. (MAINGUENEAU, 2008, p. 40).

Considerando as análises do discurso religioso de dois movimentos religiosos, o Jansenismo e o Humanismo Devoto, Maingueneau (2008), enfatiza que o analista não estuda a totalidade de um campo discursivo. Mas extrai apenas um subconjunto, isto é, um espaço discursivo, constituído de pelo menos dois posicionamentos discursivos em que mantém relações discursivas mais particulares. (MAINGUENEAU, 2008, p. 20). Salienta-se que a escolha desse subconjunto é uma das possibilidades de estudarmos esses dois posicionamentos discursivos. Isto quer dizer que outros espaços discursivos poderiam ser delimitados.

Maingueneau (2008, p. 11) determina que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhido”, assim, portanto, privilegia a interdiscursividade.

Tanto o discurso religioso fundamentalista e quanto o discurso religioso inclusivo sejam dois posicionamentos dentro da mesma religião cristã de matriz protestante, são

distintas no que tange ao seus posicionamentos ao considerar as sexualidades dissidentes aceitáveis ou não por Deus, e conseqüentemente em suas comunidades religiosas.

Assim, vê-se a constituição de uma polêmica estabelecida entre os dois discursos em relação ao posicionamento de sujeitos da população LGBT nas comunidades religiosas. Maingueneau (2008, p.11) diz que um analista do discurso precisa confrontar-se de maneira assídua com um terreno para alimentar sua reflexão teórica a fim de dar conta dos funcionamentos discursivos.

Por se tratar de discursos religiosos, logo, faz-se necessário, considerar que o discurso religioso, seja de qualquer religião, e de alguma seita mais especificamente, há de se reconhecer a voz de Deus presente nos discursos.

Assim, como diz Orlandi (2006 p. 253), o representante, ou seja, aquele que fala do lugar de Deus transmite Suas palavras. O representante legitimamente, mas não se confunde com Ele, não é Deus. Essa, do ponto de vista, é a expressão fundamental da não-reversibilidade. E daí deriva a ‘ilusão’ como condição necessária desse tipo de discurso: como se fosse sem nunca ser.

Para Touraine (2006, p. 123), só nos tornamos plenamente sujeitos quando aceitamos como nosso ideal reconhecer-nos – e fazer-nos reconhecer enquanto indivíduos – como seres individuados, que defendem e constroem sua singularidade, e dando, através de nossos atos de resistência, um sentido a nossa existência.

Poder-se-ia perguntar se vivemos em um mundo de sujeitos ou de indivíduos. A respeito da comportamento do sujeito individual e do sujeito coletivo, Touraine (1998, p. 70), considera que este se organiza em torno de três princípios nos quais relaciona a racionalidade instrumental, a afirmação identitária e comunitária e a subjetivação que é o desejo da individuação. O indivíduo se situa na ordem do direito, enquanto seu duplo, o sujeito, na ordem da experiência concreta. Assim, é o elemento sujeito de cada ser que luta pelos direitos adquiridos para indivíduo.

Touraine (2006, p. 126), entende que mesmo que tenhamos a força necessária para defender os direitos do indivíduo contra os da sociedade, experimentamos a mais viva desconfiança no tocante às instituições responsáveis por punir os desviantes ou os criminosos, ou mesmo de cuidar das minorias e dos deficientes.

Touraine (2006, p. 126), ressalta o temor diante dos interesses da sociedade que, de certa forma, tende a ignorar o direito das pessoas serem tratadas como sujeito. E por estarmos

ligados às instituições, elas deveriam proteger de arbitrariedades ditatoriais e das violências que acabam por sucumbir toda referência de sujeito.

A ideia de sujeito, segundo Touraine (1996, p. 172), combina três elementos indispensáveis: a resistência à dominação, o amor de si pelo qual o indivíduo estabelece sua liberdade como condição principal de sua felicidade e como um objetivo central e o terceiro que é o reconhecimento dos outros como sujeitos e o conseqüente apoio às regras políticas e jurídicas que proporcionem ao maior número possível de pessoas o máximo de oportunidades de viver como sujeitos. (TOURAINÉ, 1996, p.172).

### 5.3 Aspectos do funcionamento do discurso religioso sobre as Sexualidades Dissidentes

Considerando que a ideologia cristã, se cristaliza nos sujeitos através da dogmática religiosa, sobretudo, na/pela linguagem, nos seus discursos, seja ela de qualquer matriz religiosa, pode-se observar os aspectos do funcionamento do discurso religioso cristão sobre as sexualidades dissidentes e identidades de gêneros, sobretudo, das igrejas cristãs fundamentalistas que desenvolvem uma leitura literalistas da bíblia e das igrejas cristãs inclusivas a partir de uma leitura da teoria queer, do sujeito democrático moderno e dos movimentos sociais.

*A cada dia multiplica a iniquidade  
Sinceramente isso me deixa pensativo  
Se Deus tivesse feito homem pra casar com outro  
Não seria Adão e Eva, tinha feito Adão e Ivo  
(grifos meus).*

Antes de iniciarmos as análises dos enunciados que formam os dois posicionamentos discursivos religiosos em relação polêmica em torno das sexualidades e identidades de gêneros dissidentes, tecemos alguns comentários, a partir da música gospel denominada “Adão e Ivo”<sup>15</sup>. Nosso olhar, será direcionado mais especificamente, no refrão/estrofe do cantor Toinho de Aripibú, um cantor gospel pertencente a uma das igrejas evangélicas neopentecostais no Brasil. A música como um todo, é sobretudo, uma releitura do texto fundador da bíblia: *E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, [...]. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.* Referindo-se

---

<sup>15</sup> Adão e Ivo. Toinho de Aripibú. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/toinho-de-aripibu/1216833/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

às duas criaturas humanas Adão e Eva que formavam um casal, considerado como o primeiro casal, dito no relato na mitologia bíblico-judaica (Gênesis 1:26, 27).

O trecho da música não faz parte do *corpora* desta pesquisa, mas possibilita ver como na reprodução de um texto fundador, a letra da música, toma novos contornos, considerando que na expressão “Adão e Ivo”, vemos como o discurso religioso cristão fundamentalista contribui negativamente para promover exclusões, apagamentos e fortalecimento da norma hetero-cisnormativa imposta pela sociedade.

Podem ser vistos aí, conceitos relevante nas análises aqui apresentadas, como apresentado por Maingueneau (2008), os discursos constituintes, o primado do interdiscurso, a presença do discurso do do Outro no Mesmo, uma prática intersemiótica, conceitos nos quais contribuem significativamente na análise discursiva/interdiscursiva da polêmica como interincompreensão constitutivo do discurso religioso de matriz cristã.

Assim, a partir do *corpora*, podemos verificar como se manifesta, e se apresenta a polêmica discursiva entre dois discursos que se contrapõem mutuamente, apesar de dialogarem a mesma grade semântica. Isto quer dizer que os enunciados do outro só são compreendidos no interior do fechamento semântico do seu intérprete; para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que dele constrói (MAINGUENEAU, 2008, p. 100).

Apresentamos alguns exemplos que foram extraídos dos *corpora* que contribuem para entendermos como se dá subjetividade dos sujeitos da população LGBT, e como ela é construída na linguagem através dos discursos religiosos cristãos fundamentalistas e inclusivos. Os depoimentos das pessoas LGBT não apenas que frequentam uma igreja inclusiva, no caso a Igreja Evangélica para Todos, dentre elas, temos também a fala de Júlio, nome fictício de um membro da Igreja Para Todos. Além do depoimento de Saulo, outro membro da Igreja Para Todos e um terceiro depoimento de Gyslayny, mulher lésbica, casada e membro da Igreja para Todos que já pertenceu a uma igreja evangélica pentecostal, mas que no atual momento vivencia a sua sexualidade numa igreja evangélica inclusiva.

*Não tou curado*, é um trecho do depoimento de um dos membros da IPT, nele retrata a reversão da sexualidade e da identidade de gênero dissidente como algo não possível. Pois demonstra que a pessoa tentou, mas não conseguiu a referida cura. Ainda pode-se ver no depoimento: *E aí é que vem a grande frustração, você se depara. É... apaixonado por um rapaz... ou admirando e poder falar: 'que rapaz bonito'. Aí já vinha na minha mente, ôpa.*

*Se eu tive esse sentimento, é porque eu não tou curado!!!* (O MESMO AMOR, 2013, 3m22s-3min38s) Júlio, nome fictício de um membro da Igreja Para Todos. Pelo contrário, a pessoa encontrou motivação tanto espiritual e emocional, ao entender a sua subjetividade e a aceitá-la através do discurso de uma igreja inclusiva.

Ao falar dessa suposta possibilidade de reversão, há de se pensar que não se trata de “cura gay”, de forma medicalizada, nem de algum tipo de terapia de especialistas em psicologia, psiquiatria e/ou sexólogos etc. Mas, sobretudo, de negar a subjetividade do sujeito LGBT, fazendo-o pecador e doente espiritualmente e emocionalmente, em nome de Deus, pela bíblia, enfim, através da fé.

Em um dos excertos dos enunciados do documentário O Mesmo Amor, um dos membros da Igreja Para Todos, Saulo, enfatiza a questão de como vivia sua vida cristã, mas considerando-se a pior pessoa do mundo, pelo fato de sempre ouvir nas outras igrejas, as igrejas fundamentalistas, de que a diversidade sexual é pecado. Isto é, como resposta da mensagem no discurso religiosos cristão fundamentalista no qual o conceito do *imago Dei* interferiria na relação entre o homem e Deus. Em suas palavras, *Eu mudei minha opinião, depois que eu conheci a Para Todos, depois que eu comecei a estudar mais, comecei a procurar mais. Aqui na igreja a gente tem cursos, estudos bíblicos e tudo mais... Então assim, a gente estudando, conversando com o pastor, o Vagner, aí então, eu fui mudando o meu pensamento referente a isso. Me senti acolhido, eu mais próximo de Deus e tal, me senti de verdade como uma família. E eu me senti em casa como minha família* (O MESMO AMOR, 2013, 11m02s-11m36s). Nos trechos *me senti de verdade como uma família* e *E eu me senti em casa como minha família*, não fala de qualquer tipo de família, mas da família da fé, no qual o fiel e adepto de uma determinada religião e/ou igreja se vê em comunhão com os outros demais participantes de um segmento religioso.

O surgimento de novas igrejas, neste caso, das igrejas cristãs inclusivas, que trazem nos seus discursos, aspectos de uma Teologia Queer e uma Igreja Queer conforme apresenta Musskopf (2008), isto é, de igrejas inclusivas, neste caso, por se compreender as subjetividades dos sujeitos da população LGBT, sobretudo, no que tange às construções socioculturais. Conceitos também apresentadas por Louro (2013, p. 16), quando afirma que os próprios sujeitos estão empenhados na produção do gênero e da sexualidade em seus corpos. E que esse processo não é feito ao acaso ou ao sabor de sua vontade, mas sobretudo,

participantes ativos dessa construção. Assim, os sujeitos não a exercitam livres de constrangimentos e que são explicadas a partir dos estudos da teoria Queer.

Ainda apresentamos outro excerto, retirado do mesmo documentário no qual podemos perceber tanto o discurso religioso cristão de igrejas tradicionais quanto o discurso religiosos cristão de igrejas inclusivas, é o depoimento de Gyslayny, uma membro da Igreja para Todos. Em seu depoimento, diz: *Nós é... nós íamos naso mesmo igrejas tradicionais, assim... visitar né... porque a gente membro não podia ser né... porque são igrejas tradicionais.* (O MESMO AMOR, 2013, 13m-13m08s). Neste trecho do depoimento, temos na fala de Gyslayny em ir à igreja, mas no sentido de frequência regular aos cultos e reuniões, entretanto, era-lhe negada a membresia pelo fato de a igreja entender que ela estivesse em pecado e logo distante de Deus.

Segundo Louro (2013, p. 16), uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões. Assim, Louro (2013, p. 07), explica o termo queer que é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante - homossexuais, bissexuais, transsexuais, travestis, drags etc. É o excêntrico que não deseja ser 'integrado' e muito menos 'tolerado'. Um insulto que tem, para usar o argumento de Butler (1999 apud LOURO, 2013, p. 38) em que a fonte de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muito homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Assim, "queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua força de ação é muito mais transgressiva e perturbadora." (LOURO, 2013, p. 39).

Nesse sentido, Charaudeau; Maingueneau (2004, p. 115), nos informa que é certo que um sujeito falante é sempre parcialmente sobredeterminado pelo saberes, crenças e valores que circulam no grupo social ao qual pertence ou ao qual se refere, mas ele é igualmente sobredeterminado pelos dispositivos de comunicação nos quais se insere para falar e que lhe impõem certos lugares, certos papéis e comportamentos (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 115).

Em nossa pesquisa, e em especial nas análises dos enunciados, consideramos o conceito de semântica global discursiva<sup>16</sup> que está centrada no eixo temático dos semas

---

<sup>16</sup> O modelo do quadro de principais semas apresentado foi elaborado a partir do modelo desenvolvido por Maingueneau (2008, p 66, 68, 103), quando estabelece critérios quando a partir das análises da polêmica como

Exclusão e Inclusão, como novos conceitos que fazem a igreja repensar seu papel; em contrapartida, Inclusão e Exclusão. Pois a polêmica se estabelece em torno da temática de exclusão e da inclusão dos sujeitos da população LGBT nas igrejas cristãs protestantes no que diz respeito à subjetividade dos indivíduos dessa população. Assim, o conjunto dos semas estabelecidos como traços semânticos primitivos e negativos podem ser percebidos nestes semas: **/Sujeito LGBT/ /Fé/ /Igreja/ /Deus/**.<sup>17</sup>

Os sujeitos da população LGBT podem exercitar sua fé, através de uma instituição religiosa, a igreja, e isto é entendido e visto pelos cristãos como instituição relevante, do ponto de vista espiritual no acolhimento e estabelecimento do plano salvífico de Deus.

### 5.3.1. Documentário: O Mesmo Amor

Lema da Igreja Evangélica para Todos: **"Uma Igreja da Diversidade"**. Podemos entender como todo tipo de diversidade, mas em especial, a diversidade da sexualidade. Um lema (também chamado divisa ou mote - em latim: *motto*) é uma ideia expressa por uma frase que serve de guia ou de motivação para uma pessoa, grupo, seita, país ou nação.

A palavra "todos" usada para formar o nome da igreja (Igreja Para Todos, IPT), já alude para a necessidade de inclusão, pois acredita-se que pessoas fundadoras da igreja e pessoas adaptados à referida igreja, sentem-se incluídas através de uma linguagem cristã inclusiva.

O documentário "O Mesmo Amor" é um retrato da relação de pessoas da população LGBT com a religião cristã matriz protestante. Retrata a história de vida de pessoas que encontraram, dentro de um ambiente religioso cristão o acolhimento à diversidade, conforto e realização com a própria fé de forma a se sentirem incluídos dentro de uma comunidade cristã sem preconceitos.

O documentário tem como foco a Igreja Cristã Evangelho Para Todos, (IPT) que tem como mote **"Uma igreja da Diversidade"**. A IPT foi uma das primeiras igrejas cristãs no país a pregar a Teologia Inclusiva. No documentário "O Mesmo Amor" explicita que o amor não é diferente, o amor de Deus, pregado pela igreja em por exemplo, João 3.16, **Porque**

---

interincompreensão, tomou como base a hipótese da semântica global, no qual via a relação interdiscursiva de dois quadros semânticos entre o discurso jansenista e o humanista devoto.

<sup>17</sup> Conforme modelo de Maingueneau (2004, p. 70).



***Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.***

E, no enunciado do documentário da Igreja para Todos, "O Mesmo Amor", o próprio título que dá o nome ao documentário, remete à uma memória discursiva, em "Deus amou" (João 3.16), que reinterpreta em todo o enunciado do texto bíblico, fundador de outros enunciados, lidos e traduzidos na interdiscursividade. Neste caso, que registra a realidade do amor de divino que faz com que pessoas o amem e queiram segui-lo, inclusive os sujeitos da população LGBT.

Essa esperança de "vida eterna", é o que espera do fiel e religioso, que professa sua fé, em busca de desenvolvimento de sua espiritualidade. Fala-se, aqui, da relação das pessoas com a religião e a igreja. Vão demonstrando, ao longo das falas, como uma identidade é constituída pela religião e pela igreja. Vejamos:

Enunciado: (01)

Tudo que Deus fez, Deus fez perfeito em tudo, tudo tudo que Deus criou, ele foi perfeito em tudo. E Ele não ia errar justamente no homem a sua imagem e semelhança. No princípio, (suprimiu a palavra Deus) a palavra do Senhor, Ele disse assim: Deus criou macho e fêmea. Então, diante de Deus, diante da palavra de Deus que ela é infalível eu não tenho segunda opção. (O MESMO AMOR, 2001, 44s-1min13s). Joide, pastor e ex-travesti.

No enunciado (01), o enunciador, a partir de seu lugar de discurso, exprime a ideia de exclusão, sustenta o discurso fundamentalista, reconhecendo a possibilidade de reversão. Alude que Deus jamais erraria no seu ato criativo, no que diz respeito à criação dos homens. O enunciador, fala a partir de seu lugar discursivo, em que está, numa igreja fundamentalista, mas no seu discurso, traduz o discurso do Outro, ou seja, acusa o discurso inclusivo em empobrecer a fé e deteriorar a igreja ao aceitar pessoas que estão no pecado, pois entende que que as sexualidades dissidentes e identidades de gêneros são condutas pecaminosas e devem ser mudadas. E por fim, acaba por reafirmar a binaridade dos sexos, como a única possibilidade. O advérbio de negação "não" no seu discurso, então como o sim, no qual a igreja inclusiva inclui os sujeitos LGBT, pois não são vistos como pecadores,

Enunciado: (02)

É que a gente vai crescendo dentro da igreja, ouvindo que é errado que muitas coisas são erradas uma delas é ser gay né... (O MESMO AMOR, 2013, 1m13s-1min23s). Júlio, nome fictício de um membro da Igreja Para Todos.

No enunciado (02), temos aí, duas expressões: *ouvindo que é errado*, o verbo ouvir, na forma do gerúndio, forma nominal do verbo, ou seja, uma forma verbal, além de ter como principal característica, indicar uma ação contínua, que está em andamento, ou seja, um processo verbal não finalizado. Indica que enquanto estava numa igreja fundamentalista, era comum ouvir na que outra sexualidade era pecado. Isto fica claro ao declarar: *uma delas é ser gay né...* No discurso do Mesmo, enquanto um sujeito LGBT e adepto da fé cristã, numa igreja inclusiva, denuncia que o discurso do Outro sempre é aquele que promove exclusão. Assim, no seu discurso, polemiza com o seu Outro, ao retratar que a igreja fundamentalista exclui os sujeito das categorias LGBT.

Enunciado: (03)

Eu chorava muitas vezes, pensando nisso; mas pra mim realmente não tinha mais salvação, por quê? Porque a igreja que eu, que eu, frequentava era muito tradicional, então eles, eles pregavam isto em púlpito. (O MESMO AMOR, 2013, 1m24s-1m33s). Luciana, líder de oração da Igreja Para Todos.

Enunciado: (04)

Um sentimento, é um sentimento muito horrível, né?, um sentimento de angústia, em sentimento de, de, desespero mesmo, de não pertencer, de saber que tem algo errado. Então, na minha adolescência, teve um período que eu até, até, comecei a pensar no suicídio ... porque eu não consegui... porque eu saberia que eu não tava só, só contra aquilo que era a igreja, teria que enfrentar a minha própria família, enfrentar os meus amigos, enfrentar a sociedade no modo geral. (O MESMO AMOR, 2013, 1m42s-2m12s). Júlio, nome fictício de um membro da Igreja Para Todos.

No enunciado (03), o verbo “frequentava”, no pretérito imperfeito do indicativo, aponta como os sujeitos da população LGBT se sentem: *Eu chorava muitas vezes*. No discurso do Mesmo está o discurso do Outro, neste caso o discurso-agente é o discurso que fala da inclusão que está no momento, mas fala de um “antes” no discurso fundamentalista que excluía. *Não tinha mais salvação*. O uso de advérbio de negação, não refere-se apenas a salvação, mas de sair da vida pecaminosa, como é vista no discurso religioso fundamentalista, ou seja, negar a sua sexualidade e identidade desviante, conforme aponta Louro (1997, 2013), mas sim, do ponto de vista, em que Deus, não pode ter sua imagem manchada. A

homossexualidade e outras categorias LGBT são tomadas como erradas, e isso, faz com que a pregação da igreja, induza-os à “conversão”. *Porque a igreja que eu, que eu, frequentava era muito tradicional, então eles, eles pregavam isto em púlpito*, refere-se que em tempo anterior ao seu momento atual, tempos que pertencia a uma igreja fundamentalista, temos então, o discurso do Outro no discurso do Mesmo, *frequentava*, e também, *eles pregavam isto em púlpito*, neste trecho do enunciado, evidencia-se que a prática discursiva era constante em dizer que as outras sexualidades eram tidas como pecados. Enquanto que o enunciado (04), o enunciador destaca questões relacionadas à subjetividade: *Um sentimento, é um sentimento muito horrível, né?* Assegura que a igreja que deveria tratar, cuidar da alma, leva-a para a lama de sofrimentos e inquietações. *um sentimento de angústia, em sentimento de, de, desespero mesmo, de não pertencer, de saber que tem algo errado. Então, na minha adolescência, teve um período que eu até, até, comecei a pensar no suicídio [...]*. O enunciado deixa a marca de si, explicitado pelo pronome ‘eu’. Além de demonstrar que a salvação acabava por não acontecer, a cura espiritual muito menos, mas levava o sujeito a estado de angústia e penúria pelo discurso que apenas excluía e segregação os sujeitos.

Nos enunciados (03) e (04), o enunciador, filia-se ao posicionamento discursivo inclusivo no qual representa seu momento atual, sente-se incluído e acusa a igreja anterior e fundamentalista de promover a exclusão em nome de Deus e da fé. Como pode-se ver no trecho do enunciado (04) *enfrentar a sociedade no modo geral*. Isto é, fala da relação com o seu Outro e, nesse jogo interdiscursivo, que é como se dá a relação polêmica entre dois discursos, em pleno campo de batalha. Assim, podemos perceber como são construídas a subjetividades dos sujeitos com relação a sua sexualidade e identidade de gênero quanto a ser incluído ou excluído na igreja cristã com relação à sociedade moderna, conforme apresenta Touraine (1998, 2006) quando diz: “a religião, a Igreja frente à uma nova sociedade e novas questões dos sujeitos”.

Enunciado: (05)

Houve momentos que eu tive de fato de me afastar da igreja, Senti a necessidade de voltar, de estar, de estar congregando, mas não conseguia em função do preconceito. (O MESMO AMOR, 2013, 2m13s-1min25s). Indira, pastora e fundadora da Igreja Para Todos.

Enunciado: (06)

Sentia assim, como se fosse a pior pessoa... assim... que tivesse ali. Entendeu? porque eu me sentia, assim de verdade, o pior pecador. Porque o que é que eu estava fazendo dentro de uma igreja, se eu tava condenado, entendeu? Eu pensava assim. 2,25-2,42. (O MESMO AMOR, 2013, 2m25-2min42s). Saulo, membro da Igreja Para Todos.

No enunciado (05), Houve momentos que *eu tive de fato de me afastar da igreja*, verbo no tempo passado, indicando o afastamento se deu por conta de conviver com o sentimento de pecado que o levaria à condenação como visto nos trechos: *eu me sentia [...] o pior pecador e Não conseguia em função do preconceito*. E no enunciado (06), temos a expressão *eu me sentia*, assim de verdade, *o pior pecador. o que é que eu estava fazendo dentro de uma igreja, se eu tava condenado*. E a expressão: *Eu pensava assim*. Remete ao tempo passado enquanto membro de uma igreja fundamentalista. Como pode-se ver em seu depoimento, o momento atual, expressa que o discurso inclusivo, fez com que ele percebesse a relevância de sua subjetividade bem como a possibilidade vivê-la e de vivenciar a fé sem preconceitos. Nos enunciados (05) e (06), podemos ver que ... *Não conseguia em função do preconceito*. No discurso religiosos fundamentalista, no qual o preconceito funciona como segregação.

Enunciado: (07)

Uma vez homossexual, eles não podem ter uma igreja, eles não podem se considerar membros, não podem trabalhar, exercer suas atividades dentro da obra de Deus. Para um cristão, o maior orgulho é [subentendida a palavra *dizer*] eu sou cristão!!! Mas isso é vetado ao homossexuais [...]. (O MESMO AMOR, 2013, 2m54s-3m11s). Indira, pastora e fundadora da Igreja Para Todos.

Enunciado: (08)

Então, é o sentimento de punição por algo que a gente não tem o controle, que não foi uma escolha, que não foi uma opção. Até porque, se eu tivesse uma opção, é... alguém fez por mim, por que não fui eu quem fiz... (O MESMO AMOR, 2013, 3m48s-4m02s). Júlio, nome fictício de um membro da Igreja Para Todos.

No enunciado (07), *uma vez homossexual, eles não podem ter uma igreja*. Negação de uma subjetividade de pessoas que vivem uma sexualidade e identidade de gênero transgressora, no sentido de que tal orientação está frontalmente contrária à que a sociedade estabelece como norma, Louro (1997, 2003). Assim também como expressa Foucault (2009) quando ao dispositivo da sexualidade e mais especificamente sobre o silenciamento nos

discurso institucionalmente constituído. Enfaticamente o enunciado que no seu discurso, está em relação intertextual, o discurso do Outro, neste caso, o discurso fundamentalista no qual exclui, em nome da fé, os sujeitos da população LGBT, como pode ser percebida no trecho, ***Mas isso é vetado ao homossexuais....*** Direito de ter uma fé pública e expressá-la como qualquer cristão hetero e cis. Do seu lugar, enquanto enunciador, seu discurso polemiza com o seu Outro, no qual enfaticamente, prega a salvação plena, mas acaba por excluir pessoas LGBT.

E no enunciado (08), ***Então, é o sentimento de punição.*** O enunciador fala de uma subjetividade negada pelo discurso do Outro, no qual enfatiza que toda a forma de sexualidade e identidade não binária seja considerada como pecado. Assim, conforme o discurso religiosos fundamentalista, diz que o sujeito deve mudar, sair da suposta vida de pecado e tornar-se ***uma nova criatura***, neste caso, negar sua subjetividade, e tornar-se um hetero e cis. Como no discurso fundamentalista, a pregação cristã gira em torno da salvação, na qual todos as pessoas devem se converter para alcançá-la. Do seu lugar de enunciador, pertencente a uma igreja cristã inclusiva, na qual a pregação gira em torno da inclusão dos sujeitos da população LGBT, logo, toda a diversidade da sexualidade humana deve ser vista como possível, evidencia-se que no discurso do Mesmo polemiza no aspecto da salvífico. Ao enunciar que o sentimento e o desejo são distintos da norma estabelecida, expressa que não foi sua escolha, que não foi sua opção e que nem tem controle, assim, o enunciador declara ***alguém fez por mim, por que não fui eu quem fiz ...*** Como a pregação cristã enfatiza que Deus criou o homem, subentende-se que tal decisão e/ou opção quem deu foi o próprio Deus. Isto implica no conceito do *imago Dei* já apresentado aqui nesta pesquisa.

Enfim, temos os enunciados (07) e (08), dois discursos, o fundamentalista e o inclusivo, o discurso-agente no qual busca sua legitimidade frente ao discurso fundamentalista que reivindica para si a legitimidade de ser a igreja santa de Deus, no qual devem ser expurgados os pecados. Em contrapartida, o discurso-paciente é afrontado e culpado por negar a subjetividade das pessoas LGBT, e portanto, inclui os sujeitos, declarando que Deus não faz acepção de pessoas. Nas palavras do enunciador, ***eles não podem ter uma igreja.*** O pronome pessoal 'eles', refere-se aos sujeitos da população LGBT, que também o inclui. Enquanto que o discurso fundamentalista exclui alguns, e salva outros, no discurso inclusivo, a salvação é para todos indistintamente.

Enunciado: (09)

Porque se nós formos afirmar que foi Deus que fez, criou o homossexualismo também. Então, espera aí, o que seria da humanidade, então. Você entendeu? Então assim, lógico muitos pregam, pegam um texto, para servir de pretexto, para fazer a vontade da carne. Mas bíblicamente, diante da palavra de Deus, eu não tenho segunda opção, a não ser, ser homem! Porque Deus, Ele não ia errar jamais na sua imagem e semelhança. (O MESMO AMOR, 2013, 4m03s-4min38s). Joide, pastor e ex-travesti.

Enunciado: (10)

É, é... eu pessoalmente acho muito complicado você usar a bíblia pra condenar as pessoas homossexuais. Porque a bíblia foi escrita há muito tempo atrás... Existem certos textos que realmente falam que... Deus não aprova, mas esses textos devem ser estudados, encarados, no tempo foi escritos, a partir da perspectivas que foram escritos. Acho muito complicado você usar esses textos, para você condenar a prática homossexual. (O MESMO AMOR, 2013, 4m51s-5m,24s). Pe. Trasferetti, professor e autor do livro "Homossexuais e a Ética Cristã".

O enunciado (09), o enunciador, partir do posicionamento discursivo exclusivo, argumenta com registro positivo, buscando validar através de texto bíblico, apontado para textos fundadores da bíblia: *Mas bíblicamente, diante da palavra de Deus, eu não tenho segunda opção, a não ser, ser homem!* Remete, portanto, ao texto bíblico fundador de Gênesis 1.27. Já no enunciado (10), na expressão, *usar a bíblia pra condenar as pessoas homossexuais*. Retoma, reinterpretada textos bíblicos, Maingueneau (2000). Assim assevera que determinados textos que realmente falam que Deus não aprova o inclusão dos sujeitos LGBT, mas esses textos devem ser estudados, encarados, no tempo foi escritos, a partir da perspectivas que foram escritos.

Assim, os enunciados (09) e (10), no discurso inclusivo, temos aí a voz do Discurso Excludente. *Ele não ia errar jamais na sua imagem e semelhança*. Retoma o conceito de que Deus fez o homem a sua imagem, e assim sendo, essa imagem não deveria ser maculada. Isto é, que o pecado afasta o homem desse Deus criador, e assim, logo está condenado. E os sujeitos LGBT devem rejeitar sua subjetividade e natureza em função desse pecado que os afasta de Deus e da fé.

Enunciado: (11)

A igreja inclusiva tem esse papel de trazer todas as pessoas. Independente de raça, nível cultural, financeiro... de agregar realmente. E não discriminá-las, ou tolhir, ou

excluir, ou qualquer coisa nesse sentido. (O MESMO AMOR, 2013, 7m39s-7min56s). Indira, pastora e fundadora da Igreja Para Todos.

Enunciado: (12)

O papel não só da igreja inclusiva, mas deveria ser o papel de todo mundo, de toda igreja. É como o nome já diz 'incluir', né? A gente quando fala de igreja inclusiva, ou evangelho inclusivo, é, é, parece uma redundância... Porque a igreja por si só já deveria ter esse papel de incluir a todos [...] (O MESMO AMOR, 2013, 7m56s-8m18s). Vagner, pastor e fundador da Igreja para Todos de Campinas.

No enunciado (11), as expressões: ***igreja inclusiva, e não discriminá-las, ou tolhir, ou excluir, ou qualquer coisa nesse sentido.*** O discurso fundamentalista é acusado no discurso do Mesmo que a possibilidade de reversão e/ou cura para os sujeitos LGBT acaba por promover o preconceito e até mesmo à violência física. Já no enunciado (12), o enunciador salienta o papel de uma igreja inclusiva, que busca promover a efetiva inclusão ao dizer que ***a igreja por si só já deveria ter esse papel de incluir a todos***” E acusa categoricamente que o discurso de exclusão promovido pelas igrejas fundamentalistas promovem preconceitos e discriminações.

Assim, tanto no enunciado (11) quanto no enunciado (12), o enunciador assevera que a igreja fundamentalista deveria também incluir e não acusá-lo de deteriorar a igreja e a fé, ao dizer: ***Porque a igreja por si só já deveria ter esse papel de incluir a todos.*** Nesses enunciados, valida-se a necessidade de legitimação no qual as igrejas inclusivas buscam. Pois como as igrejas fundamentalistas em seus discursos excluem, as igrejas cristãs inclusivas, recebem e os incluem. Apresentando-se de um lado o discurso excludente e de outro lado, o discurso inclusivo.

Enunciado: (13)

Frequentando a igreja, então... agora, eu tenho certeza que eu sou amado por Deus como qualquer pessoa, que eu não sou uma abominação como diziam por aí... que assim, Jesus me ama do jeito que ela ama qualquer um [...]. (O MESMO AMOR, 2013, 1m13s-1min23s). Saulo, membro da IPT.

Enunciado: (14)

A religião não foi feita para condenar ou pra julgar qualquer pessoa. Então todos são acolhidos, porque a essência das religiões, é a prática do amor. Isso que é o mais importante. (O MESMO AMOR, 2013, 16m13s-16m27s). Trasferetti, padre, professor e autor do livro "Homossexuais e a Ética Cristã".

No enunciado, (13) temos a expressão: **não, você é normal**, isso remete ao conceito que o discurso religioso cristão fundamentalista assegura, de que a condição de qualquer sujeito da população LGBT é pecado, é anormal. Em contrapartida, o discurso religiosos cristão inclusivo, reconhece, por meio dos mesmos textos bíblicos (textos fundadores, presentes em outras formações discursivas) que os sujeitos são normais e que nada deve ser consertado e ou/curado, pois não é pecado. E assim, sendo, podem estar na igreja e participar do serviço religioso, ou seja, *Você pode adorar a Deus! e eu não sou uma abominação como diziam por aí*. A ênfase no discurso fundamentalista que diz que respeito, ama; discorda, e por fim, exclui sujeitos da população LGBT, ao afirmar que *Frequentando a igreja, então... agora, eu tenho certeza que eu sou amado por Deus como qualquer pessoa, que eu não sou uma abominação como diziam por aí... que assim, Jesus me ama do jeito que ela ama qualquer um....* No enunciado (15), *a religião não foi feita para condenar ou pra julgar qualquer pessoa. Então todos são acolhidos, porque a essência das religiões, é a prática do amor. Isso que é o mais importante.*

Assim, nos enunciados (13) e (14) o papel que o discurso religioso cristão deve ter na mídia em geral é o de promover a fé que não exclui, mas que acolhe e busca reduzir os preconceitos. Outros espaços discursivos podem ser tomados com relação ao discurso religioso, em novas pesquisas no campo do discurso religioso. Dentre eles, o discurso cristão católicos sobre a temática da sexualidade e identidade de gênero dissidentes. Há enunciados de outros formações discursivas nos quais também reivindicam sua legitimidade, pois os movimentos católicos em prol dos sujeitos LGBT, dentre eles está a "Diversidade Católica"<sup>18</sup>.

### **5.3.2. Folha Universal I/II e Entrevistas Silas Malafaia nos Programas Superpop e De Frente com Gabi**

#### **VOCÊ Aprova?**

---

<sup>18</sup> É um grupo de leigos católicos que procura conciliar a fé cristã e a diversidade sexual e de gênero, promovendo o diálogo e a reflexão, a oração e a partilha, compreendendo que a salvação de Cristo e sua mensagem são para todos, sem distinção. Entende que salvação de Jesus Cristo é a participação no Reino de Deus. Por isso, são levados a partilhar a experiência do amor de Deus junto a todos os fiéis que, em virtude de sua identidade e/ou orientação sexual, frequentemente são afastados da igreja. O movimento Diversidade Católica atua desde 2007, fornecendo subsídios teológicos e pastorais, e promovendo o diálogo, a reflexão, a oração e a partilha. Texto adaptado do site: Disponível em: <http://www.diversidadecatolica.com.br/>. Acesso em: 25 set. 2018.



O Jornal Folha Universal é distribuído pelos fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) gratuitamente em frente às suas igrejas e templos, é sobretudo, um material oficial e informativo da denominação que ocupa grande espaço na mídia brasileira. O jornal é um elemento de materialização de suas doutrinas e ideologias. Seu principal objetivo é formar opinião na sociedade em geral. Assim, o texto apresenta outras vozes que compõem o texto da matéria, todavia, enfatiza termos como "*homossexualismo*", que remete à doença, marcando seu posicionamento ideológico no discurso religioso de igrejas cristãs fundamentalistas.

Na matéria de capa desta edição, a matéria segue com imagem em forma de desenho com duas pessoas do sexo masculino, gerando ideia de um casal gay, em cores que geram memória, remetendo as cores da bandeira brasileira.



Enunciado: (15)

Você aprova? Vídeos e livros em defesa ao homossexualismo serão distribuídos nas escolas públicas e provocam indignação nas famílias brasileiras. A polêmica levantou uma questão: as autoridades têm direito de passar orientação sexual às nossas crianças? (FOLHA UNIVERSAL, 2011, p. 7).

Enunciado: (16)

O Ministério da Educação (MEC) quer que temas como homossexualismo, transexualidade e bissexualidade sejam debatidos nas salas de aula de 6 mil escolas públicas do País entre alunos do Ensino Médio, na maioria adolescentes de 14 a 18 anos, que vão trocar por alguns momentos lições de geografia e matemática por incursões no universo diversidade sexual. (FOLHA UNIVERSAL, 2011, p. 8).

No enunciado (15), discurso fundamentalista, busca uma linguagem parcial, enquanto reportagem jornalística. Mas expressa o discurso no qual a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) está filiado, neste caso o discurso religioso cristão fundamentalista. *A polêmica levantou uma questão: as autoridades têm direito de passar orientação sexual às nossas crianças?* E no enunciado (16), o uso do termo *homossexualismo, transexualidade e bissexualidade*, tem caráter ideológico em iniciar com homossexualismo e não homossexualidade. O trecho do enunciado: *vão trocar por alguns momentos lições de geografia e matemática por incursões no universo diversidade sexual*, expressa uma opinião da FU, e logo, da IURD.

Ns enunciados (15) e (16), o enunciador tenta convencer o enunciatário de uma suposta neutralidade jornalística na matéria, no entanto, o ponto de vista ideológico no texto está latente. Pois o posicionamento religioso quanto à temática em questão é conhecida, pois minimiza a necessidade de tratar de assuntos que causam preconceito e violência na sociedade.

Enunciado: (17)

Entre as críticas, as pessoas lembram que a orientação sexual deveria ficar restrita à influência da família e ao controle dos pais, principalmente num momento em que o setor educacional do País capenga e teria demandas mais prementes. (FOLHA UNIVERSAL, 2001, p. 8).

Enunciado: (18)

O projeto dá aos jovens a chance de se mostrarem como são, das dificuldades que enfrentam ao conviver com o preconceito. O projeto do MEC permite o diálogo, porque vai dar aos jovens a chance de falar sobre a barra pesada que é de encarar o preconceito. (FOLHA UNIVERSAL, 2011, p. 09).

No enunciado (17), a expressão, *as pessoas lembram*, representa as vozes de outros que reivindicam para si, pois é um jornal oficial da IURD, ideologia em rede de comunicação da igreja, pressupõe uma aparente parcialidade. No entanto, os argumentos são favoráveis à ideologia da IURD, logo ao conceito que pretende passar para seus fiéis e outras pessoas alcançadas por sua mídia. Já no enunciado (18), o enunciador o dizer, *encarar o preconceito*, parece buscar meios para amenizar o real preconceito existente na sociedade. O sentido está mais relacionado, ao discurso da IURD, no qual busca converter, curar sujeitos LGBT, mas fortalece a ideia de negação de suas subjetividade para não receber o preconceito.

Assim, podemos perceber que nos enunciados (17) e (18), o locutor, ao enunciar, atualiza uma outra voz para depois denegá-la. Se, característico do discurso do Outro no Mesmo. Busca-se a aparente imparcialidade, mas ao falar da temática, encontramos deslizamentos, nos quais recaem na ideologia manifestada da IURD quanto às sexualidades e identidades de gêneros, como podemos ver, *ao conviver com o preconceito e encarar o preconceito*. Entre algumas vozes, presentes no discurso do Folha Universal, ressaltamos o de Clara Goldman, vice-presidente do Conselho Federal de Psicologia, órgão que deu parecer positivo para elaboração do projeto, o material que seria distribuído pelo Ministério da Educação para dar credibilidade ao posicionamento discursivo da IURD.

Enunciado: (19)

Não é exatamente o que pensa uma significativa parte das famílias brasileiras que se manifestou contra o projeto pela internet. A polêmica está escrita no quadro negro. (FOLHA UNIVERSAL, 2011, p. 09).

No enunciado (19), a expressão, *quadro negro*, apesar que geralmente o uso do termo é para a lousa, bem conhecida por alguns como quadro, não obstante falar em educação, a expressão no enunciado parece remeter à idéia negativa, pois a associação da cor preta com coisas ruins, acaba por ressaltar como pecado, a orientação sexual e identidade de gênero dissidente. Isto é, o cenário de pecado, por entender a necessidade de amadurecer a sociedade contra os males do preconceito. Se intitula em falar em nome de um país, pelos brasileiros, através do um discurso religioso fundamentalista que promove segregação e preconceitos.

## ALGUÉM Acreditou Neles. Folha Universal

Na matéria de capa, o texto segue com imagens que figuram três pessoas que supostamente mudaram sua orientação sexual ou mudaram sua identidade de gênero (*antes e depois*), gerando uma imagem que supostamente alguém pode reverter sua condição, que numa linguagem cristã fundamentalista, expressa a chamada, conversão religiosa ou 'conversão espiritual. As palavras estão em cor branca e o fundo de cor preta, aludindo, a idéia que as pessoas ali representadas com indicação de *antes e depois*, saíram, da escuridão para a luz (possivelmente imprimindo a possibilidade de "se converter", indicaria aí, a suposta cura gay. Apesar de não está citado, está presente em linguagem intersemiótica.



Enunciado: (20)

Alguém acreditou neles. Conheça histórias impressionantes de pessoas que eram desacreditadas pela sociedade, mas conseguiram mudar de vida. (FOLHA UNIVERSAL, 2014, p. 04).

No jogo das palavras *acreditou* versus *desacreditadas* no enunciado (20), o locutor no jornal induz ao interlocutor a ter a ideia que Jesus creditou, a igreja acreditou em detrimento de uma sociedade que não acredita nesses sujeitos e que os vítima. Assim igreja deixa de reconhecer as violências efetivamente sofridas pelos sujeitos da população LGBT e acusa que no discurso inclusivo, os sujeitos LGBT não tem a suposta fé verdadeira que possibilita mudar e ser acreditado na sociedade.

No enunciado, a palavra destacada, *impressionantes*, pode ser entendida como milagre<sup>19</sup>, suposta ação milagrosa, miraculosa. Conceito de salvação, de milagre por mudar ou converter alguém pregado pelas igrejas, mudar de uma situação ruim, neste caso, do pecado para uma situação boa, ou melhor. Assim, retoma conceito de pessoas que eram desacreditadas pela sociedade, mas conseguiram mudar de vida. Vê, portanto, no fragmento a negação do sujeito da população LGBT em nome de Deus e em nome da fé.

Enunciado: (21)

A mudança é interior. Em comum, todas essas pessoas carregava um vazio que as conduzia a um futuro triste e sem esperanças. Pareceu familiar? É porque é exatamente assim que milhões de pessoas se sentem hoje. (FOLHA UNIVERSAL, 2014, p. 04).

Enunciado: (22)

Já dizia a tradição hebraica: 'Quem salva uma vida, salva um mundo inteiro'. Até 2013, milhões de mundos foram salvos com a ajuda da Universal. E que venha 2014, afinal, o universo é infinito. (FOLHA UNIVERSAL, 2011, p. 07).

No enunciado (21), *A mudança é interior*, alude a ideia de possibilidade de reversão e/ou cura. Assim como pode-se ver: *carregava um vazio que as conduzia a um futuro triste e*

---

<sup>19</sup> Milagre (lat. *miraculum*: prodígio, maravilha: de *mirare*: admirar-se). 1. Fato extraordinário, inesperado e Inexplicável pelas leis naturais. Fenômeno excepcional que ocorre por força da ação direta de Deus e, por esse motivo, possui um significado religioso especial; 2. Tradicionalmente, a discussão filosófica acerca da ocorrência de milagres envolve dois problemas inter-relacionados: a) se Deus continua a intervir diretamente no mundo após a sua criação: b) se o caráter necessário das leis naturais se aplica também a Deus, ou se Este pode alterá-las (ABBAGNANO, 2007, p. 670).

*sem esperanças*. Os sujeitos da população são vitimados e ainda culpados pela sua condição. Já no enunciado (22), o enunciador, o editor da FU, se faz valer em citação da tradição hebraica, para conferir autenticidade em seu argumento, o texto do Antigo Testamento foi escrito em sua maioria em hebraico. E na expressão: *Quem salva uma vida, salva um mundo inteiro*. quer imprimir no leitor a possibilidade de salvação, asseverando que a homossexualidade e outras categorias é pecado, tomado como um mal a ser curado. Assim, os enunciados (21) e (22) remetem ao discurso religioso cristão fundamentalista que exclui os sujeitos LGBT e não reconhece a sua subjetividade.

Ressignifica o enunciado *quem salva uma vida, salva um mundo inteiro*, apesar de não ser bíblico, mas sabemos que o surgimento da religião cristã, é de origem judaica e que segundo a interpretação literal e fundamentalista da bíblia, utiliza-se de expressões de que o mundo precisa ser salvo do pecado. Nesse caso, as sexualidades e as identidades de gêneros dissidentes não são tomadas como uma possibilidade e uma construção sócio-histórica, mas como algo ruim que deve ser perdoado, consertado, mudado.

As palavras no enunciado, Universal, universo e infinito, falam muito mais da missão da IURD, ênfase no seu discurso fundamentalista, aludida em seus meios de comunicação oficial como é o caso de a Folha Universal, seu arsenal midiático, longe de querer dizer de um mundo diverso e entender as subjetividades dos sujeitos da população LGBT.

### **Superpop - Luciana Gimenez (1:14:39)**

O entrevistado, Pr. Silas Malafaia, está presente na mídia em geral, é teólogo, psicólogo. Dentre algumas temáticas que o entrevistado considera como problemas para os princípios cristãos estão o aborto, o segundo casamento, os ativistas gays, e sujeitos da população LGBT. Dentre eles, questões que envolvem as sexualidades, sobretudo, as sexualidades dissidentes e as identidades de gênero dissidentes para além da heteronormatividade e cisnormatividade.

Tece críticas às teologias mais recentes, quanto às origens dos *negros (continente africano amaldiçoado)* e das maldições. Durante a entrevista, fala num tom de oratória discursiva, às vezes parecendo estar num púlpito de uma igreja, pregando para seus fiéis. Enfatiza seus argumentos sempre a partir de textos bíblicos (textos fundadores,

enunciados/discursos) e destaca muito mais o biblicismo e a teologia bíblica em detrimento de outras teologia possíveis.

Enunciado: (23)

[...] o artigo 20, parágrafo quinto dessa lei, diz o seguinte: 'se um homossexual sentir constrangimento filosófico, escuta essa, fi-lo-só-fi-co, ético, o tal que levou ao constrangimento filosófico, 3 a 5 anos de cadeia! Agora vamos para o artigo quinto da Constituição brasileira, 'ninguém será privado de direitos por convicções filosóficas, políticas e religiosas', então quer dizer que se um gay sentir constrangido filosoficamente me bota na cadeia de 3 a 5 anos, e ele quer dizer que essa lei não protege. Cê (Você) sabe qual é a verdade? eles não suportam o questionamento de opinião, o que está em jogo, o que está em jogo, Luciana, o que está em jogo, nas nossas... no nosso país, 'patrulhamento ideológico'. Foram ver o que Marcos Feliciano falou dentro da igreja, um local protegido pela Constituição, inviolável, crença é inviolável, tão monitorando o que o cara tá falando. Então quer dizer que direitos humanos é só pra eles? Pra falar o que querem? (SUPERPOP, 2013, 25m26s-26m40s).

No enunciado (23), o entrevistado, o enunciador, ao ser perguntado sobre a PL 122, projeto de lei que buscava proteger pessoas LGBT contra seus direitos que são violados, enfatizou: *Então quer dizer que direitos humanos é só pra eles?* Na expressão, *o tal*, funciona como uma maneira depreciativa para falar de um sujeito na terceira pessoa. Outra expressão é, *um gay sentir constrangido filosoficamente* deixa de reconhecer as violências sofridas pelo LGBT. Assim, o enunciador questiona os direitos reivindicados pelas atividades dessa população com relação aos seus direitos que vão ao encontro de atender necessidades para esse segmento da população que estão desprotegidos por leis, sendo vitimados de diversas formas de violências físicas, psicológicas e emocionais que, de certa forma, gera e nutre o preconceitos aos sujeitos da população LGBT, como pode ser visto: *Então quer dizer que direitos humanos é só pra eles?*

Enunciado: (24)

O nosso problema não está na lei, está na aplicação dela, tem lei pra proteger homossexual e heterossexual, O resto pra mim é blá-blá-blá... Já tem lei. Agora, deixa eu te falar qual é o jogo, desculpa, Luciana (interrompe) eu separo homossexuais de ativistas gays, os ativistas gays querem que o Brasil seja homofóbico, sabe pra quê? para mamar na tetas de governos e estátais, é pra isso! (SUPERPOP, 2013, 33m9s-34m2s).

Enunciado: (25)

Jesus ama a todos, mas o mesmo Jesus que ama a todos, esse Jesus que ama a todos, ele fala de inferno, ele fala de condenação, então é... muito cuidado... então deixa eu falar uma coisa aqui que eu tava ouvindo... eu desafio aqui alguém provar qual foi o evangélico que bateu num homossexual, que deu um soco num homossexual, que xingou um homossexual [...] (SUPERPOP, 2013, 42m40s-43m10s).

No enunciado (24), destacamos um trecho que diz: *tem lei pra proteger homossexual e heterossexual, o resto pra mim é blá-blá-blá. e separo homossexuais de ativistas gays” os ativistas gays querem que o Brasil seja homofóbico, sabe pra quê? para mamar na tetas de governos e estatais, é pra isso!”*. Após matéria sobre casamento gay, direitos .... casal lésbico e sua busca pelo planejamento do casamento... *O resto pra mim é blá-blá-blá... Jesus que ama a todos, ele fala de inferno, ele fala de condenação*. E no (25), *eu desafio aqui alguém provar qual foi o evangélico que bateu num homossexual, que deu um soco num homossexual, que xingou um homossexual....* Só entende a violência como física.

Nos enunciados (24) e (25) o enunciador quer assegurar que Deus ama o pecador, mas aborrece o pecado. O discurso religioso cristão fundamentalista, reforça que as sexualidades e identidades de gênero dissidentes são anormais e tomadas como pecado. É uma asseveração para dizer que em nome de Deus. Assim, como Deus fala na Bíblia, e neste tipo de discurso. Toda a forma de sexualidade fora da considerada normal para a sociedade deve ser ignorada.

As violências não são apenas físicas, mas, na maioria das vezes, as violências são simbólicas, ideológicas (religiosas), mascaradas na linguagem, no discurso de ódio, e portanto, pode ser o meio pelo qual encontra fortalecimento que favoreça as violências físicas também. Assim, deixa de reconhecer direitos civis, humanos para os sujeitos da população LGBT.

Enunciado: (26)

[...] pra mim casamento é homem e mulher, o resto é par. (SUPERPOP, 2013, 45m14s-45m16s).

Enunciado: (27)

[...] se você quer à luz da teologia, vai! A Bíblia diz que vai. 1 Coríntios 6.9, 10, a Bíblia diz que vai, Romanos capítulo 1, a Bíblia diz que vai, se quiser entrar na teologia, eu tou aí [...]. (SUPERPOP, 2013, 45m31s-45m33s).



No enunciado (26), o enunciador assevera que o *casamento é homem e mulher* e complementa ideia afirmando que *o resto é par*. A expressão no enunciado, é pelo menos, repetida pelo menos umas cinco vezes. Efeito de retórico de reiterar a ideia, neste caso, refere-se ao texto de Gênesis 1.27. E no enunciado (27) se vale da expressão *à luz da teologia* a fim de dar caráter científico e autoridade a sua fala. *A bíblia diz que vai*. silenciamento de palavras, mas vistas no texto bíblico, de 1 Coríntios 6.9, 10, e de Romanos 1. Assim, na expressão, *se quiser entrar na teologia*, indica que a voz discursiva não é sua, mas afirma aí, que é sim, a voz de Deus. Como o discurso religioso em que Deus quem fala através de seus instrumentos. Textos que funcionam como textos/discursos constituintes. Segundo interpretação hermenêutica literalista e fundamentalista, que é pecado.

Os enunciados (26) e (27) categoricamente, indica que há no discurso religioso cristão fundamentalista um caráter que exclui. Pura e simplesmente pela interpretação literalista e que coloca como se Deus que assim que o quer. O texto citado é o de 1 Coríntios 6:9,10 que diz: *Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos [...], nem os efeminados, nem os sodomitas, [...] herdarão o reino de Deus.* É sobretudo, um texto fundador, Maingueneau (2004), discursos constituintes.

A expressão usada *vai*, uma maneira informal, específica da língua falada, em especial no programa de entrevistas como no caso do programa de Luciana Gimenez. A expressão insinua que o entrevistado tem mais algo por falar. Se a crítica é feita a ele, reforça a ideia de que não ele quem diz, mas a bíblia, ou o próprio Deus. Ressalta assim, que de fato, nesse tipo de discurso, o Sujeito quem fala é Deus e que no discurso religioso é a voz de Deus. Reitera que seu discurso está filiado à um conceito fundamentalista que considera o caráter pecaminoso de uma sexualidade e identidade de gênero diferente daquela que a sociedade considera normal e certa. Uma citação indireta, alusiva possivelmente o texto que se refere a Romanos 1:25-28, vejamos:

Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém. Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm.

Após matéria jornalísticas sobre a adoção de filhos por casais homossexuais e/ou pessoas da população LGBT. O casal Pr. Marcos Gladstone e Fábio fundadores de uma igreja inclusiva, a Igreja Cristã Contemporânea.

Enunciado: (28)

Essa questão de gay criar criança, é de agora, toda a história do ser humano tem homossexualismo, toda a história, toda a história do homem. Entrevistadora corrige: homossexualidade [...] homossexualismo! homossexualidade é uma condição, eu não acredito que é uma condição, homossexualismo é um comportamento, é por isso que eu chamo de homossexualismo, não chamo de homossexualidade; então é homossexualismo. (SUPERPOP, 2013, 56m09s-56m34s).

Enunciado: (29)

Deus na terra só criou duas instituições: família e igreja. deus não criou mais nada aqui na terra, a família e a igreja. Toda a história da civilização humana até aqui é construída, o homem e uma mulher e sua prole, isso é antropológico e sociológico. (SUPERPOP, 2013, 56m40s-56m58s).

No enunciado (28), faz-se o uso de trocadilho entre duas palavras que não são sinônimas: homossexualismo e homossexualidade. Afirmção retórica quanto à preferência de um termo por outro, pois tal preferência recai nos conceitos englobados no aspepsia do termo. Trata-se, portanto, de uma escolha lexical, no qual o conceito que está por trás do termo, evidencia-se semanticamente o seu pensamento ideológico. *homossexualidade é uma condição, eu não acredito que é uma condição, homossexualismo é um comportamento.* Reiterado o termo que violenta os direitos da população LGBT e ao mesmo tempo com discursos que incitam à violências. O enunciado (28), demonstra a preferência do enunciador pelo uso do termo, como escolha lexical, *homossexualismo*, em detrimento do uso do termo homossexualidade quando diz: *homossexualidade é uma condição, eu não acredito que é uma condição, homossexualismo é um comportamento, é por isso que eu chamo de homossexualismo, não chamo de homossexualidade; então é homossexualismo.* Já dito aqui nesta pesquisa que o termo homossexualismo é tomado como doença e deve ser substituído pelo termo homossexualidade e quanto ao termo de um *um comportamento*, indicaria aí, a possibilidade de reversão.

E no enunciado (29), “duas instituições: família e igreja” A Igreja é a noiva de Cristo. Reafirma a binaridade macho e fêmea quando diz: *o homem e uma mulher* e dar um caráter de estudos da antropologia e da sociologia. Assim os enunciados (29) e (30) assumem o papel

do discurso fundamentalista em detrimento do discurso inclusivo. Reafirma que as sexualidades devem ser normatizadas como a heterossexualidade e cisnormatividade.

Assim, os enunciados (28) e (29), evidenciam que no discurso religioso fundamentalista, o Outro no Mesmo. que o discurso inclusivo é acusado de “corromper a fé” e aceitar pessoas que estão em pecado. Cita o texto de Gênesis 1.27 (da versão Almeida Revista e Corrigida, uma versão mais literalista, geralmente mais usada pelos cristãos fundamentalistas): *E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.* (ARA, Almeida Revista e Atualizada - Esta é a versão que eu cito em todos os lugares do meu texto). Afirmação e manutenção da binaridade sexual, sustentada pela norma impositiva da sociedade em detrimento de novas e outras sexualidade e identidades de gênero, Guacira Louro (1997, 2013).

#### **De Frente com Gabi - Marília Gabriela (44:45)**

O entrevistado é o Pr. Silas Malafaia, fundador e presidente da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Vitória em Cristo. No programa de entrevista, apresenta-se uma breve apresentação do entrevistado, destacando sua presença na mídia em geral e de seu papel como influenciador. Durante a entrevista, em alguns momentos o diálogo entre a entrevistadora e o entrevistado tomou um embate bem polêmico, e por vezes, com tom bem elevado, parecia estar em uma disputa em um ringue. Os conceitos de um discurso religioso cristão fundamentalista e do discurso religioso cristão inclusivo, porque a entrevistadora parte de um conceito de sociedade moderna, novos arranjos de família etc. Questões favorecem o discurso religiosos cristão inclusivo, e conseqüentemente, favorecem aos sujeitos da população LGBT.

Enunciado: (30)

Deixa eu falar uma coisa sobre essa questão de homossexualismo (ENTREVISTADORA INTERPELA, '-dade, homos-se-xualidade'. Isso, obrigado, deixa eu te falar uma coisa, primeiro, ninguém nasce gay, o homossexualismo é um comportamento [...]. (DE FRENTE COM GABI, 2013, 18m29s-18m41s).

Enunciado: (31)

Toda história da civilização humana, toda história! O que eu estou te falando é antropológico, sociológico e teológico. toda história da civilização humana está sustentada em um homem, uma mulher e a sua prole. (DE FRENTE COM GABI, 2013, 29m8s-29m20s).

No enunciado (30), temos o uso do sufixo *ismo* e o sufixo *dade*: ISMO de caracterização de doença (pode ser física, mental e/ou espiritual). É, a partir, dessas considerações que argumentam que a homossexualidade e outras formas de sexualidades, além das identidades de gênero sejam doenças, possíveis de serem curadas, mudadas. Marília Gabriela entrevistadora, alude, em sua entrevista com argumentos que no discurso religioso, compreenda a nova sociedade, igualitária, que reconheça a diversidade da população LGBT, assim, um discurso cristão que seja inclusivo. Na expressão, *ninguém nasce gay, o homossexualismo é um comportamento*. Categoricamente para o discurso fundamentalista cristão, o *homossexualismo é um comportamento*, possível de ser mudado. Já dito neste trabalho, em outros enunciados quanto à preferência do termo, entretanto, frisamos a manutenção do predicativo na frase *comportamento*, para além da psicologia, esse comportamento tem muito mais valor espiritual, por que todo comportamento aprendido e considerado pecado, deve ser mudado, neste caso, a homossexualidade e outras categorias LGBT, seriam tomados como um comportamento pecaminoso, logo passível de conversão. E também no enunciado (31), o enunciador defende seus argumentos, fazendo com que seu interlocutor, tenha a impressão que seu conhecimento é embasado em várias áreas do conhecimento nas ciências humanas e sociais, como visto na expressão, *antropológico, sociológico e teológico*. Reforça que a história da civilização humana: *um homem, uma mulher e a sua prole*. Nesta entrevista acrescenta a área de conhecimento “teológico”, pois afinal de contas, como já dito nos capítulos teóricos, não distinguimos o discurso religioso do discurso teológico. Os enunciados (30) e (31) remetem à ideia que a pregação cristã, todo discurso religioso, se origina da bíblia, e ela está acima de qualquer conhecimento humano para os cristãos. E, geralmente, tendenciosamente, a interpretação sempre toma contornos literalistas e fundamentalistas.

Referindo-se a Deus "Que o meu, (subindo créditos do programa) que nao sei se é o mesmo seu, te perdoe! [*abre sorriso*] (DE FRENTE COM GABI, 2013, 44m20s-44m31s). Marília Gabriela, Entrevistadora do Programa De Frente com Gabi, SBT. O perdão acontece para aquilo que é considerado pecado, mas esse perdão, refere-se, sobretudo, à salvação, o papel de Jesus enquanto Salvador, e o papel da Igreja enquanto local dos salvos, livres do pecado.

Na verdade, o pecado é o preconceito que nas linguagens cristãs fundamentalistas, incitam à violência, ideologicamente simbólica, e muitas vezes, físicas. Diversamente do

discurso religiosos cristão inclusivo que reinterpreta e traduz o discurso fundamentalista e suas categorias próprias, afirmando que todos os sujeitos, quer hetero e cis quero os outros sujeitos da população LGBT sejam incluídos, e não visto como aberrações, mas dignos de seu amor sem necessidade de mudança alguma. Pois todos são aceitos!

### 5.3.3. Sites das ICMs:

O termo Igreja<sup>20</sup> é também utilizado pelas novas igrejas surgidas no final do século XX, as chamadas igrejas gays, igrejas inclusivas, ou preferencialmente, por Musskopf (2003, 2008), de igreja queer, por considerar a historicidade dos sujeitos e trazer uma leitura da bíblia a partir dos estudo da Teoria Queer. E é por isso que as novas igrejas, reivindicam para si, a mesma legitimidade das demais igrejas cristãs não inclusivas.

Mateus 16:18, 19: *Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; e eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.* O texto aludido por Althusser (1985) sobre a ideologia da igreja cristã, e teologicamente, o estabelecimento e fundamento da Igreja. Igreja na qual se legitima enquanto a igreja de Deus e sua porta voz.

Os lemas, quando adaptados por países ou organizações da sociedade condensam valores comuns que justificam uma ação comum. A palavra "lema" vem do grego λήμμα (*lémma*), que significa algo recebido, ganho, como um presente.

As igrejas inclusivas sempre utilizam de algum símbolo religioso do próprio cristianismo, mas todavia, empregando novos significados de forma a agrupar simioses numa linguagem verbo-visual. Isso acontece nos símbolos do peixe, da cruz, dentre outros. Uma dessas é a utilização da bandeira multicolorida mundialmente conhecida do movimento LGBT que demonstra as ações do movimento em prol dos direitos sociais, civis, e agora também, religiosos.

A Igreja da Comunidade Metropolitana traz como mote o seguinte enunciado, *A Igreja dos Direitos Humanos*, no qual já traz consigo os conceitos ideológicos da fé cristã, expressado por uma igreja inclusiva. A ICM é uma igreja que milita nos movimentos sociais, mais especificamente, aos que referem-se aos direitos da população LGBT, e por isso mesmo,

---

<sup>20</sup> A teologia cristã discute onde e como surgiu a igreja e qual o seu papel na sociedade em nome de Deus e na pessoa de Jesus - elemento importantíssimo de sua legitimidade - argumento dede os pais apostólicos e os pais da igreja, originária do termo grego εκκλησία, que tem o sentido de assembleia, reunião.

nesse enunciado já alude à necessidade de inclusão dessa população, garantindo-lhes direitos. A ICM faz parte de comitês ligados aos órgão do Direitos Humanos e se legitima enquanto uma instituição divina, posicionando-se tal qual uma igreja fundamentalista, como aquela que segunda a passagem bíblica recebeu credenciais enquanto Igreja de Deus. Isto é, relevância num ponto teológico imprescindível no entendimento do seu papel e de sua dimensão.

Enunciado: (32)

A Bíblia tem sido usada através dos tempos para posturas homofóbicas. As interpretações tradicionais levam a uma visão heterocêntrica, sendo responsável por uma série de preconceitos acerca da diversidade sexual humana, destruindo vidas. Assim com foi usada para defender a escravidão, racismo, inferiorização da mulher e outros preconceitos. (Site da ICM, 2018 *on line*).

Enunciado: (33)

Observamos que a Bíblia reflete uma moral da sexualidade de forma patriarcal. À primeira vista e sob uma análise superficial, encontramos na Bíblia “provas” de que a homossexualidade é uma prática pecaminosa. Nela encontramos atos homogenitais e não homoafetivos, realizados em ambiente Cultural e cultural. (Site da ICM, 2018 *on line*).

No enunciado (32), *as interpretações tradicionais levam a uma visão heterocêntrica, sendo responsável por uma série de preconceitos acerca da diversidade sexual humana, destruindo vidas*. Duas considerações a serem feitas: 1) que a interpretação fundamentalista bíblica do discurso é literalista, e 2) de forma inconsequente ou não, o discurso do Outro no Mesmo, o discurso inclusivo, busca uma interpretação focalizando o sujeito em situação histórica. Isto faz caracterizar que no discurso inclusivo, o sujeito LGBT, vive vida religiosa em que reconhece sua individualidade e subjetividade. Assim com *foi usada para defender a escravidão, racismo, inferiorização da mulher e outros preconceitos*.

Já no enunciado (33), *a Bíblia reflete uma moral da sexualidade de forma patriarcal* é um texto mais argumentativo que retoma os conceitos que Foucault (2009) aludiu em seus trabalhos sobre a história da sexualidade. Também no enunciado, o enunciador acusa o discurso da igreja fundamentalistas de excluir os sujeitos LGBT em nome de Deus, da fé e da Igreja, ao afirmar: *encontramos na Bíblia “provas” de que a homossexualidade é uma prática pecaminosa*. Como vimos em Maingueneau (2000) ao falar dos Discursos constituintes, retoma os textos bíblicos em cadeias interdiscursiva. As tais *provas* nos quais o

discurso fundamentalista traduz, no discurso inclusivo, destaca entre aspas, pois na expressão, *prática pecaminosa*, o enunciador do discurso inclusivo, um traduz o seu Outro conforme a sua formação discursiva. Isto é, que cada discurso está filiado a um posicionamento discursivo. Asseveração da apologética cristã, aludindo ter “*provas*” de que a *homossexualidade é uma prática pecaminosa*. Aqui como o discurso inclusivo M+ fala de si, o discurso do Mesmo, e como o discurso inclusivo traz o seu Outro, acusado-o de afirmar que as sexualidades dissidentes *é uma prática pecaminosa*. Traduzindo o seu Outro nas categorias de registro negativo no discurso do Mesmo.

Nos enunciados (32) e (33) vê-se como a relação intertextual/interdiscursiva está presente nos enunciados do discurso inclusivo, pois ao retomar os textos bíblicos (retorna aos textos fundadores). Essa relação interdiscursiva, fornece um caráter polêmico em que cada enunciador traduz o seu Outro conforme o seu posicionamento discursivo.

O texto de Romanos, 1:18-32, usado no discurso fundamentalista como uma das “*provas*” para condenar a homoafetividade e outras categorias da população LGBT, é o único que menciona relações entre mulheres, uma expressão lésbica da sexualidade. Todas as vezes que a Bíblia cita explicitamente atos homogenitais, o faz sem qualquer relação a compromisso afetivo entre partes envolvidas.

Enunciado: (34)

re-significar o conceito "igreja". Re-significar não é propriamente fundar um novo conceito, mas buscar, talvez, o conceito já posto, contudo, pervertido nos nossos dias. Aqui não usamos o conceito de igreja como "cada crente uma igreja", mas o entendimento de igreja como denominação. (Site da ICM, Vitória, 2018 on line).

Enunciado: (35)

Todos e todas devem se sentir livres para expressar sua fé e vivê-la intensamente no coletivo da igreja, depois de re-significar o conceito de igreja para curar as possíveis doenças trazidas das igrejas anteriores, inclusive aqueles que vêm de "igrejas inclusivas" que não passam de reproduções das velhas e carcomidas igrejas que já temos por aí, com o diferencial de aceitar pessoas LGBT. (Site da ICM, Vitória, 2018 on line).

Enunciado: (36)

'Inclusiva' é um adjetivo que não é sinônimo de "igreja gay" ou "igreja para gays". No propósito de ser inclusiva está contido o objetivo de abarcar numa harmonia a diversidade humana, não apenas a diversidade das orientações sexuais, mas a diversidade étnica, social, política e econômica. (Site da ICM, Vitória, 2018 on line).

No enunciado (34), *re-significar o conceito "igreja"*, igreja aqui, é entendida como corpo espiritual de relação religiosa entre os homens e Deus da voz de Deus, pois no discurso religioso, é Deus quem fala aos sujeitos, Althusser (1985). Deus é o fundador da igreja. A legitimidade na representação já posto nesta pesquisa que para si a mesma legitimidade frente à igrejas tradicionais/fundamentalista. Quanto ao termo igreja que as igrejas inclusivas, reivindicam com o fato de re-significar não é propriamente fundar um novo conceito, mas buscar, talvez, o conceito já posto, contudo, a expressão, *perversão nos nossos dias* é usada no sentido de traduzir o Outro, neste caso, o discurso fundamentalista pelo fato de aceitar e incluir pessoas da população LGBT, reconhecendo sua subjetividade. pecado, errado, perversão. Aqui não usamos o conceito de igreja como "cada crente uma igreja", mas o entendimento de igreja como denominação.

E no enunciado (35), *livres para expressar sua fé e vivê-la intensamente no coletivo da igreja*. O ato de entender a bíblia por outra ótica. O re-significar o conceito de igreja para curar as possíveis doenças trazidas das igrejas anteriores, inclusive aqueles que vêm de "igrejas inclusivas" que não passam de reproduções das velhas e carcomidas igrejas que já temos por aí, com o diferencial de aceitar pessoas LGBT.

Já no enunciado (36), refere-se ao termo *Inclusiva* que é um adjetivo que não é sinônimo de "igreja gay" ou "igreja para gays". Pois seu propósito, é de ser inclusiva e já está contido o objetivo de abarcar numa harmonia a diversidade humana, não apenas a diversidade das orientações sexuais, mas a diversidade étnica, social, política e econômica. No enunciado (36) 'Inclusiva' é um adjetivo que não é sinônimo de "igreja gay" ou "igreja para gays". No propósito de ser inclusiva está contido o objetivo de abarcar numa harmonia a diversidade humana, não apenas a diversidade das orientações sexuais, mas a diversidade étnica, social, política e econômica.

Assim, nos enunciados (34), (35) e (36), as palavras Igreja, igreja inclusiva e perversão, retomam aos semas dos traços semânticos positivos da grade semântica no discurso inclusivo, isto é, das categorias do discurso inclusivo, o discurso do Mesmo. Assim, *inclusiva está contido o objetivo de abarcar numa harmonia a diversidade humana, não apenas a diversidade das orientações sexuais, mas a diversidade étnica, social, política e econômica.*



Enunciado: (37)

Aceitar a diversidade humana e juntar os mais variados sujeitos numa harmonia requer a quebra dos mais variados tipos de preconceitos: sexual, econômico, político, étnico-racial, de origem, de gênero etc. Harmonizar não é plastificar, tornar tudo igual, mas conviver com a diferença, superando-a pela quebra dos preconceitos, verdadeiros muros que separam pessoas, no entendimento que tais diferenças nos enriquecem ao invés de nos separar. (Site da ICM, Vitória, 2018 on line).

Enunciado: (38)

Não é possível criar uma igreja como espaço seguro e saudável de adoração e comunhão se os pressupostos dogmáticos e exegéticos forem os mesmos *das igrejas fundamentalistas*. É preciso aqui também uma re-significação da Bíblia e um novo olhar sobre este conjunto de livros. Imitar as igrejas fundamentalistas em todas essas coisas, somente dando uma roupagem "inclusiva" (leia-se LGBT) a elas, não fará das nossas igrejas uma igreja inclusiva de fato, quanto mais um local seguro e saudável de adoração. (Site da ICM, Vitória, 2018 on line).

No enunciado (37), o enunciador vê a relevância de uma igreja inclusiva em ***aceitar a diversidade humana***. Aceitar significa incluir e não excluir. O enunciador do ponto de vista do discurso inclusivo, acusa o discurso fundamentalista de promover a exclusão. Na expressão, ***igreja inclusiva***, o caracterizador, que chamamos na gramática de adjetivo, dá ao termo igreja, novo significado, marca, portanto que no discurso inclusivo, a igreja deve incluir e buscar a superação de preconceitos. E em outra expressão: ***a quebra dos mais variados tipos de preconceitos: sexual, econômico, político, étnico-racial, de origem, de gênero etc.*** Já no enunciado (38), ***os pressupostos dogmáticos e exegéticos forem os mesmos das igrejas fundamentalistas***. Esse é o objetivo de criar uma igreja como espaço seguro e saudável de adoração e comunhão. Ainda no trecho: ***uma re-significação da Bíblia*** que pressupõe um novo olhar sobre este conjunto de livros. Imitar as igrejas fundamentalistas em todas essas coisas, somente dando uma roupagem "inclusiva" (leia-se LGBT) a elas, não fará das nossas igrejas uma igreja inclusiva de fato, quanto mais um local seguro e saudável de adoração.

Os enunciados (37) e (38) ressignificar a fé cristã, a fim de ser uma instituição humana e 'divina', mas que vê no sujeito LGBT, filiação. A superação dos preconceitos pelo conhecimento que liberta. a tentativa de plastificar as diferenças, tornando igual o que é diferente, como se isso fosse possível. Estabelecer o que é ético, evitando os falsos moralismos.

Enunciado: (39)

Uma igreja não pode ser chamada de inclusiva se sua práxis não observa o mandamento do amor conforme Jesus nos ensinou. Aliás, igreja para ser igreja, não pode partir de outro pressuposto senão aquele dado pelos apóstolos, contido no Novo Testamento, a Escritura da Igreja. (Site da ICM, Vitória, 2018 on line).

Enunciado: (40)

Re-significar é o verbo por excelência para a construção de um espaço seguro e saudável de adoração e comunhão. O amor é o alicerce. O respeito o cimento. A diversidade o tijolo. Tudo isso sob o teto da Escritura que é a bússola da comunidade de fé cristã, sua regra de fé e prática. A beleza dessa construção está garantida, bem como sua solidez, se tudo isso for firmado na Rocha, Jesus de Nazaré, que nos ensinou a mais correta das condutas: amar. (Site da ICM, Vitória, 2018 on line).

No enunciado (39), a expressão “Uma igreja não pode ser chamada de inclusiva se sua práxis não observa o mandamento do amor conforme Jesus nos ensinou.” Aliás, igreja para ser igreja, não pode partir de outro pressuposto senão aquele dado pelos apóstolos, contido no Novo Testamento, a Escritura da Igreja. A construção da igreja inclusiva como espaço seguro e saudável de comunhão e adoração, requer de nós uma desconstrução total das carcomidas e velhas opiniões e pretensiosas certezas e isso requer esforço comum e coletivo e muito muito estudo! Contudo, se cultivarmos apenas o saber, de nada nos adiantará! É preciso concretizar, colocar em prática tudo isso.

Já no enunciado (40) o enunciador Expressões: verbo - Jesus o verbo encarnado. O amor conforme o texto de João 1.1,2 e 18 diz: *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. [...] Ninguém jamais viu Deus; o Deus unigênito, que está junto do Pai, é quem o revelou.* A encarnação do verbo. considerado o maior dos mandamentos, sobrepondo até ao decálogo. A diversidade o tijolo - sobre esta pedra, edificarei a minha igreja. o teto da Escritura que é a bússola da comunidade de fé cristã, sua regra de fé e prática - todo discurso nasce do discurso fundador.

Em um movimento anafórico, o ato de trazer de volta determinada palavra ou expressão, temos: *O amor é o alicerce. O respeito o cimento. A diversidade o tijolo. Tudo isso sob o teto da Escritura que é a bússola da comunidade de fé cristã, sua regra de fé e prática.* O discurso inclusivo traz para sim argumentos positivos e debate com o discurso fundamentalista que em nome de Deus e da fé Cristã promove o preconceito e vítima pessoas da população LGBT.

Os enunciados (39) e (40), apresentam a bíblia como infalível, inerrante palavra de Deus. contido *no Novo Testamento, a Escritura da Igreja*. A pregação cristã está firmada no papel salvífico de Deus através de Jesus. Como dizem os teólogos, que desde Gênesis até o Apocalipse, está presente Jesus, o filho de Deus e Messias. Esses livros da bíblia fornece os textos que são fundadores dos enunciados, de dois posicionamentos discursivos, cada qual, a partir desses textos fundadores, de discursos constituintes, são responsáveis de novos enunciados em caráter interdiscursivo cada qual comprometido com a sua competência discursiva, pois “O princípio de uma competência discursiva permite esclarecer um pouco a articulação do discurso e da capacidade dos Sujeitos de interpretar e de produzirem enunciados que decorrem dele” (Maingueneau, 2008, p. 52).

Voltemos então ao que nos disse Maingueneau, ainda em *Sémantique de la polémique (1983)*, e que está em outros livros, como *Gênese do discurso (2008)*. Para Maingueneau, o discurso é sempre resultante de uma construção. Inicialmente, dispomos apenas de um número considerável de textos mais diversos, dispersos no interior de limites muito indefinidos daquilo que se chama, no seu caso, de produção religiosa, de uma época dada.

Esses discursos, posteriormente, dividem-se em regiões, e devem ser caracterizados por um conjunto de traços específicos, relacionados ao mesmo sistema de categorias e de regras, quer dizer, considerados da mesma formação discursiva: “No lugar de ver no discurso uma simples coleção de enunciados, visa-se no sistema que assegura a sua unidade (Maingueneau, 1983, p. 15).

Maingueneau afirma que

A relativa estabilidade estrutural dos diferentes discursos não pode ser pensada independentemente das posições que ocupam no interior de uma rede de inter-relações. Está aqui a importância da noção de campo discursivo: em um conjunto de discursos de uma sincronia dada isola-se um subconjuntos de discursos do mesmo tipo (político, religioso etc.) os quais se acham em concorrência em amplo sentido, isso é, em relação polêmica, em relação de aliança, de neutralidade... No interior do mesmo campo discursivo cada um dos componentes apenas pode colocar sua identidade pela mediação desse sistema de diferenças (MAINGUENEAU, 1983, p. 15).

Nessa perspectiva, a polêmica não constitui um fenômeno contingente, ela somente é a colocação em evidência mais clara do funcionamento normal do campo discursivo: cada discursos trabalha indefinidamente para manter a estabilidade de seus limites, redefinindo suas relações com outros componentes. O campo existe para esse incessante trabalho de delimitação recíproca (Maingueneau 1983, p. 16).

Para o pesquisador, os discursos em relação polêmica apresentam a vantagem de ter seus próprios limites como objeto: a polêmica, relativamente ao processo de regra de exclusão do outro, constitui um meio de reforçar seu próprio fechamento se abrindo ficcionalmente a uma alteridade ameaçadora [...] Designando com precisão seu inimigo e os pontos que esse último ameaça, o discurso em situação polêmica oferece ao analista o meio de o apreender mais eficazmente. Em um espaço discursivo polêmico cada um dos protagonistas pode ser achar em posição de discurso-agente ou de discurso-paciente.

Segundo, Maingueneau (2008, p. 62), as regras para produzir os semas dependem de um operador único que se aplica a alguns eixos semânticos primitivos. Nessa perspectiva, “a formação discursiva não seria um conglomerado mais ou menos consistente de elementos diversos que se uniriam pouco a pouco, mas sim a exploração sistemática das possibilidades de um núcleo semântico” pois essa ideia é compatível com a hipótese do primado da interdiscursividade e da competência discursiva. No entrecruzamento desses dois semas, o Discurso Religioso Fundamentalista e o Discurso Religiosos Inclusivo travam um embate polêmico, numa disputa acirrada em busca de se legitimarem e se estabelecerem enquanto instituição divina, por falar em seu nome, dentro do espaço discursivo. O Fundamentalista por buscar manter-se e não se deixar corromper, já o Inclusivo, como movimento religioso mais recente, busca nessa legitimação, firmar-se enquanto igreja verdadeira como a demais já são.

Por fim, apresentamos o quadro que resume os submodelos semânticos dos dois posicionamentos estudados ao longo deste trabalho: o Quadro 1 que apresentamos o Submodelo Semântico Cristão Fundamentalista e o Quadro 2 em que está o Submodelo Semântico Cristão Inclusivo, além do Quadro 3 que está destacado o modelo semântico do espaço discursivo no qual fundamenta a relação polêmica como interincompreensão: o discurso fundamentalista e o discurso inclusivo.

No discurso religioso cristão fundamentalista o principal sema é a /Salvação/. Pois esta é a preocupação central da igreja cristã no qual justifica a sua missão de ser a igreja de Deus. Estabelecidos os Eixos Semânticos Primitivos, elencamos no eixo, Novos Conceitos  $M_1+$  SALVAÇÃO /inclusão/ (*conversão, pecado*) /lgbt/. Já no eixo Protestantismo /fé/ /igreja/ e /Deus/. Novos Conceitos  $M_1-$  INCLUSÃO aceitar o “pecado”, a /inclusão/ e /lgbt/. No eixo do Protestantismo, estão os seguintes semas: a /fé/ a /não-igreja/ e /Deus/. Esses semas positivos e os semas negativos do Outro no Mesmo. Como traduz os semas do seu Outro negativamente, nesse sentido, os semas positivos do discurso do Mesmo e os semas negativos

do discurso Outro no Mesmo no qual traduz os semas do seu Outro negativamente. Isso não se dá pelo fato de não saber interpretar seu outro, mas de traduzi-lo de forma a criticá-lo e a polemizar.

**Quadro 1: Submodelo Semântico Cristão Fundamentalista**

| <b>Eixos Semânticos Primitivos</b> | <b>M<sub>1</sub>+<br/>SALVAÇÃO</b>                                  | <b>M<sub>1</sub>-<br/>INCLUSÃO<br/>aceitar o “pecado”</b>             |
|------------------------------------|---|---|
| <b>Novos Conceitos</b>             | <b>/inclusão/ conversão, pecado</b>                                 | <b>/inclusão/ sujar imagem Deus, pecado</b>                           |
|                                    | <b>/lgbt/ subjetividade negada, necessidade de converter, mudar</b> | <b>/lgbt/ subjetividade atrelada ao pecado, imago Dei, mundanismo</b> |
| <b>Protestantismo</b>              | <b>/fê/ verdadeira</b>  | <b>/fê/ desviante, vacilante</b>                                      |
|                                    | <b>/igreja/ santa, pura</b>   | <b>/igreja/ não-igreja, apóstata</b>                                  |
|                                    | <b>/Deus/ fala na Bíblia, imutável</b>                              | <b>/Deus/ não-Deus</b>  |

Esses são os principais semas que constituem o discurso religioso cristão fundamentalista. O submodelo desse discurso será considerado completo quando for confrontado com o submodelo do discurso religioso cristão inclusivo. Tendo em vista que não se trata apenas em estudar um único posicionamento discursivo, mas sim, de analisar a relação polêmica construída/estabelecida no espaço interdiscursivo no qual os posicionamentos do discurso religioso cristão fundamentalista e o discurso religioso cristão inclusivo são constituídos como discursos num mesmo espaço discursivo.

Já no discurso Religiosos Inclusivo, consideramos como principal sema a /Inclusão/. Elegemos os Eixos Semânticos Primitivos M<sub>2</sub>+ /INCLUSÃO/. Subdividimos em duas categorias: Novos Conceitos e Protestantismo. Iniciamos pela categoria de Novos Conceitos, tomando os semas /inclusão/ e /lgbt/. Na categoria Protestantismo, os semas que surgiram foram a /fê/ a /igreja/ e /Deus/. Semas positivos do discurso do Fundamentalista. M<sub>2</sub>- /SEGREGAÇÃO<sup>21</sup>/ (preconceito). Seguimos o modelo: em Novos Conceitos, foram os semas

<sup>21</sup> Segregar, segregação: Isolamento forçado de um grupo para o afastar do grupo principal ou de outros; discriminação.

a /exclusão/ e /lgbt/. Já no eixo Protestantismo, surgiram os semas a /fé/ a /igreja/ e /Deus/. Os semas positivos do discurso do Mesmo e os semas negativos do discurso Outro no Mesmo no qual traduz os semas do seu Outro negativamente. Isso não se dá pelo fato de não saber interpretar seu outro, mas de traduzi-lo de forma a criticá-lo e a polemizar.

**Quadro 2: Submodelo Semântico Cristão Inclusivo**

| <b>Eixos Semânticos Primitivos</b> | <b>M<sub>2</sub>+<br/>INCLUSÃO</b>                                      | <b>M<sub>2</sub>-<br/>SEGREGAÇÃO<br/>preconceito, rejeitar</b> |
|------------------------------------|---|--|
| <b>Novos Conceitos</b>             | <i>/inclusão/</i>   | <i>/exclusão/</i>  |
|                                    | <b>/lgbt/ subjetividade entendida,<br/>crente, fiel</b>                 | <b>/lgbt/ “pecadores” desprovidos da<br/>‘graça’.</b>          |
| <b>Protestantismo</b>              | <i>/fé/ viva</i>  | <i>/fé/ literalista e sem amor</i>                             |
|                                    | <b>/igreja/ resignificada</b>   | <b>/igreja/retrógrada<br/>aparelho ideológico de exclusão</b>  |
|                                    | <b>/Deus/ amável<br/>fala na bíblia, reconsidera novas<br/>questões</b> | <b>/Deus/ fala na bíblia, arrogante,<br/>preconceituoso</b>    |

Na sua hipótese de Competência Discursiva, Maingueneau (2008, p. 22), destaca a grade de restrições semânticas como relevante na análise que incidem na semântica global dos discursos analisados. Isto é, certa forma, de duas formações discursivas, nos quais apresentamos como dois posicionamentos discursivos, num mesmo espaço discursivo. O discurso não deve ser pensado somente como um conjunto de textos apenas, mas, sobretudo, deve ser tomado como uma prática discursiva em que:

o sistema de restrições semânticas, para além do enunciado e da enunciação, permite tornar esses textos comensuráveis com a “rede institucional” de um “grupo”, aquele que a enunciação discursiva ao mesmo tempo supõe e torna possível (MAINGUENEAU, 2008, p. 22, 23).

Podemos considerar que as regras das restrições semânticas, que tanto o discurso Religioso Inclusivo quanto o discurso Religioso Fundamentalista está em total consonância

com as regras que regem a semântica dos dois discursos no espaço discursivo nos quais estão apresentadas no quadro do submodelo semântico deste posicionamento discursivo que demonstra como se dá a relação de polêmica como interincompreensão nesses discursos.

**Quadro 3: Modelo Semântico do Espaço Discursivo: Fundamentalista e Inclusivo**

| Posicionament<br>os<br>Discursivos | Modelo Semântico Cristão<br>Fundamentalista |   | Modelo Semântico Cristão Inclusivo      |   |
|------------------------------------|---|---|---|---|
|                                    | M <sub>1</sub> <sup>+</sup><br>SALVAÇÃO     | M <sub>1</sub> <sup>-</sup><br>INCLUSÃO | M <sub>2</sub> <sup>+</sup><br>INCLUSÃO | M <sub>2</sub> <sup>-</sup><br>SEGREGAÇÃO |
| Novos<br>Conceitos                 | /inclusão/                                  | /inclusão/                              | /inclusão/                              | /exclusão/                                |
|                                    | /lgbt/                                      | /lgbt/                                  | /lgbt/                                  | /lgbt/                                    |
| Protestantism<br>o                 | /fé/  | /fé/                                    | /fé/                                    | /fé/                                      |
|                                    | /igreja/                                    | /igreja/                                | /igreja/                                | /igreja/                                  |
|                                    | /Deus/                                      | /Deus/                                  | /Deus/                                  | /Deus/                                    |
|                                    | Rejeição                                    | Aceitação                               | Aceitação                               | Rejeição                                  |

Consideramos que os dois posicionamentos discursivos analisados nesta pesquisa, compartilham do mesmo espaço discursivo, além de apresentarem a mesma grade semântica que se recusam mutuamente, demonstrando aí, a relação da polêmica como interincompreensão.

O discurso religioso cristão Inclusivo existe enquanto negação das regras que regem a semântica do discurso religiosos cristão Fundamentalista. isto é, que trata-se de uma relação interdiscursiva em que a base da ligação entre os dois discursos materializados no espaço discursivo está em busca de sua legitimidade, neste caso, de ser a igreja fiel e verdadeira (a Igreja como instituição divina).

A cada posição discursiva, segundo Maingueneau (2008, p. 100), se associa um dispositivo que a faz interpretar os enunciados de seu Outro, traduzindo nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema. Em outras palavras, os enunciados do outro só são “compreendidos” no interior do fechamento semântico do seu intérprete; para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que dele constrói. (MAINGUENEAU, 2008, p. 100).

Enunciados que remetem à Exclusão e Enunciados que remetem à Inclusão. Poderíamos começar com os próprios nomes das igrejas cristãs inclusivas que de onde selecionamos os enunciados que formam o conjunto do que apresentamos como Discurso Religioso Cristão Inclusivo.

Os posicionamentos discursivos DR Fundamentalista e o DR Inclusivo tomam como pauta de polêmica discursiva em torno desses dois semas. Pois conforme apresenta Maingueneau (2008, p. aa), quando se instaura a polêmica, não há apenas semas que apresentam a divergência no debate, mas também aquilo que os ligam dentro do mesmo campo discursivo. Assim, semas como EXCLUSÃO, INCLUSÃO, LGBT, Deus, fé, igreja, bíblia são, sobretudo, possíveis de estabelecimento de diálogos. Entretanto, cada posicionamento discursivo os apresenta tal qual a circunscrição de sua formação discursiva.

Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões conforme diz Louro (2013, p. 16). Isto quer dizer que “A visibilidade e a materialidade desses sujeitos parecem significativas por evidenciarem, mais do que outros, o caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades” (LOURO, 2013, p.23).

No debate polêmico estão em jogo várias concepções de legitimidade e representatividade da voz de Deus, no discurso religioso fundamentalista cristão e no discurso religioso inclusivo cristão tensões que podem ser percebidas através da análise da semântica desses dois posicionamentos discursivos em torno dos semas primitivos Exclusão e Inclusão em torno da subjetividade da população LGBT.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, neste estudo, aspectos da interdiscursividade dos enunciados polêmico-religiosos em torno das sexualidades e identidades de gêneros dissidentes de dois posicionamentos discursivos analisados. Para esta finalidade, elaboramos um quadro com os principais semas que constituem nas grades semânticas dos dois discursos apresentados: o discurso religioso de igrejas cristãs protestantes fundamentalistas e o discurso religioso de igrejas cristãs inclusivas. Assim, na análise dos discursos em relação polêmica, partiu-se do conceito de semântica global dos dois posicionamentos discursivos constituídos no interior do campo religioso.

O estudo aqui desenvolvido a respeito do discurso religioso, não pretendeu analisá-lo apenas como uma prática social, mas sim, sobretudo, como prática discursiva dos posicionamentos discursivos quanto ao seu funcionamento no interior de um interdiscurso. De um lado representados pelo discurso religioso de igrejas cristãs protestantes conservadoras e fundamentalistas e de outro lado, de discursos religiosos de igrejas cristãs inclusivas, orientadas pela construção do sujeito em sua historicidade, mais especificamente, analisados a partir da constituição dos sujeitos através da Teologia Queer surgidas recentemente e que tem ganhado adeptos.

Assim, enfocamos o tema da polêmica constitutiva, que rege essas duas formas de discurso religioso do cristianismo protestante em torno do tema das sexualidades dissidentes e das identidades de gêneros dissidentes, mais especificamente das questões relativas às subjetividades de sujeitos da população LGBT.

Assim, buscou-se de verificar como esses dois discursos se relacionam na história das igrejas cristãs protestantes, pois os dois posicionamentos discursivos pertencem à mesma matriz religiosa, neste caso, a matriz religiosa cristã protestante. Na análise pretendida, não buscamos uma leitura linear, pois ao analisar os dois posicionamentos discursivos, a partir do conceito de polêmica, já estamos diante de dois discursos que exigem uma leitura para além da linearidade. Foram relevantes a apresentação das bases históricas e teóricas das Teorias do Discurso e do Discurso Religioso que interrelacionam com Língua, Linguagem e Discurso, a Subjetividade, interdiscurso e polêmica e a atualização das ideologias inerentes ao discurso religioso.

No que diz respeito ao Discurso Religioso, propriamente dito, fizemos uma visada em perspectivas dos pontos de vista fundamentalista e inclusivo. Assim, Pudemos relacionar a Igreja, linguagem e ideologia; na busca de compreender as bases de uma hermenêutica fundamentalista à uma análise discursiva da Bíblia em que se destaca o discurso religioso na perspectiva cristã católico-protestante e neopentecostal. No sentido de entender como são os sujeitos que vivenciam a fé cristã, a Igreja e sexualidade. Buscamos nos estudos da Teoria Queer, embasamento teórico para compreender os sujeitos das sexualidades não heteronormativas e cisnormativas, mas sim, as sexualidade dissidentes.

Em nossa análise, percebemos que a práticas discursivas das igrejas cristãs fundamentalistas católico-protestantes vivem em debate constante, e isso pode ser visto, a partir de polêmica como interincompreensão, como destaca Maingueneau (2008) com relação às práticas discursivas das Igrejas Inclusivas. Abordando os aspectos do funcionamento do discurso religioso sobre as sexualidades dissidentes.

O discurso religioso fundamentalista, torna-se de uma discussão como pauta política negativa para comunidade LGBT, pois em sua interpretação dos textos bíblicos, acabam por excluir os sujeitos dessa população. Ressalte-se que um dos papéis da igreja, além dos espirituais, é o cumprimento de seu um papel social. Assim, seus discurso exerce apagamento dos sujeitos dessa população como um ser, uma pessoa, um cidadão e cidadã. Em consequência, deixa de reconhecer, portanto, a sua subjetividade.

Enfatizamos que na função de analista, a partir dos posicionamentos discursivos, buscamos compreender o que ocorre no interior do interdiscurso e como se estabelece a polêmica entre dois posicionamentos discursivos, tal qual Silva (2006, p. 110) apresenta que na análise de dois movimentos que disputam o mesmo espaço discursivo, o mais importante é, justamente, a relação interdiscursiva.

Como já apresentamos, ainda no campo do discurso religioso, há também outros posicionamentos discursivos, quanto à temática das sexualidade dissidentess e das identidades de gênero em outras religiões como o Judaísmo, o Islamismo como também de outros movimentos na Igreja Católica Apostólica Romana que lutam pelos direitos da população LGBT.

Assim, não partimos de generalizações, mas apenas isolamos o espaço discursivo, orientado por Maingueneau (2008), para fins desta pesquisa; mas reconhecemos outras possibilidades de construções de espaços discursivos que podem ser realizadas.

Por fim, retomo a discussão feita ao longo da dissertação e que teve como base a Polêmica como Interincompreensão na relação interdiscursiva que atravessa e constitui os dois posicionamentos analisados. Considerando que o discurso da Igreja Cristã de matriz protestante e o discurso das chamadas Igrejas Inclusivas não sejam duas religiões distintas, mas sim, vertentes de dissidências do cristianismo protestante, há portanto, uma polêmica entre elas em relação ao sujeito cristão LGBT que professa sua fé/religiosidade, mas que também se entende como sujeito que tem direito à sua condição/posição no que se refere a sua sexualidade.

A sociedade precisa/deve entender que existem novas configurações referentes à sexualidades desviantes/dissidentes na sociedade moderna: orientações e identidades de gêneros. Logo, entender que novas configurações já não devem ser vistas, e apenas aceitas, mas sobretudo, entendidas como mais uma forma de viver a sexualidade humana.

Diante do exposto, observa-se que por trás dos estereótipos e falsas crenças que existem a respeito de pessoas da população LGBT, são determinantes as crenças e ideologias religiosas, em especial, aquelas de matriz cristã católico-protestante, no que tange à diversidade sexual, nas quais a orientação sexual e identidade de gênero.

A vivência da população LGBT para compreensão dos principais desafios colocados à garantia de seus direitos. A partir de suas experiências, faz uma revisão em aspectos específicos de exclusão, discriminação ou desigualdade vividos por esses sujeitos, com ênfase em estratégias para a garantia e promoção de seus direitos.

Enfim, a maturidade da igreja cristã levará a uma postura respeitosa no combate ao preconceito da população LGBT na sociedade que, com base em preceitos religiosos, cristalizados através da interpretação literalista da bíblia, condenam, rejeitam e julgam sujeitos por causa de sua orientação sexual e identidade de gênero.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

**Adão e Ivo** Toinho de Aripibú. Disponível em:  
<<https://www.letras.mus.br/toinho-de-aripibu/1216833/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes Editores, 1989.

BERKHOF, Louis. **Princípios de interpretação bíblica**. Tradução de Denise Meister. 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

BÍBLIA, Português. **A bíblia sagrada: antigo e novo testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BRASIL. **PLC 122/2006, Projeto de lei da câmara**. Disponível em:  
[http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p\\_cod\\_mate=79604](http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=79604). Acesso em: 10 ago. 2014.

CÂNON BÍBLICO. In: Wikipedia. Disponível em:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Canon\\_bíblico](https://pt.wikipedia.org/wiki/Canon_b%C3%ADblico)>. Acesso em: 30 jun. 2018.

CERVONI, Jean. **A enunciação**. São Paulo: Ática, 1989.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da Tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

COLLING, Leandro. (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: Edufba, 2011.

\_\_\_\_\_. **Teoria Quer: mais definições em trânsito**. Disponível em:  
<http://documents.tips/documents/teoriaqueer-leandro-colling.html>. Acesso em: 05 out. 2016.

ESPÍRITO SANTO, DIREITOS HUMANOS. **Homofobia, lesbofobia e transfobia**. Disponível em: <http://www.rcdh.es.gov.br/pagina/homofobia-lesbofobia-e-transfobia>. Acesso em: 29 ago. 2017.

FERREIRA, Valdinei Aparecido. **Homoafetividade e fé cristã**. Revista Teologia e Sociedade. Faculdade de Teologia de São Paulo. Vol. 1, nº 10 (outubro 2013). São Paulo: Pendão Real, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

GEISLER, Norman. **Teologia sistemática: introdução à teologia - a bíblia - Deus - a criação**. Traduzido por Marcelo Gonçalves e Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

HAGGLÜND, Bengt. **História da teologia**. Porto Alegre: Editora Concórdia, 1999.

HOFFMAN, Miller; MILLER, Aron. (EdS.). **Metropolitan community churches inclusive: language guidelines. (Diretrizes de linguagem inclusiva das igrejas da comunidade metropolitana)**. Disponível em: <https://mccchurch.org/files/2017/02/MCC-Inclusive-Language-Guidelines-2017.pdf>. Acesso em 10 jan 2018.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 2006.

LAURENTI, Ruy. **Homossexualismo e a classificação internacional de doenças**. In: Revista de Saúde Pública - On-line version ISSN 1518-8787. Disponível em: . <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89101984000500002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101984000500002)>. Acesso em: 11 set. 2017.

LOPES, Augustus Nicodemus. **O dilema do método histórico-crítico na interpretação bíblica**. FIDES REFORMATATA, X, N° 1. Campinas, 2005. 115-138 pp.

LOURO, Lopes Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MARX, Karl. **O capital. crítica da economia política**. vol. I/1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MAINGUENEAU, Dominique. **Introdução à linguística**. Lisboa: Editorial Gradiva, 1997.a

\_\_\_\_\_. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes/Ed. Unicamp, 1997.b

\_\_\_\_\_. **Sémantique de la polémique**. Lausanne: L'Age d'homme, 1983.

\_\_\_\_\_. **Termos-chaves da análise do discurso.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. **Analisando discursos constituintes.** Trad. Nelson Barros da Costa. Revista do GELNE: Vol. 2 No. 2, 2000.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso: uma entrevista com dominique maingueneau.** Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 4, n. 6, março de 2006. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931  
[[http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel\\_6\\_entrevista\\_maingueneau\\_port.pdf](http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_6_entrevista_maingueneau_port.pdf)].

\_\_\_\_\_. **Gênese dos discursos.** Trad. S. Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Perplexidades e perspectivas da linguística na virada do milênio.** In: Língua, Linguística e Literatura. Volume 1, nº 03. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. UFPB, João Pessoa, 2005. pp. 11-36.

MUSSKOPF, André Sidnei. **A teologia que sai do armário: um depoimento teológico.** Revista Impulso, Piracicaba, 14(34): 129-146, 2003.

\_\_\_\_\_. **Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no brasil.** Orientador Rudolf von Sinner. São Leopoldo: EST/PPG, 2008.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** Campinas: Pontes, 1996.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso.** In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). Introdução à linguística III: domínios e fronteiras. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 353-392.

\_\_\_\_\_. **Questões para analistas do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Valdeci da Silva. **Uma perspectiva cristã sobre a homossexualidade.** Fides Reformata. VII. nº 1. 2003, p. 99-132.

SILVA, Edvânia Gomes da. **Os (des)encontros da fé: análise de dois movimentos da Igreja Católica.** (Tese de Doutorado). Campinas: Unicamp, 2006.

\_\_\_\_\_. **Competência discursiva e a polêmica na constituição do discurso religioso.** In: POSSENTI, Sírio; BARONAS, Roberto Leiser. (Orgs.). Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso do Brasil. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008. pp. 27-48.

SILVESTRE, Armando Araújo. **Fundamentalismo e fundamentalismo religioso.** Disponível em: <<https://www.infoescola.com/religiao/fundamentalismo/>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

TAMAYO, Juan José. **Fundamentalismo y diálogo interreligioso.** Disponível em: <<https://app.luminpdf.com/viewer/iTaGZjQBAPRkNyxJg>>. Acesso em: 10 set. 2017.

TOURAINÉ. Alain. **Crítica da modernidade**. Trad. Elia Ferreira Edel. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Igualdade e diversidade: o sujeito democrático**. Tradução de Modesto Florenzano. São Paulo: EDUSC, 1998.

\_\_\_\_\_. **El sujeto. Un nuevo paradigma para comprender el mundo de hoy**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

## REFERÊNCIAS DO ARQUIVO

ALGUÉM Acreditou Neles. **Folha Universal**, Rio de Janeiro, 6 ago. 2000. n. 1.134. Semanal. 29/dez/13-04/jan/2004. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0007247975f04b26135d8>. Acesso em: 25 jun. 2018.

VOCÊ Aprova. **Folha Universal**, Rio de Janeiro, 6 ago. 2000. n. 998. Semanal. 22-28/mai/2011. “Você Aprova?”. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/000724797c45789e96335>. Acesso em: 25 jun. 2018

IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA - São Paulo. Site. Disponível em: <http://www.icmsp.org/index.php>. Acesso em: 29 ago. 2017.

IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA.- Rio de Janeiro. Site. Disponível em: <http://www.icmrio.com/>. Acesso em: 10 ago. 2017.

MALAFAIA, Silas [entrevista]. In: **De frente com Gabi**. Entrevistado por Marília Gabriela. [São Paulo]: SBT, 200-. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Myb0yUHdi14>. Acesso em: 10 ago. 2017.

MALAFAIA, Silas [entrevista]. In: **Programa Superpop**. Entrevistado por Luciana Gimenez. [São Paulo]: Rede TV, 200-. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ek86ptLft6E>. Acesso em: 10 ago. 2017.

O MESMO AMOR. Direção: VALLE, Paulo do et al. Campinas, 2001. Disponível em: <http://cinebabado.blogspot.com/2013/04/documentario-o-mesmo-amor-2013.html>. Acesso em: 10 ago. 2017.

**ANEXOS**



1998  
 02.02.2014  
 3.400.250

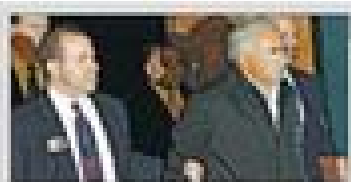
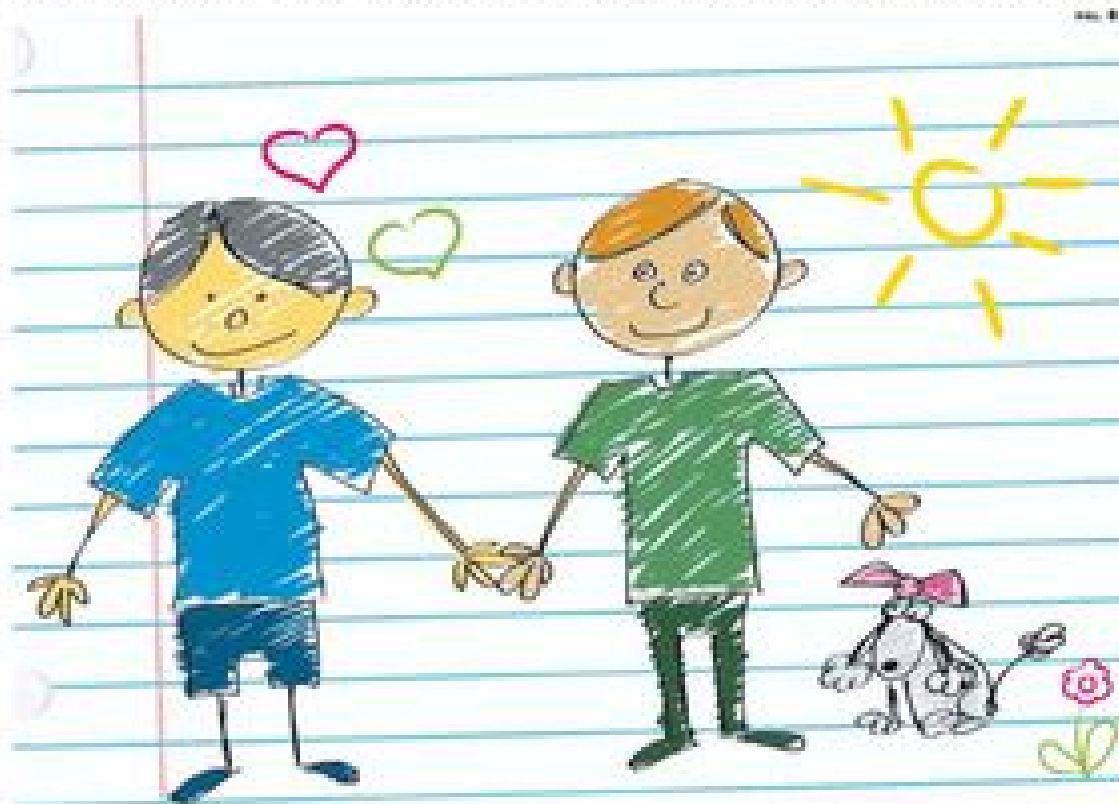
# Folha Universal

1992

www.folhauniversal.com.br

## VOCÊ APROVA?

Vídeos e livros em defesa ao homossexualismo serão distribuídos nas escolas públicas e provocam indignação nas famílias brasileiras. A polêmica levantou uma questão: as autoridades têm direito de passar orientação sexual às nossas crianças?



### EM MAUS LENÇÓIS

Diretor do FMI e provável candidato à presidência da França, Dominique Strauss-Kahn, é preso acusado de estupro

ma. 4

### SELEÇÃO DE NOTÍCIAS

Estreia segunda-feira o inovador "Jornal da Record News", com Haroldo Barreto e um time de dez notáveis da sociedade

ma. 14





*print:* Documentário - O Mesmo Amor - Igreja para Todos



*print:* Documentário - O Mesmo Amor (Pr. Joyde, ex-travesti)



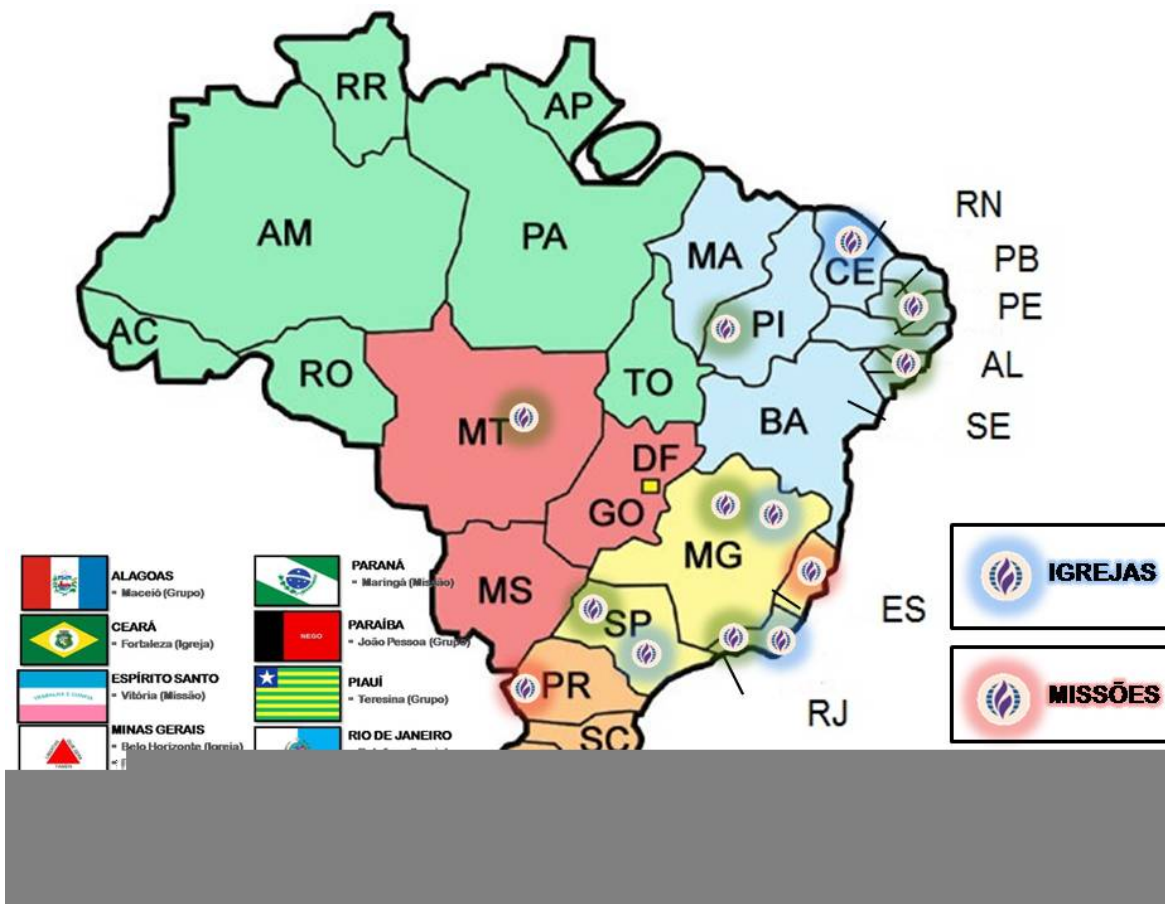
*print:* Site da Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo



*print:* Site da Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro



*print:* Site da Igreja da Comunidade Metropolitana de Vitória



Distribuição das ICMS no Brasil  
 Fonte: Site ICM São Paulo